



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JANDERSON MEIRELES BEZERRA

**AS REDES COMERCIAIS DA PESCA E O URBANO NO AMAZONAS: O CASO DA VILA
DE COPATANA, MUNICÍPIO DE JUTAÍ – AM.**

MANAUS

2018

JANDERSON MEIRELES BEZERRA

**AS REDES COMERCIAIS DA PESCA E O URBANO NO AMAZONAS: O CASO DA VILA
DE COPATANA, MUNICÍPIO DE JUTAÍ – AM.**

**Dissertação de Mestrado em Geografia
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia do Instituto de
Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal do Amazonas, para a
obtenção do título de Mestre em Geografia.**

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Schor

MANAUS

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B574a Bezerra, Janderson Meireles
As redes comerciais da pesca e o urbano no Amazonas: o caso da Vila de Copatana, município de Jutai-AM. / Janderson Meireles Bezerra. 2018
140 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Tatiana Schor
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Rede Urbana. 2. Alto Solimões. 3. Vila de Copatana. 4. Redes de Pesca. I. Schor, Tatiana II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às quatro pessoas que mais me importam hoje: João Bezerra da Silva (pai), Lucilene da Silva Meireles (mãe), Luziene Neves da Silva (esposa) e mais que especial ao meu filho querido Gabriel da Silva Bezerra nascido no final deste processo de escrita da dissertação.

AGRADECIMENTOS

A caminhada até aqui não foi nada fácil, várias vezes pensei que não iria conseguir finalizar o trabalho. Todos temos problemas para resolver à todo momento, mas certas vezes deixei os problemas serem maior do que eram na realidade. Na verdade eu procurava alibis (desculpas) para me convencer de que eu não conseguia mais continuar. Mas, com os incentivos de colegas e de minha orientadora consegui me motivar e finalizar este trabalho. Com isso, tenho muito que agradecer algumas pessoas e órgãos por cada contribuição para que fosse possível a realização da pesquisa e do processo do mestrado como um todo.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora na graduação a Professora Mestra Viviane Pimentel Moscardine Sussumo e o seu esposo o Professor Mestre Leonardo de Oliveira Mendes, ambos me incentivaram até o último momento para concorrer à seleção de mestrado do período 2014-2015. Agradeço aos meus colegas de graduação que também me incentivaram e juntos conseguimos passar nesta seleção de mestrado, são eles: Massilene Mesquita, Nágila dos Santos Situba e Sthephano Mhae Alves Fernandes.

Agradeço à Suziane dos Santos Situba por ter concedido moradia nos primeiros meses de mestrado e, posteriormente, agradeço aos meus tios Heliomar da Silva Meireles e Maria Auxiliadora da Silva Meireles que me abrigaram em sua residência sempre que precisei.

Devo singelos agradecimentos ao NEPECAB e seus membros, principalmente aos professores José Aldemir de Oliveira e Paola Verri de Santana pelas dicas sobre a pesquisa.

Agradeço ao PPGEOP/UFAM pela oportunidade, em especial à sua secretária – Dona Graça Luzeiro, pois esta sempre se dispôs à ajudar e não mediu esforços.

Durante as pesquisas de campo na Vila de Copatana e na cidade de Jutai existem muitas pessoas às quais tenho que agradecer, citarei apenas algumas: primeiramente agradeço ao Sr. "Teca" por ter me concedido abrigo nos primeiros campos em Copatana; ao Sr. Edinézio que me apresentou a Vila no primeiro trabalho de campo; à Jéssica (moradora da Vila) que muitas vezes me abrigou em sua casa; ao professor Wallesson (morador da cidade de Jutai) que algumas vezes me abrigou em sua casa em Jutai. Agradeço, principalmente, aos oito pescadores/monitores (cujo nomes completos estão no tópico 2.1.3 desta dissertação) e, especialmente ao Sr. Guidó, sem os quais não seria possível

realizar a pesquisa sobre o comércio de pescado em Copatana. Agradeço à Escola Municipal São Sebastião de Copatana, juntamente com seus funcionários (gestora, pedagoga, professores, secretário e merendeiras – principalmente estas, pela maravilhosa merenda que elas fazem) e alunos por terem me permitido propor e aceitarem a realização da atividade de elaboração de croquis da Vila.

Enfim, agradeço à minha família (pai, mãe, irmãos e esposa) pelo apoio e incentivo para a conclusão do Mestrado. E, não poderia esquecer, agradeço fortemente à minha Orientadora a Profa. Dra. Tatiana Schor, sem a qual, eu não estaria aqui nesse momento escrevendo tantos agradecimentos. A professora Tatiana Schor foi quem me aceitou para ser o seu orientando (juntamente com o Sthephano M. A. Fernandes) entre tantos outros candidatos. Não esqueço que foi ela quem também me mandou para uma terra desconhecida pra mim onde nunca tinha pisado antes (a Vila de Copatana no rio Jutáí). Pagou apenas minha passagem e concedeu algumas diárias e me “jogou” no Alto Solimões “sem pai nem mãe” (risos). Apesar de tudo, agradeço muito pela oportunidade, pude conhecer outros lugares e muitas pessoas. Serei eternamente grato à pessoa Tatiana Schor, pois ela me acolheu e me ajudou a sair desse processo que é o curso de Mestrado.

FINANCIADORES

Agradeço o apoio das seguintes instituições:

Para realização desta pesquisa, contou-se com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que custeou a bolsa de estudo durante 24 meses (03/2015 a 03/2017) no valor total de R\$ 36.000,00.

Ao projeto CNPQ Universal – segurança alimentar, a vulnerabilidade hidrológica e o comércio: um estudo – diagnóstico do papel das vilas na microrregião do Alto Solimões, Amazonas. Número do processo: 441618/2014-6. Este projeto ajudou a custear as diárias de campo.

A Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas – FAPEAM; por meio do projeto FAPEAM Universal Amazonas, edital 30/2013 – Segurança Alimentar e rede urbana na Amazônia: um estudo – diagnóstico das vilas na microrregião do Alto Solimões, Amazonas.

Na chamada 062.00790/2015 ao ter contribuído com o custeio de passagens durante o mestrado.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia – NEPECAB; e da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

O NEPECAB contribuiu com diárias para trabalho de campo, financiadas pelo PRONEX/FAPEAM – NEPECAB - “Cidades Amazônicas: dinâmicas espaciais, rede urbana local e regional”; e a Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

RESUMO

A Amazônia de forma geral, em termos de ocupação humana, é conhecida como um vazio demográfico, mas sabe-se hoje que esse discurso não procede. Existem registros históricos que comprovam que a Amazônia sempre foi ocupada por povos que viviam na região. As várzeas amazônicas eram tão povoadas que estes povos migravam para povoar o resto do continente Sul-Americano, como afirma Fausto (2010, p. 31) "De sua várzea, tão rica quanto disputada por uma população sempre crescente, teriam partido levadas migratórias que iriam povoar a América do Sul". Neste contexto imaginário de "vazio demográfico" nos chama a atenção o processo contemporâneo de urbanização a qual este bioma se insere. Neste processo ressaltam-se as Vilas no Alto Solimões/Amazonas com população total acima de mil habitantes.

Neste trabalho trataremos sobre a Vila de Copatana, localizada na microrregião do Alto Solimões/Amazonas pertencente ao município de Jutaí. A região possui a agricultura como principal fonte de renda, contudo, foi pelo viés da pesca que melhor conseguimos descrever as relações existentes entre a cidade e a Vila. Neste sentido, o trabalho teve como principal objetivo compreender por meio das redes comerciais de pesca o papel da Vila de Copatana na estruturação da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. Para alcançar tal objetivo, foi de suma importância a implantação de um monitoramento foi uma das opções que pensamos e realizamos como uma das formas de colher dados primários, neste caso, de pesca. O monitoramento foi inspirado nos trabalhos de Van-Vliet *et al.* (2015) e Tavares-Pinto (2015), ambos realizaram suas pesquisas sobre as redes de caça de animais selvagens na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia.

Devido à quase inexistência de dados secundários específicos para o local os trabalhos de campo realizados na Vila de Copatana foram cruciais para a pesquisa e o entendimento dos processos que ocorrem. Ao final da pesquisa chegou-se à conclusão de que a rede comercial da pesca e o urbano no Amazonas está totalmente interligado desde a Vila de Copatana, no município de Jutaí, às cidades como Tabatinga e Manaus ou outras cidades fora do estado e do país por meio de diversas redes comerciais de pesca.

Palavras-chave: Rede Urbana, Alto Solimões, Vila de Copatana, Redes de pesca.

ABSTRACT

The Amazon in general, in terms of human occupation, is known as a demographic void, but it is known today that this discourse does not proceed. There are historical records that prove that the Amazon was always occupied by people who lived in the region. The Amazonian floodplains were so populated that these peoples migrated to populate the rest of the South American continent, as Fausto states (2010, 31). "From their floodplains, as rich as they were fought by an ever-growing population, would have led to migratory waves that would populate the South America". In this imaginary context of "demographic", we are struck by the contemporary process of urbanization to which this biome belongs. In this process the Vilas in Alto Solimões / Amazonas, with a total population of more than 1.000 inhabitants.

In this work we will deal with the Copatana Village, located in the Alto Solimões / Amazonas microregion belonging to the municipality of Jutai. The region has agriculture as the main source of income, however, it was the fishing bias that best describes the relationship between the city and the village. In this sense, the main objective of this work was to understand, through commercial fishing networks, the role of Copatana Village in the structuring of the urban network of the Alto Solimões / Amazonas microregion. In order to achieve this objective, it was extremely important to implement monitoring. This was one of the options we thought and carried out as one of the ways of collecting primary data, in this case, fishing. Tracking was inspired in the works of VanVliet et al. (2015) and TavaresPinto (2015), both conducted their research on wild animal hunting networks on the Brazil-Peru-Colombia triple border.

Due to the lack of specific secondary data for the site, the field work carried out in the town of Copatana was crucial for the research and understanding of the processes that occur. At the end of the research, it was concluded that the commercial fishing network and the urban network in Amazonas are totally interconnected from the town of Copatana, in the municipality of Jutai, to cities like Tabatinga and Manaus or other cities outside the state and the country through commercial fishing networks.

Keywords: Urban Network, Alto Solimões, Copatana Village, Fishing nets.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Município de Jutai

Figura 2 – Mapa de Relevo da Região de Jutai

Figura 3 – Mapa de Solos da Região de Jutai

Figura 4 – Localização da Vila de Copatana

Figura 5 – Sr. Francisco Abel

Figura 6 – Ponte que interliga os dois lados da Vila, a primeira registrada no período da seca e a segunda imagem (após uma reforma) registrada na época da cheia.

Figura 7 – Posto de Saúde; Escola Municipal; “Porto” e a Praça São Sebastião

Figura 8 – Pontão Carvalho na Vila de Copatana

Figura 9 – Parte da beira de Copatana na enchente do rio Jutai

Figura 10 – Parte da beira de Copatana na Cota Mínima do rio Jutai

Figura 11 – Dinâmica do Porto de Jutai com a chegada do Barco José Lemos

Figura 12 – Mercadinho Dona Alda, Vila de Copatana

Figura 13 – Gênero dos moradores de Copatana por Faixa Etária

Figura 14 – Principal fonte de renda dos entrevistados na Vila

Figura 15 – Atividades desenvolvidas na cidade de Jutai pelos moradores da Vila

Figura 16 – Frequência de ida à cidade

Figura 17 – Tempo de permanência dos moradores da Vila na cidade de Jutai

Figura 18 – Catraias dos moradores de Copatana que fazem o trajeto entre a Vila e a cidade

Figura 19 – Período que os moradores da Vila mais frequentam a cidade

Figura 20 – Variação do preço dos produtos na Vila em diferentes períodos do ano

Figura 21 – Variação do preço do feijão na cidade de Manaus em 2016

Figura 22 – Variação do preço do feijão nas capitais das regiões brasileiras

Figura 23 – Simulação de Pesagem de Ouro no flutuante do Sr. Guidó

Figura 24 – O ouro da “rainha do Jutai”

Figura 25 – Projetos: “Cidadão Digital” e “DO RE MI”

Figura 26 – Principais espécies de peixes de escama pescado em Copatana

- Figura 27 – Principais espécies de peixes de escama vendidas em Copatana
- Figura 28 – Principais espécies de bagres pescadas na Vila de Copatana
- Figura 29 – Flutuante do Sr. Guidó
- Figura 30 – Dados de compra de pescado realizado pelo Sr. Guidó
- Figura 31 – Pesagem de bagres no flutuante do Sr. Guidó
- Figura 32 – Sardinhas compradas pelo Sr. Guidó
- Figura 33 – Freezer do Sr. Guidó cheio de pacu
- Figura 34 – “Canoão” do Sr. Guidó com os freezers
- Figura 35 – Dinâmica do comércio de pescado da Vila de Copatana/Jutaí
- Figura 36 – Financiamento da pesca e da compra do pescado da Vila de Copatana
- Figura 37 – Sede da Colônia de Pescadores de Jutaí Z-60
- Figura 38 – “Pulsar” para a captura de Alevinos de Aruanã
- Figura 39 – Alevinos de Aruanã na “bolsa de sulamba”
- Figura 40 – Acará-disco do “viveiro” do Kaká
- Figura 41 – Câmara de armazenamento do Frigorífico do “Lorinho” em Jutaí
- Figura 42 – Túnel de congelamento do Frigorífico do “Lorinho” em Jutaí
- Figura 43 – Vila de Copatana: entre Terras Indígenas e Unidades de Conservação
- Figura 44 – Frigorífico do Sr. Lorinho
- Figura 45 – Frigorífico, Fábrica de Gelo e Pontão Coelho

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma dos trabalhos de campo realizados na Vila de Copatana e cidade de Jutai ao longo da pesquisa.

Tabela 2 – Estabelecimentos comerciais de Copatana, Fevereiro/2016.

Tabela 3 – Variação de preço dos produtos na Vila nos períodos de Enchente e de Vazante.

Tabela 4 – Preço dos produtos e serviços do garimpo na Vila de Copatana, 2016.

Tabela 5 – Modelo de monitoramento da comercialização do pescado a ser preenchido pelo pescador.

Tabela 6 – Dados de monitoramento de pesca: Março de 2016.

Tabela 7 – Dados de monitoramento de pesca: Abril de 2016.

Tabela 8 – Dados de monitoramento de pesca: Maio de 2016.

Tabela 9 – Dados de monitoramento de pesca: Junho de 2016.

Tabela 10 – Dados de monitoramento de pesca: Julho de 2016.

Tabela 11 – Dados de monitoramento de pesca: Agosto de 2016.

Tabela 12 – Dados de monitoramento de pesca: Setembro de 2016.

Tabela 13 – Dados de monitoramento de pesca: Outubro de 2016.

Tabela 14 – Dados de monitoramento de pesca: Novembro e Dezembro de 2016.

Tabela 15 – Tabela de preços do Frigorífico do Sr. Lorinho.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBR – Cesta Básica Regionalizada
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
ESEC – Estação Ecológica
FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
GOLD COOP – Cooperativa de Garimpeiros e Mineração
IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INSS – Instituto Nacional de Seguro Social
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
NEPECAB – Núcleo de Estudos e Pesquisas nas Cidades da Amazônia Brasileira
PPGEOG – Programa de Pós-Graduação em Geografia
PROVÁRZEA – Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea
RDS – Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RESEX – Reserva Extrativista
SIE – Serviço de Inspeção Estadual
SIF – Serviço de Inspeção Federal
TI – Terra Indígena
UC – Unidade de Conservação
UFAM – Universidade Federal do Amazonas

Sumário

INTRODUÇÃO.....	15
1.1 O Sistema Hidrológico, Geologia e Geomorfologia do Rio Jutai.....	19
1.2 A Emancipação do Município de Jutai.....	25
1.3 A Vila de Copatana: Localização e Perfil Urbano.....	28
1.3.1 Localização e demografia da Vila.....	28
1.3.2 A formação histórica da Vila de Copatana.....	30
1.3.3 A forma urbana da Vila.....	31
1.3.4 Infraestrutura e Serviços.....	33
1.3.4.1 Saúde – UBS Alda Almeida.....	33
1.3.4.2 Escolas.....	34
1.3.4.3 Transporte urbano.....	35
1.3.4.4 Beira Rio.....	35
1.3.5 A relação cidade e Vila: a mobilidade dos moradores de Copatana para Jutai.....	42
1.3.6 A variação do preço da cesta básica na Vila durante os regimes de enchente e vazante do Rio Jutai.....	51
1.4 A Influência do Garimpo do Rio Boia na Cidade de Jutai e na Vila de Copatana.....	58
2. AS ESTRUTURAS DO COMÉRCIO DE PESCADO NA VILA DE COPATANA.....	64
2.1 – O Monitoramento Participativo com os Pescadores "PROFISSIONAIS" de Copatana.....	64
2.1.1 – De Março à Dezembro de 2016: os dez meses de monitoramento.....	67
2.1.2 – Principais espécies pescadas e comercializadas.....	79
2.1.3 – Os pescadores/monitores: quem são esses homens?.....	84
2.1.4 – O Sr. "Guidó": pescador, monitor e "patrão" dos pescadores de Copatana.....	85
2.2 – Os Órgãos de Pesca de Jutai e a Relação com os Pescadores da Vila de Copatana.....	94
2.3 A Diversidade Comercial de Pesca na Vila: do "PEIXE-LISO" ao Peixe Ornamental.....	96
2.3.1 O período de captura dos Alevinos de Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	98

2.3.2 Espécies ornamentais em Copatana: o caso do Acará-disco – <i>Symphysodon aequifasciatus</i>	102
2.3.3 Como é feito o transporte do pescado.	104
3. AS REDES COMERCIAIS DE PESCA NA VILA DE COPATANA E A REDE URBANA NO ALTO SOLIMÕES/AMAZONAS.	107
3.1 De Onde Vem e para Onde Vai Tanto Peixe? Os Locais de Pesca e os Principais Destinos de cada Espécie.	107
3.1.1 Os principais locais de pesca dos pescadores da Vila de Copatana.....	107
3.2 – Perfil dos Frigoríficos Compradores de Pescado de Copatana.	110
3.3 O Comércio de Pescado em Copatana e a relação com a Rede Urbana da Região.....	115
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	124
REGISTRO FOTOGRÁFICOS.....	139

INTRODUÇÃO

A Amazônia de forma geral, em termos de ocupação humana, é conhecida como um vazio demográfico, mas sabe-se hoje que esse discurso não procede. Existem registros históricos que comprovam que a Amazônia sempre foi ocupada por povos que viviam na região. As várzeas amazônicas eram tão povoadas que estes povos migravam para povoar o resto do continente Sul-Americano, como afirma Fausto (2010, p. 31) "De sua várzea, tão rica quanto disputada por uma população sempre crescente, teriam partido levadas migratórias que iriam povoar a América do Sul". Neste contexto imaginário de "vazio demográfico" nos chama a atenção o processo contemporâneo de urbanização a qual este bioma se insere. Neste processo ressaltam-se as Vilas no Alto Solimões/Amazonas com população total acima de mil habitantes.

A crescente população nestas Vilas é algo interessante a se observar, pois são diversas as causas dessa expansão. Ou seja, cada Vila tem as suas peculiaridades, sua história particular e sua dinâmica própria que não podem ser compreendidas sem a análise dos fluxos e fixos locais, regionais e até internacionais que estas se inserem.

Este trabalho trata sobre a Vila de Copatana, localizada na microrregião do Alto Solimões/Amazonas pertencente ao município de Jutai. A região possui a agricultura como principal fonte de renda, contudo, foi pelo viés da pesca que melhor conseguiu-se descrever as relações existentes entre a cidade e a Vila. Neste sentido, o trabalho teve como principal objetivo compreender por meio das redes comerciais de pesca o papel da Vila de Copatana na estruturação da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas.

Para que fosse possível alcançar tal objetivo realizaram-se diversos trabalhos de campo na Vila de Copatana e na cidade de Jutai, ao todo foram 10 campos (Tabela 1).

Trabalhos de Campo realizados na Vila de Copatana e cidade de Jutai	
Ordem numérica do campo.	Data do campo e principal objetivo e/ou descoberta
1o	De 14 a 19 de Julho de 2015 (campo exploratório I)

2o	De 22/09 a 18/10 de 2015 (campo exploratório II)
3o	De 12 a 26 de Fevereiro de 2016 (implantação do monitoramento participativo)
4o	De 14 a 24 de Março de 2016 (a descoberta da rede comercial dos ornamentais)
5o	De 18 a 27 de Abril de 2016 (primeiros resultados contundentes do monitoramento participativo)
6o	De 16 a 23 de Maio de 2016 (pesquisa da Cesta Básica na Vila)
7o	De 11 a 22 de Julho de 2016 (a influência social do garimpo na cidade de Jutai)
8o	De 18 a 29 de Agosto de 2016 (obtenção do caderno de anotação de compra de pescado do Sr. Guidó)
9o	De 19 a 31 de Outubro de 2016 (início do período de captura dos Alevinos de Aruanã)
10o	De 07 a 15 de Dezembro de 2016 (implantação do Questionário – Relações Cidade e Vila e finalização do monitoramento e da pesquisa na Vila de Copatana.

Tabela 1 – Cronograma dos trabalhos de campo realizados na Vila de Copatana e cidade de Jutai ao longo da pesquisa.

Organização: Bezerra, Janderson M. Dezembro/2017.

Devido à quase inexistência de dados secundários específicos para o local os trabalhos de campo realizados na Vila de Copatana foram cruciais para a pesquisa e o entendimento dos processos que lá ocorrem. Na Tabela 1 resumiu-se ao máximo o objetivo de cada campo na Vila e na cidade de Jutai. Cada trabalho de campo foi relatado em Relatórios que posteriormente serviram como base de dados para a análise. A vivência na Vila, o conhecimento de sua geografia física e humana gerou uma diversidade de resultados que muitas observações não couberam nem mesmo em seus respectivos relatórios. Desta forma, na Tabela 1 limitou-se a enfatizar apenas o principal objetivo e/ou descoberta que cada trabalho de campo nos revelou sobre a Vila de Copatana.

No campo exploratório - 2 pensamos em algo que pudessemos fazer para nos aproximar mais da Vila e a Vila de nós. Propôs-se então, realizar uma atividade com os alunos da Escola Municipal São Sebastião de Copatana e a escola (professores, pedagoga e gestora) aceitaram a proposta. Propomos que os alunos da escola elaborassem croquis da Vila de Copatana e os mais

bem elaborados seriam premiados. Tal atividade movimentou a escola e a Vila de Copatana durante uma semana, pois os professores sugeriram que os alunos (divididos em grupos) deveriam apresentar os seus mapas para toda a Vila na quadra poliesportiva de Copatana em frente à escola. Desta forma, no dia da apresentação os moradores da Vila puderam prestigiar os mapas mentais (em Registros Fotográficos) elaborados pelos seus filhos e ouvir sobre o histórico da escola. Tal dinâmica serviu para "quebrar o gelo" entre pesquisador e comunidade, após a atividade todos os moradores simpatizaram com a pesquisa e o pesquisador, facilitando o acesso às informações.

Feito isso, após o campo - 2 conseguimos ter uma melhor ideia do que poderíamos fazer e como deveríamos fazer para entender e explicar pelo menos uma parte da realidade da Vila de Copatana. Entendeu-se naquele momento que o comércio de pescado melhor insere a Vila à rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. No 3o campo propôs-se a implantação de um monitoramento participativo com os pescadores profissionais da Vila como forma de abstrair dados de pesca para a pesquisa. A lógica deste monitoramento é mais bem descrita no capítulo 2 deste trabalho. E, ao longo dos campos seguintes realizados na Vila fomos nos inserindo cada vez mais na realidade de Copatana e descobrindo coisas que foram servindo de incrementos ao trabalho. Sendo metafórico, é como se fosse fabricar um bolo, já se tinha a massa (o comércio de pesca) e a cada nova descoberta foi-se moldando a cobertura até enfim, encontrarmos a cereja para o bolo.

O primeiro Capítulo trata, primeiramente, sobre "O Município de Jutai e o Rio Jutai – A Formação Política, Social e Econômica de uma Região". Neste contexto, tratamos dos aspectos físicos da região de Jutai, como a Geologia, Geomorfologia e Hidrografia do rio Jutai; e dos socioeconômicos e políticos com as disputas do povo jutaiense pela sua emancipação dos coronéis de "barranco" durante o período de exploração do látex da seringa no rio Jutai. Porém, o principal objetivo do Capítulo I foi Traçar o Perfil Urbano da Vila de Copatana. Onde se apresenta a localização da Vila; a sua formação histórica; a forma urbana; infraestrutura e serviços; a relação cidade e Vila; a mobilidade dos moradores da Vila de Copatana para a cidade de Jutai; a Variação do preço da Cesta Básica na Vila durante a enchente e vazante do rio Jutai. Além desses, discute-se também sobre A Influência do Garimpo de ouro do Rio Boia na Vila.

O Capítulo II, por sua vez, trata sobre as "Estruturas do Comércio de Pescado na Vila de Copatana". Inicia-se com a explicação do monitoramento participativo com os pescadores profissionais de Copatana e os principais resultados, tais como: As Principais Espécies Pescadas e Comercializadas; Os pescadores monitores: quem são esses homens?; O Sr. "Guidó": pescador, monitor e "patrão" dos pescadores de Copatana. Posteriormente, descreve-se sobre outros temas relativos à pesca e ao comércio de pescado na Vila de Copatana, como: Os Órgãos de Pesca de Jutai e a Relação com os Pescadores da Vila; A Diversidade Comercial de Pesca na Vila: do "PEIXE-LISO" ao Peixe Ornamental; O Período de Captura dos Alevinos de Aruanã; Espécies Ornamentais em Copatana: o caso do Acará-disco – *Symphysodon aequifasciatus*; Como é feito o transporte do pescado. O Segundo Capítulo tem como principais objetivos: Entender como funciona as estruturas do comércio de pescado na Vila de Copatana e Analisar a importância da diversidade de pesca para a economia da microrregião do Alto Solimões partindo da Vila de Copatana.

O Capítulo III, intitulado "A Rede Comercial da Pesca na Vila de Copatana e a Rede Urbana na Microrregião do Alto Solimões, Amazonas" é o ápice da discussão que se faz sobre o comércio de pesca e a rede urbana. Para tal, o capítulo foi dividido em tópicos, tais como: De onde vem e para onde vai tanto peixe? Os locais de pesca e os principais destinos de cada espécie; Perfil dos frigoríficos compradores de pescado de Copatana; O comércio de pescado de Copatana e a relação com a rede urbana da região. Com as discussões sobre tais temáticas pretendeu-se no terceiro Capítulo alcançar o principal objetivo do trabalho que é "Compreender através das redes comerciais de pesca o papel da Vila de Copatana na estruturação da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas".

1. JUTAÍ E O RIO JUTAÍ – A FORMAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA DE UMA REGIÃO.

Este capítulo tem como principal objetivo traçar o perfil urbano da Vila de Copatana, tais como: Histórico; População; A Forma Urbana; Infraestrutura e Serviços; Imagens e Construções de Mapas. Além disso, trata também sobre a hidrografia, geologia, geomorfologia e histórico de Jutai e do rio Jutai. Outras questões incluídas no capítulo foram sobre a relação entre a cidade e a Vila; a Cesta Básica Regionalizada em Copatana; e a influência do garimpo do rio Boia na Vila de Copatana. Enfim, elaborou-se uma caracterização da Vila de Copatana e do município de Jutai.

1.1 O Sistema Hidrológico, Geologia e Geomorfologia do Rio Jutai.

O município de Jutai está situado no estado do Amazonas, na mesorregião Sudoeste Amazonense e microrregião do Alto Solimões. A cidade de Jutai, sede do município, localiza-se à cerca de 750 km em linha reta da capital do estado, Manaus. Os principais meios de transporte da região se dão por vias fluviais. Como os barcos de médio e grande porte que gastam em média 4 (quatro) dias e meio de Manaus para a cidade de Jutai. E as lanchas “ajatos” (embarcações muito velozes) realizam a mesma viagem em aproximadamente 24 horas. Não existem voos para Jutai. Com isso, a distância da sede municipal para a capital do estado na prática é de pouco mais de 900 km pela calha principal do rio Solimões, principal rio de acesso (observe a Figura 1).

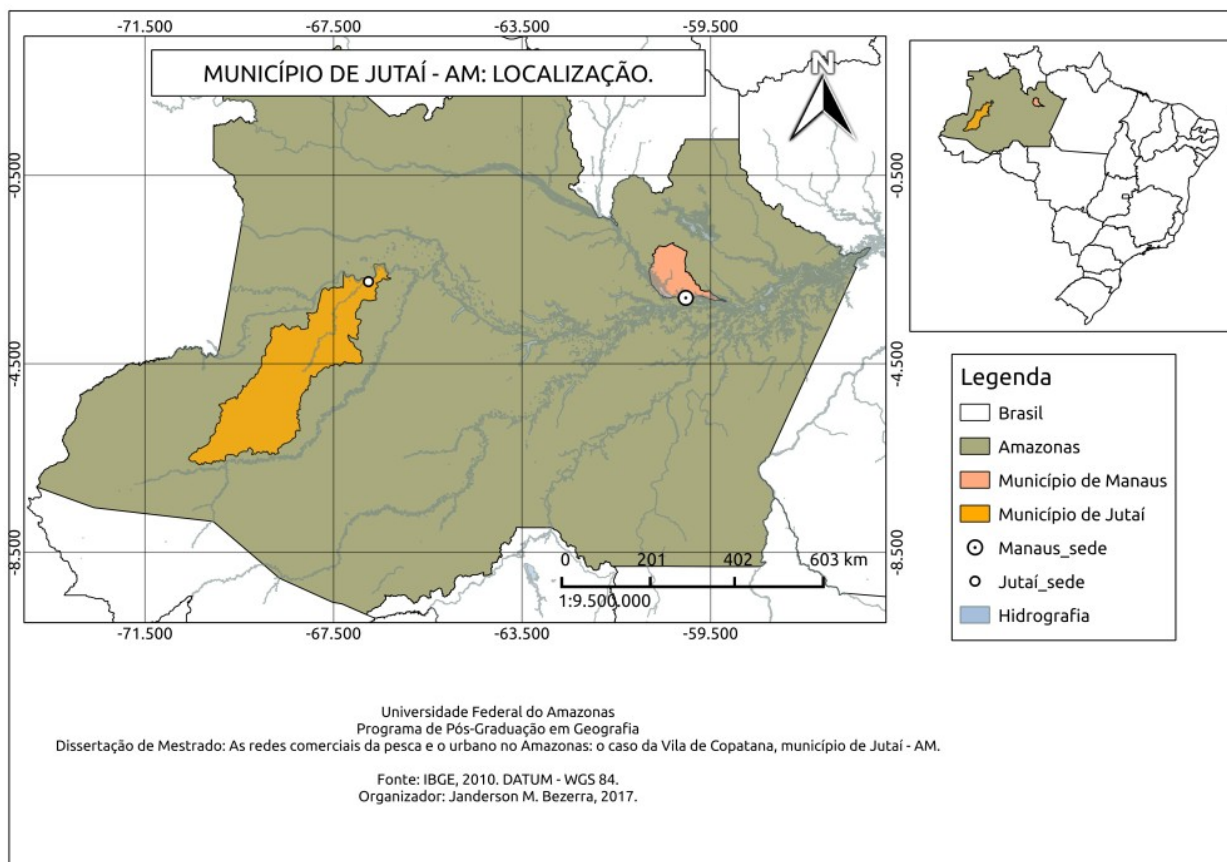


Figura 1 – Localização do Município de Jutaí.

Fonte: IBGE 2010, elaborado por Janderson M. Bezerra, 2017.

De acordo com ICMBIO (2011, p. 29), “A dinâmica anual de descarga dos rios tem sido apontada como o fator chave que caracteriza a sazonalidade da planície e do estuário amazônicos compostos por rios de águas brancas, pretas e claras.” Ou seja, o nível de vazão de água dos rios da Amazônia influencia diretamente em sua sazonalidade, isto é, o regime anual de enchente e vazante. No caso do rio Jutaí, este possui influência direta do regime hidrológico do rio Solimões, mais especificamente do Alto Solimões próximo à tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia. Neste sentido, RONCHAIL *et al* (2016, p. 28) afirmam,

Na área da tríplice fronteira, não é incomum que o nível da água medido pelas régua de estações fluviométricas mostre uma variação entre 8 e 10 metros, entre períodos de cheia e estiagem (seca). Essa importante amplitude gera uma mudança total da paisagem: durante a cheia, as margens e o leito maior do rio, assim como as várzeas que estão conectadas ao mesmo por pequenos igarapés, são cobertos pela água. Essa água carregada de sedimentos, proveniente dos Andes, fertiliza vastas áreas. Alguns meses mais tarde, o nível da água diminui o suficiente para que as praias apareçam ao longo

dos rios e as áreas alagadas voltam a ser áreas de cultivo. As várzeas, por conseguinte, têm uma superfície que varia sazonalmente.

Com isso, percebe-se que a sazonalidade do rio muda completamente a paisagem marginal. Onde, dependendo do nível do terreno o rio pode recuar de dezenas de metros o seu leito até à centenas de metros distante de suas várzeas.

O regime hidrológico altera não somente as paisagens laterais fluviais como também pode causar uma mudança radical no modo de vida das pessoas que vivem próximos do rio ou daquelas que dependem diretamente dele, como os pescadores. Neste sentido, os impactos não são apenas físicos ou naturais, mas também podem ser socioeconômicos e culturais.

Na Amazônia, de forma geral, temos apenas duas estações bem definidas: o verão – caracterizado pelo recuo das águas dos rios, mais conhecido na região como vazante ou seca; e o inverno – este, por sua vez, caracterizado pela enchente e o alto nível de precipitação.

Na região de Jutai, onde se encontra a Vila de Copatana, o período chuvoso começa em meados do mês de Novembro, início também da enchente, até o mês de Maio. Este seria o inverno e período de enchente na microrregião do Alto Solimões, pode variar entre Outubro e Junho também dependendo do El Niño ou La Niña (INMET, 2016). Por outro lado, a vazante do rio Jutai e/ou Solimões inicia-se no mês de Junho até meados de Novembro. Este seria o verão caracterizado pela falta de chuva ou pela redução dos níveis pluviométricos. Este período também pode variar entre Julho e Dezembro.

Cada período destes tem as vantagens e desvantagens para o povo ribeirinho ou para as cidades ribeirinhas. Na enchente existe maior facilidade das embarcações (recreios – principal meio de transporte na região) maiores trafegarem nos rios da região. Com isso, as mercadorias (que na maioria das vezes são provenientes da capital – Manaus) tendem à ser mais baratas nesse período do ano.

Na vazante, os rios ficam mais estreitos e em muitos trechos algumas embarcações de grande porte não conseguem acessar lugares ou cidades as quais se acessa durante a enchente. Tal dificuldade acaba provocando a necessidade de mais fretes das mercadorias até chegar ao destino final, acarretando no aumento do preço dos produtos nas cidades.

Por outro lado, como vimos acima, a descida do nível dos rios relevam as várzeas férteis da Amazônia ricas em nutrientes de sedimentos dos Andes e dos igapós. Muitos ribeirinhos aproveitam a oportunidade para plantar inúmeros cultivos, principalmente, hortifrúteis.

O rio Jutaí, afluente direto do rio Solimões, possui muitos tributários. O Jutaí é um rio de água preta, mas possui alguns afluentes de água branca tornando-o pardo nestas confluências. Ademais, os principais acidentes geográficos na região da Vila Copatana, foco de estudo, "são os rios Solimões, Jutaí, Riozinho, Pati, Copatana, os paranás do Jutaizinho, do Acural, do Acuralzinho, do Capivara, do Tarará, do Curumanduba, do Chibeco, do Pinheiro, do Espírito Santo, do Jenipapo e o Igarapé do Içapó." (ICMBIO, 2011, p. 29)

O rio Jutaí é meandrântico na maior parte do seu curso, apenas próximo à foz – acima de Copatana – ele apresenta-se mais retilíneo. Enquanto que, "A direção geral do rio Jutaí é SO-NE, com exceção do trecho entre o rio Biá e o rio Pati, quando ocorre com direção S-N." (ICMBIO, 2011, p. 29)

Sobre a geofísica do rio Jutaí, RADAMBRASIL (1977) *apud* ICMBIO (2011, p. 25) afirmam que,

Os quatro principais terraços próximos ao rio Jutaí são alongados e estreitos. Três deles localizam-se na margem direita: o primeiro é o interflúvio Jutaí/Biá, os outros dois ficam na margem oposta à foz do rio Pati e têm uma largura máxima de 5 km e comprimento de 15 km. O único terraço da margem esquerda localiza-se 10 km a montante da foz do rio Pati.

Na Figura 2 representa-se o relevo do rio Jutaí e do município de Jutaí. Pode-se observar na legenda do mapa que a principal forma de relevo da região de Jutaí, além das planícies fluviais, são as depressões, ou seja, uma das formas de relevo existentes no Brasil identificada por Jurandyr Ross (1985). Esta região pertence ao Domínio Morfoclimático – Bacias com Coberturas Sedimentares Inconsolidadas Pilo Pleistocênicas e ao Subdomínio Bacia Sedimentar Amazônica.

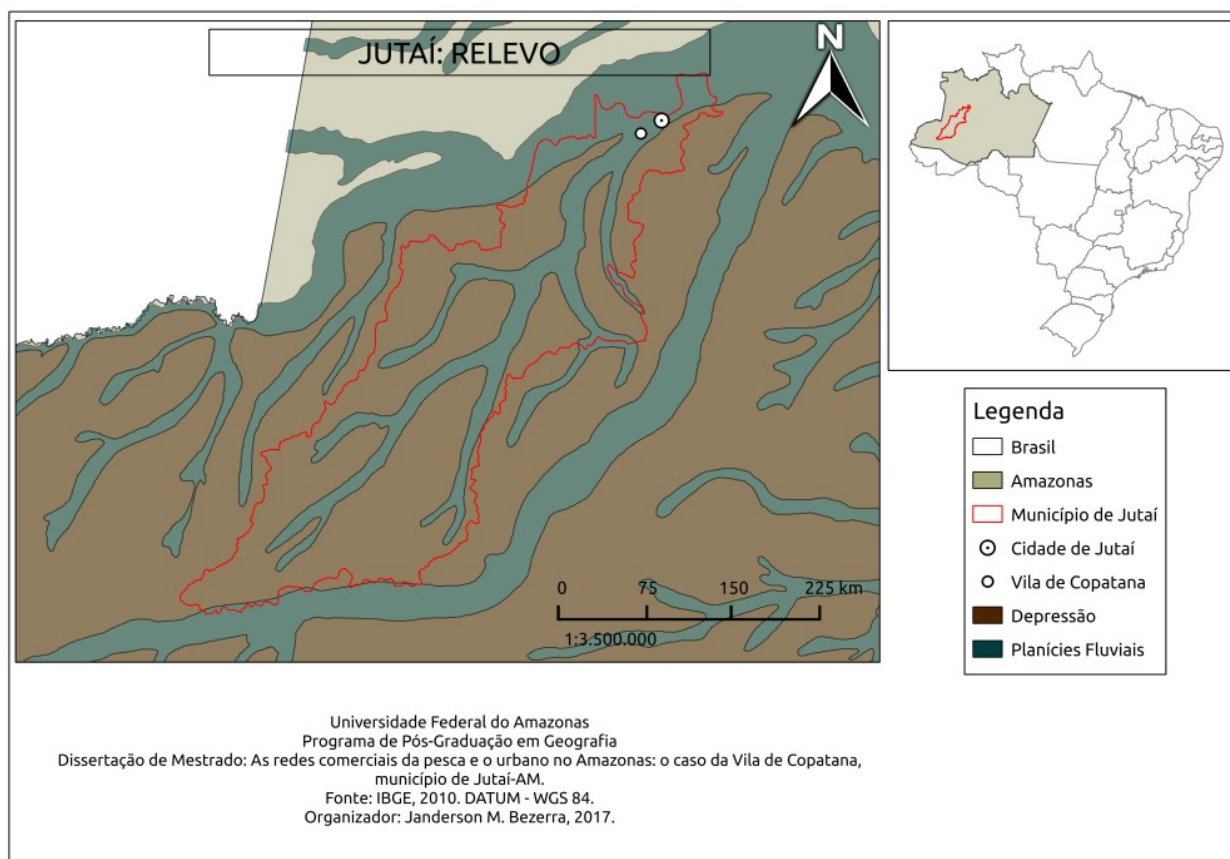


Figura 2 – Mapa de Relevo da Região de Jutai.

Fonte: IBGE 2010, elaborado por Janderson M. Bezerra, 2017.

Observa-se na Figura 2 que o sítio da cidade de Jutai e da Vila de Copatana está assentado sobre planícies fluviais. Isto decorre do fato de ambas estarem localizadas às margens de rios. Ou seja, Jutai localiza-se às margens da foz do rio Jutai com o rio Solimões e Copatana às margens do rio Jutai.

Sobre a geomorfologia de Jutai,

A análise de solo realizada pelo Projeto RADAMBRASIL em duas áreas do rio Jutai e uma do paraná do Jutazinho demonstraram que aquela região possui um solo classificado como Podzólico Vermelho Amarelo Álico plântico A moderado com argila de atividade baixa e textura argilosa. (RADAMBRASIL 1977 *apud* ICMBIO 2011, p. 25)

Podem-se observar estas no mapa abaixo, onde temos o solo Podzólico como o principal da região. Posteriormente, temos os solos Gley na região central do município de Jutai

acompanhando a calha principal do rio Jutai. É possível observar também no mapa a presença das Lateritas Hidromórficas nas regiões periféricas do município de Jutai. Além do Podzol na região central e os Solos Aluviais mais concentrados nas margens do rio Solimões ao Noroeste do município de Jutai.

Observa-se também que a sede municipal de Jutai está assentada entre solos aluviais e podzólicos. Enquanto que, Copatana situa-se entre solos aluviais, podzólicos e solos gley.

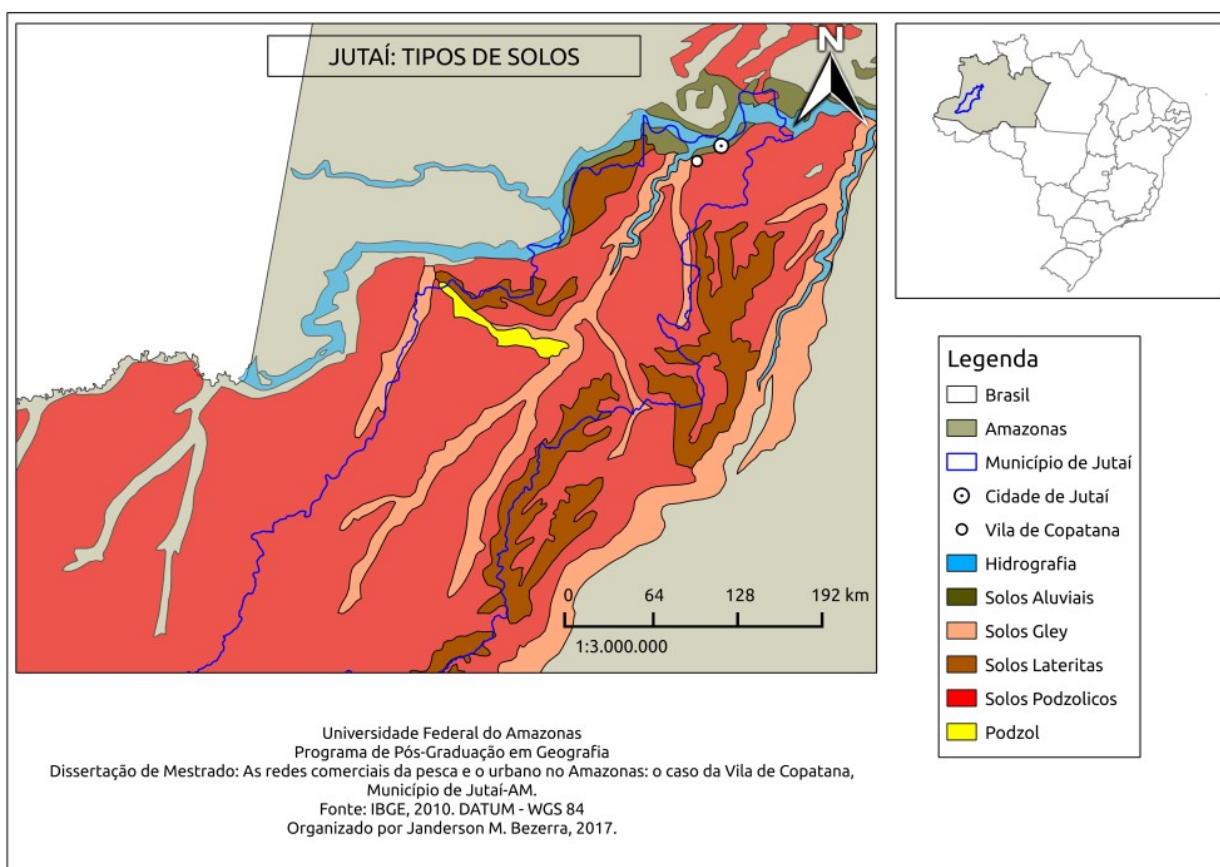


Figura 3 – Mapa de Solos da Região de Jutai.

Fonte: IBGE 2010, elaborado por Janderson M. Bezerra, 2017.

Com isso, observa-se que a região de Jutai possui relativa diversidade de tipos de solo. Ao contrário de sua geologia que apresenta apenas as planícies fluviais e as depressões como predominantes.

1.2 A Emancipação do Município de Jutai

Sobre o histórico do município de Jutai existem poucas fontes conhecidas que relatam detalhadamente à cerca de sua formação e emancipação. A maioria dos municípios das microrregiões do Médio e Alto Solimões possuem formações recentes, ou seja, a partir do século XX. Isto decorre do fato de a maioria dos atuais municípios do médio e alto Solimões terem pertencido originalmente à Tefé. Com isso, a história destes municípios está sempre vinculada ao município de Tefé.

Dessa forma, sobre a origem e formação do município de Jutai a Biblioteca Virtual do Amazonas (2012), afirma que:

Habitava primitivamente a região, hoje compreendida no município de Jutai, os índios Catuquinas, Marauás, Ariaceus e outros. As origens do município remontam ao século XVII, quando o jesuíta Samuel Fritz fundou a aldeia de Tefé. A região foi posteriormente objeto de disputa entre espanhóis e portugueses, vencendo estes, em fins do século XVIII. Elevado a município, Tefé em meados do século XIX chega a ter uma área de 500.000 km². Posteriormente, ocorreram vários desmembramentos, dando origem a vários municípios, entre os quais em 1891, o de Fonte Boa.

A história do município de Jutai é imbricada com a ocupação (não indígena) do próprio rio Jutai. Ou seja, a partir do momento que o rio Jutai foi sendo cada vez mais povoado por pessoas não nativas da região, como os comerciantes nordestinos, a região atual de Jutai foi ganhando cada vez mais destaque. E, em meados dos anos de 1900,

(...) grupos de peruanos arrendaram as terras, as margens do rio para a extração da borracha. A ocupação migratória do rio Jutai tem início no século XX, de 1910 a 1935, a firma de nome J. G de Araújo – responsável pela organização da extração da borracha e também por encaminhar os primeiros nordestinos, vai se instalar na foz e levar o grupo de trabalhadores que vão se estabelecer até o Alto rio Jutai, região onde se encontra atualmente a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS Cujubim). (VARALDA, 2005 *apud* LUZIA, 2011 p. 29)

No início do século XX a atual região de Jutai ainda estava vinculada ao município de Fonte Boa, mas em 1928 o atual município de Jutai torna-se sede de Comarca.

A partir de 1935, a firma J. G de Araújo (supracitada) passa a ser administrada pela família do Sr. Benjamim Affonso, comerciante português (LUZIA, 2011). A partir de então, muitos trabalhadores nordestinos foram recrutados para trabalhar nos seringais do Alto rio Jutai, a maioria eram cearenses esperançosos com uma vida melhor na Amazônia. Não por acaso, os anos de 1935 a 1960 (período que os "Affonso" estiveram no comando da firma) foram os de maior

produção de látex de borracha no rio Jutai. (Padres DIONÍSIO e TEODORO, 1981 *apud* LUZIA, 2011)

No período entre as décadas de 30 a 60 do século XX os "coronéis de barranco" dominavam a região do rio Jutai e fechavam literalmente as entradas dos rios para que outras pessoas de fora não entrassem sem o seu consentimento para as regiões dos seringais. Sobre os tais coronéis de barranco existentes na época, Mendes e Queirós (2012, p. 83) afirmam: "No que se refere à região amazônica, o termo coronel de barranco mantém o mesmo significado do restante do país: um homem que manda na região e dita as regras, delegando funções em meio à floresta."

Com isso, os seringueiros estavam literalmente presos dentro do rio Jutai e/ou seus afluentes. Ou seja, eles ficavam praticamente sem contato com outras pessoas de "fora". Surge então a figura do "regatão", este por sua vez era:

(...) comerciantes de diversas origens, sírios, portugueses, libaneses e pessoas vindas da capital do Amazonas ou dos municípios vizinhos e até gente do próprio município, que praticavam a venda de produtos industrializados e a compra de produtos primários, ou o escambo (a troca) destes por aqueles, principalmente a borracha. (Padres DIONÍSIO e TEODORO, 1981 *apud* LUZIA, 2011 p. 35)

Os regatões desafiavam as ordens dos coronéis e adentravam rio acima para fazer negócios com as pessoas que trabalhavam e moravam às margens do rio Jutai e seus afluentes. Assim como afirma Luzia (2011, p. 35)

Os regatões foram os primeiros a tentar desbloquear o rio na época dos coronéis, tendo este papel fundamental na destituição do império dos barões da borracha do rio Jutai. Na medida em que esses comerciantes itinerantes iam chegando, estabelecendo residências, na foz ou em comunidades próximas (Copatana, Porto Antunes, Cocorombó, etc.) e mantendo contato com os seringueiros, a relação entre estes e o coronel ia ficando mais distante.

Desta forma, os regatões foram contribuindo, mesmo que de forma indireta, pois colocavam as populações ao longo do rio em situação de dívida restabelecendo o aviamento, para a "emancipação" do rio Jutai e dos povos que lá viviam, sejam indígenas ou não indígenas.

A região foi elevada a categoria de município e distrito com a denominação de Jutai pela Lei Estadual n.º 96, de 19 de Dezembro de 1955, desmembrado do município de Fonte Boa (IBGE, 2010). Constituído do distrito sede o atual município de Jutai foi instalado em 11 de abril

1956 (IBGE, 2010). Porém, nas primeiras sedes do município (como por exemplo, a comunidade de Boa Vista no Alto rio Jutaí) não houve participação popular. Não obstante, os coronéis de barranco da época (no caso, os "Affonso") foram quem decidiram pela sede do município "rio adentro" como estratégia para afastar os "intrusos" não desejáveis dos seringais jutaense.

Dentro desta linha do coronelismo existe um importante fato histórico acontecido no Rio Jutaí. A Revolta dos Rendeiros ocorrida no final do ano de 1965. Sobre estes, tem-se notícia que "(...) os primeiros rendeiros foram os grupos de peruanos que vieram para a região entre 1900 e 1910 e 'arrendaram' as terras, as margens do rio Jutaí, para a extração da borracha (...)." (LUZIA, 2011, p. 36)

Os seringueiros da época não suportaram mais a exploração que sofriam por parte dos seus patrões. Com isso, aproveitaram quando o Sr. Benjamim Affonso (patriarca da família Affonso) teve que viajar e deixou o seu filho Ildebrando Affonso no comando dos negócios. Assim, numa das viagens dos "subordinados" do patrão (entre eles soldados de polícia e o delegado da época) para o recolhimento da renda da borracha, estes foram mais violentos do que costumavam ser. Ameaçando os seringueiros, suas mulheres e filhos.

Cansados da forma como eram tratados pelos cobradores da renda os seringueiros se reuniram em fins do ano de 1965 e armaram uma espécie de tocaia para eles. Nos relatos de uma moradora da época pode-se entender melhor como tudo aconteceu:

Nós soubemos, por alto, que os seringueiros estavam se reunindo pra lutar contra os Affonso, na subida do rio eles passaram cobrando a renda e ameaçando todo mundo, batendo na freguesia, dizendo que na descida eles queriam a borracha, se não a peia ia comer. Foi então que os seringueiros resolveram fazer isso. Fizeram o convite, como se faz para uma festa, num sabe, se reuniram e combinaram o ataque, fizeram buraco no chão, mandaram as mulheres e crianças para a foz, ou se esconder no mato ficando somente os homens, nesse dia eles tomaram cachaça com pólvora, revoltados com tudo que estava acontecendo, se esconderam, bem escondido. Quando o barco foi encostando os seringueiros foram atirando, nós só ouvimos os tiros, foi muito tiro meu filho, foi fogo, fogo, bala, bala, até que acalmou. O primeiro a morrer foi o Pedro Vela, filho de criação dos Affonso, na hora que o Joaquim pulou para amarrar o cabo do barco, os seringueiros atiraram, morreu muita gente, o Chico Pandeiro, vixi, faz tanto tempo que nem me lembro mais, os soldados que cobravam a renda. [...] Os policiais também atiravam, mas não conseguiam acertar ninguém porque os seringueiros estavam bem escondidos. Dos tripulantes do barco só escapou o Saraiva que era motorista e o sargento Cliscério – delegado de polícia. O Saraiva foi poupado para levar os corpos de volta pra foz e dizer aos Affonso que aí estava a renda daquele ano. Já o delegado tinha se escondido no meio das peles de borracha que estavam no porão do barco, quando o Saraiva já tinha ligado o motor e estava voltando pra foz o delegado saiu, o menino

tomou um susto daqueles, disse ele: valeu-me nossa senhora tem um morto levantando (em tom de riso), o delegado respondeu: sou eu rapaz, toca o barco, vamos embora. (Maria Néria Vicente Rodrigues, 77 anos, natural de Jutai, entrevista realizada no dia 07 de Setembro de 2011 *Apud* LUZIA, 2011 p. 38)

Após o acontecido muitas prisões foram efetuadas, porém os abusos contra os seringueiros diminuíram e o fato ficou conhecido como A Revolta dos Rendeiros do Rio Jutai. Posteriormente, outras denúncias foram feitas, desta vez, pela Igreja Católica por meio da Prelazia de Tefé na época. Existia o chamado "Jornal do Comércio" que no dia 9 de Fevereiro de 1972 tinha o seguinte título: "ESCRAVIDÃO NOS SERINGAIS. PADRES PREPARAM UM RELATÓRIO-DENÚNCIA".

Atualmente, o município de Jutai está entre os 10 (dez) maiores em extensão territorial do Brasil e ocupa a posição de 5o (quinto) mais extenso do estado do Amazonas com população de aproximadamente 18.000 habitantes (IBGE, 2010). Com essa extensão territorial Jutai possui aproximadamente 100 (cem) povoados rurais, entre vilas e comunidades. Dentre os povoados, temos a Vila de Copatana no rio Jutai. Uma das maiores Vilas da microrregião do Alto Solimões/Amazonas.

1.3 A Vila de Copatana: Localização e Perfil Urbano

1.3.1 Localização e demografia da Vila

Copatana está situada na margem direita do rio Jutai (rio de Segunda Ordem na microrregião do Alto Solimões), onde a sua margem oposta localiza-se a jusante do rio Copatana (Figura 4). Em distâncias Amazônicas, pode-se dizer que esta fica à pouco mais de uma hora da cidade de Jutai na enchente e mais de uma hora e meia na seca do rio usando o transporte comum da região, o motor rabeta de 5.5 Hp de força. A Vila está a uma distância de 21 km em linha reta da sede municipal e 23 km pela calha principal do rio Jutai.

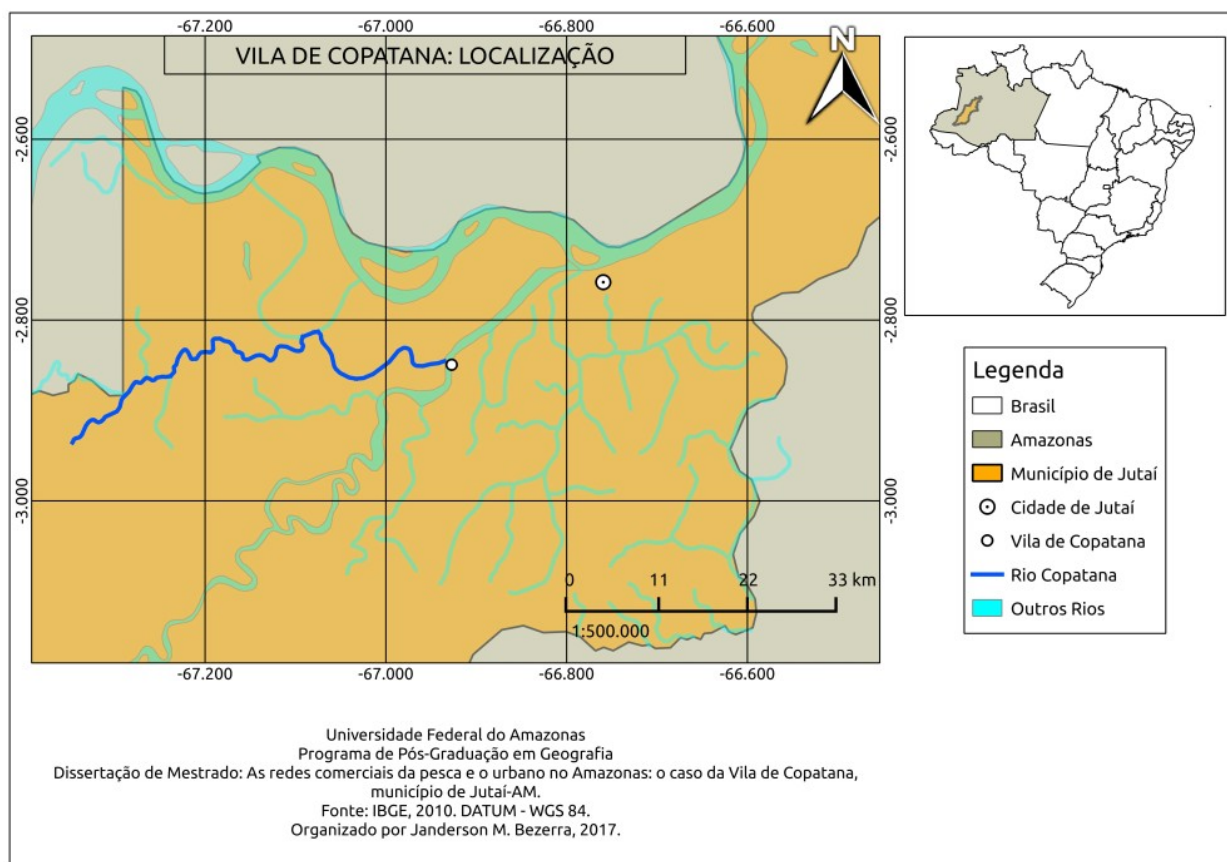


Figura 4 – Localização da Vila de Copatana.

Fonte: IBGE 2010, elaborado por Janderson M. Bezerra, 2017.

Atualmente a Vila de Copatana possui uma população de pouco mais de 1.000 (mil) habitantes e com forte poder político no município de Jutaí. O município possuía no pleito de 2016 pouco mais de 10.000 eleitores para elegerem 9 (nove) vereadores à Câmara Municipal de Vereadores de Jutaí para o quadriênio 2016-2020. A Vila de Copatana conseguiu eleger dois vereadores moradores da Vila. Esta não foi a primeira vez, pois na eleição de 2012 o povo de Copatana já havia elegido também dois vereadores da própria Vila. Os resultados das últimas eleições locais em Jutaí apontaram a importância política de Copatana.

A Vila de Copatana dentro do município de Jutaí, apesar dessa configuração, os políticos que são eleitos não retribuem o reconhecimento que a Vila precisa. Pois, a mesma permanece com poucos serviços de utilidade pública, sem um transporte regular entre a Vila e a sede do município e precárias infraestruturas "urbanas".

1.3.2 A formação histórica da Vila de Copatana

Infelizmente não foi possível encontrar registros históricos que narrem sobre a origem e formação da Vila de Copatana. Buscou-se nos cartórios locais, nas instituições da Vila e na sede municipal e mesmo na internet e pouco foi encontrado.

A única alternativa que restou foi procurar as pessoas mais antigas da Vila e realizar entrevistas sobre a história do povoado. Ao procurar as pessoas que pudessem nos dar pistas sobre a origem e formação da localidade nos foi indicado apenas duas pessoas, ou seja, dois senhores de mais de 80 anos de idade.

Conseguiu-se encontrar apenas um dos senhores, o Sr. Francisco Abel ou seu Chiquinho Abel como era (infelizmente o Sr. Abel faleceu recentemente no dia 29 de Janeiro de 2017) mais conhecido e chamado. O seu Chiquinho Abel tinha 81 anos de idade quando entrevistado e era o morador mais antigo de Copatana. O pai dele era nordestino.



Figura 5 – Sr. Francisco Abel.

Fonte: Arquivo da Família Abel, 2016.

De acordo os relatos orais obtidos do Sr. Abel a Vila de Copatana possui origem indígena. De acordo com o Sr. Abel no atual sítio da Vila existia uma aldeia de índios. Posteriormente, os indígenas foram expulsos por "homens brancos", a maioria nordestinos e um importante comerciante português, o principal da época. Tal fato talvez explique a existência de uma comunidade indígena bem ao lado de Copatana. A comunidade indígena é conhecida como "Inglaterra" e os seus moradores seguem a Irmandade da Santa Cruz.

A Irmandade da Santa Cruz (como é conhecido popularmente o movimento) surge a partir da peregrinação do líder carismático Irmão José Francisco da Cruz no final da década de 1960 na Amazônia Peruana, passando por 10 estados brasileiros e quatro países Sul-americanos, instalando-se em 1972 na região do Alto Solimões onde reuniu grande quantidade de adeptos (ORO, 1989). Teve forte influência nos grupos indígenas da região em especial os Ticunas (GUARESCHI, 1985).

Segundo o Sr. Abel, o nome "copatana" possui origem indígena, ou seja, significa "árvore de grande copa". De acordo com o mesmo, naquela época existia uma árvore enorme na Vila, que morreu há cerca de 40 anos. Pelos relatos do Sr. Abel calcula-se que o povoado de Copatana possua entre 70 e 80 anos, isto após terem "expulsado" os índios daquela localidade.

De acordo como Sr. Abel, no início Copatana não tinha tantos pescadores, quanto tem atualmente. Isto é, a principal atividade produtiva era o corte e coleta do látex da seringa. Mas, após a década de 80 os principais compradores pararam de comprar o látex. Com isso, eles tiveram que encontrar outras formas de sobrevivência, dentre as quais, a pesca e/ou a agricultura.

O relato do Sr. Abel ilustra a dificuldade de se fazer uma geohistória desta localidade. A pouca documentação existente e a limitada memória só permite uma vaga noção das origens da Vila de Copatana.

1.3.3 A forma urbana da Vila.

Sobre a identificação da forma urbana de Copatana, não foi possível obter imagens de satélite com boa resolução para observarmos as características urbanas da Vila. Estas foram obtidas após vários trabalhos de campo realizados *in loco*, a partir dos quais elaborou-se uma caracterização detalhada da forma urbana da Vila de Copatana.

Pode-se afirmar agora que a principal característica urbana da Vila é que esta possui "dois lados" e estes são interligados por pontes (Figura 6).



Figura 6 – Ponte que interliga os dois lados da Vila, a primeira registrada no período da seca e a segunda imagem (após uma reforma) registrada na época da cheia.

Autor: Janderson M. Bezerra, Julho/2015 e Abril/2016, respectivamente.

No período da enchente do rio Jutáí, Copatana é "invadida" em seus locais mais baixos pelas águas do rio. Dessa forma, existe a "parte da frente" (mais antiga e com uma precária pavimentação) e a "parte de trás" da Vila que, é mais recente e não possui pavimentação alguma até o momento de finalização desta dissertação. Tais lados da Vila são conectados, principalmente, por uma ponte de aproximadamente 100 metros de comprimento (Figura 6).

1.3.4 Infraestrutura e Serviços.

1.3.4.1 Saúde – UBS Alda Almeida

O posto de saúde possui 1051 pessoas cadastradas, sendo que, a Vila também atende as comunidades mais próximas, ou seja, essas pessoas não são apenas da Vila Copatana. Ademais, o posto possui 14 (catorze) funcionários dividido em: 1 (um) diretor, 1 (um) enfermeiro, 1 (um) microscopista, 1 (um) serviços gerais, 2 (dois) monitores, 3 (três) recepcionistas e 5 (quatro) agentes de saúde. Além disso, existe um médico do Programa Mais Médicos do Governo Federal de origem cubana (Dr. Carlos Uchôa) que atende durante 15 dias por mês, manhã e tarde. Tais informações foram cedidas pelo diretor responsável pelo posto de saúde no ano de 2016, em entrevista.



Figura 7 – Imagens do Posto de Saúde; Escola Municipal; "Porto" da Vila e a Praça São Sebastião.

Autor: Janderson M. Bezerra, Julho de 2015.

Sobre as doenças mais frequentes por época na Vila, existem muitos casos de vômito e diarreia, principalmente, entre as crianças durante a enchente e a vazante do rio. Sobre estas moléstias, a principal causa é a água contaminada na época de descida ou subida das águas do rio Jutaí. Enquanto à malária, aparentemente comum no Alto Solimões, registraram apenas 2 (dois) casos no ano de 2015 e nenhum caso no ano de 2016.

1.3.4.2 Escolas

Existe apenas uma escola na Vila de Copatana – Escola Municipal São Sebastião de Copatana. A escola possui 40 funcionários, divididos em: 1 gestor, 1 pedagogo, 1 secretário, 14

serviços gerais e 23 professores. Na escola, funcionam as séries do 1o ao 9o ano do Ensino Fundamental, presencial. E, do 1o ao 3o ano do Ensino Médio, tecnológico. A escola foi fundada em 1993 e, atualmente possui 328 estudantes matriculados.

1.3.4.3 Transporte urbano

A Vila não possui transporte intraurbano coletivo, táxi ou moto táxi, pois os únicos meios de transporte que existem dentro da Vila são bicicletas e motos de propriedade privada. Ademais, o único acesso que existe entre a cidade de Jutai e a Vila de Copatana é por meio do rio. Mesmo assim, não existem catraias para o transporte de cargas e passageiros de forma regular entre a cidade e a Vila. Quando os moradores da Vila de Copatana precisam ir à cidade de Jutai ou voltam para a Vila, eles têm que fazer esse trajeto no seu próprio meio de transporte (normalmente canoa e motor rabeta). Ou então conseguir carona com quem tem, muitas vezes contribuindo com os custos do combustível.

1.3.4.4 Beira Rio

A Vila não possui porto oficial. Os principais pontos de atracadouro são nos flutuantes do Sr. Guidó e do Sr. Kaká (compradores de peixe). Apesar de não existir um porto oficial existe Pontão da bandeira Equador, que vende combustível. O Pontão encontra-se atracado no flutuante do Sr. Kaká.



Figura 8 – Pontão Carvalho na Vila de Copatana.

Autor: Janderson M. Bezerra, Fevereiro de 2016.

Existem aproximadamente 30 flutuantes ao longo da beira de Copatana, com funções diversas, como: comércio de estivas, frigorífico, venda de gasolina, depósitos e até moradias.



Figura 9 – Parte da beira de Copatana na enchente do rio Jutai.

Autor: Janderson M. Bezerra, Abril de 2016.

Na Figura 9 pode-se observar apenas uma parte da beira da Vila de Copatana no período da enchente do rio Jutai. Na figura, é possível ver apenas os flutuantes que ficam na frente da Vila, pois as águas do rio Jutai já encontram-se no seu nível mais alto em meados do mês de Abril de 2016. Com isso, os flutuantes (aproximadamente 30) acabam de certa forma escondendo a Vila nesse período do regime hidrológico do rio Jutai.



Figura 10 – Parte da beira de Copatana na Cota Mínima do rio Jutai.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2015.

Na Figura 10 é nítida a diferença entre os períodos de enchente e vazante do rio Jutai. No caso, temos uma imagem da beira da Vila em meados do mês de Outubro, período de cota mínima do rio Jutai. Ao contrário da Figura 9 (no período da enchente, nesta é possível distinguir os flutuantes da beira de Copatana com algumas casas da Vila.

1.3.4.5 Mercados

Em Fevereiro de 2016 foi realizado um levantamento dos estabelecimentos comerciais da Vila. Com os resultados não evidenciou-se a presença de mercados municipais, feiras e supermercados. Existem apenas mercadinhos e tabernas¹. Além de outros estabelecimentos

1 A taberna trata-se de um comércio pequeno característico de Manaus e demais cidades do interior antes da proliferação do conceito de mercadinho. Esta possui duas características marcantes que as distinguem dos demais estabelecimentos comerciais:

A primeira é de ordem estrutural, pois o comprador não tem acesso ao interior do estabelecimento e apenas solicita o item que é disponibilizado pelo "taberneiro", o dono da taberna, no balcão localizado em janelas em frente e/ou na lateral do estabelecimento;

comerciais, como: bares, lanchonete, vendas de comida e materiais de construção. Ao todo, existem 30 estabelecimentos comerciais na Vila (Tabela 2).

Tipo de estabelecimento comercial	Quantidade
Mercadinho	08
Taberna	04
Padaria	04
Vendas de marmitas de comida ou churrasco	03
Bar	04
Lanchonete	01
Bomboniere (loja de bombom)	01
Loja de material de construção	01
Marcenaria e Moveleira	01
Flutuante Frigorífico	02
Pontão de gasoline	01
Total	30

Tabela 2 – Estabelecimentos comerciais de Copatana, Fevereiro/2016.

Fonte: Resultados de campo, Fevereiro de 2016.

As informações mais interessantes à cerca destes estabelecimentos comerciais é o local de compra das mercadorias, principalmente, dos mercadinhos e da loja de materiais de construção.

O segundo aspecto compreende uma perspectiva mais subjetiva que são as relações de vizinhança e confiança. As tabernas detinham uma abrangência muito restrita considerando a origem dos compradores, geralmente se limitando à rua ou quadra/quarteirão onde se situavam. Por esse motivo, os pais ficam a vontade de "mandar as crianças na taberna", estas nem sempre satisfeitas com a interrupção de seu momento de brincadeira.

MORAES; TAVARES-PINTO e SCHOR (2016, p. 33)

Pois, 50% dos mercadinhos entrevistados compram as mercadorias no barco José Lemos que a cada 15 dias chega ao porto de Jutai diretamente da cidade de Manaus. O dono da loja de materiais de construção também encomenda as suas mercadorias do proprietário do barco José Lemos e, uma das quatro tabernas entrevistadas também compra as suas mercadorias neste barco.

O barco José Lemos abastece mais a Vila do que a própria cidade de Jutai. Este barco desatraca do porto de Manaus (capital do estado) a cada 15 dias, viaja pelo rio Solimões com escala apenas em Fonte Boa e seu destino final é Jutai, chega sábado na cidade e sai nas terças-feira com destino à Manaus.



Figura 11 – Dinâmica do Porto de Jutai com a chegada do Barco José Lemos.

Autor: Janderson M. Bezerra, Fevereiro de 2016.

Ademais, o estabelecimento comercial, do tipo mercadinho, mais antigo da Vila é o mercadinho Dona Alda, em funcionamento há 20 (vinte) anos, segundo o vendedor que cuida da loja. Sendo que, este localiza-se em frente a praça da igreja de São Sebastião.



Figura 12 – Mercadinho Dona Alda, Vila de Copatana.

Autor: Janderson M. Bezerra, Julho de 2015.

Apesar da existência de muitos pescadores em Copatana e da relevante produtividade pesqueira destes (como veremos no próximo capítulo), os moradores da Vila não possuem hábitos de compra de alimentos muito saudáveis.

Com os trabalhos de campo realizados na Vila de Copatana foi possível observar que a maioria dos seus moradores costuma comprar alimentos enlatados ou congelados para o consumo em suas refeições. Por outro lado, o consumo de peixe fresco, carne do mato ou frango de quintal acabam sendo uma exceção. Isso demonstra o quanto o urbano já está nos hábitos de consumo e

de compra dos moradores da Vila de Copatana. Este fato pode ser explicado pela proximidade da Vila de Copatana com a cidade de Jutai e pelo fluxo diário de pessoas entre a cidade e a Vila.

1.3.5 A relação cidade e Vila: a mobilidade dos moradores de Copatana para Jutai.

Os moradores da Vila de Copatana possuem uma relação de dependência com a cidade de Jutai, muito por conta da Vila não possuir estrutura e infraestrutura o suficiente para ser mais independente de sua sede municipal. Com isso, o fluxo de pessoas que vão com frequência à Jutai é intenso. Ou seja, diariamente os copatanenses vão à cidade resolver problemas diversos, desde compra de produtos alimentícios à ida ao Banco ou lotérica.

Para um conhecimento mais detalhado sobre essas questões elaborou-se um questionário de mobilidade com o título: Questionário Relações Cidade-Vila. O questionário teve como principal objetivo saber com qual frequência os comunitários costumam ir à cidade e quais as principais atividades vão realizar.

O Questionário de Mobilidade (em apêndice) foi aplicado na Vila de Copatana entre os dias 07 e 12 de Dezembro de 2016 com 5%² da população total residente da Vila. Sendo que, Copatana possui atualmente aproximadamente 1.000 (mil) habitantes, realizaram-se então as entrevistas com 50 pessoas maiores de 18 anos de idade. Fomos de forma aleatória nas residências das pessoas, sem haver uma seleção prévia de pessoas, classe, gênero ou localização da casa.

Como vimos no tópico sobre a forma urbana da Vila que esta é dividida principalmente por duas zonas ou partes, isto é, a "parte da frente" e a "parte de trás". Com isso, procurou-se dividir as entrevistas de forma igual entre as duas partes de Copatana, pois estas aparentam ser demograficamente semelhantes.

Para melhor ilustrar todo o universo que existe entre o simples deslocamento das pessoas da Vila para a cidade de Jutai organizou-se os resultados do questionário em gráficos.

2 Este percentual é baseado nos dados de população divulgados pelo IBGE no último censo populacional realizado em 2010.

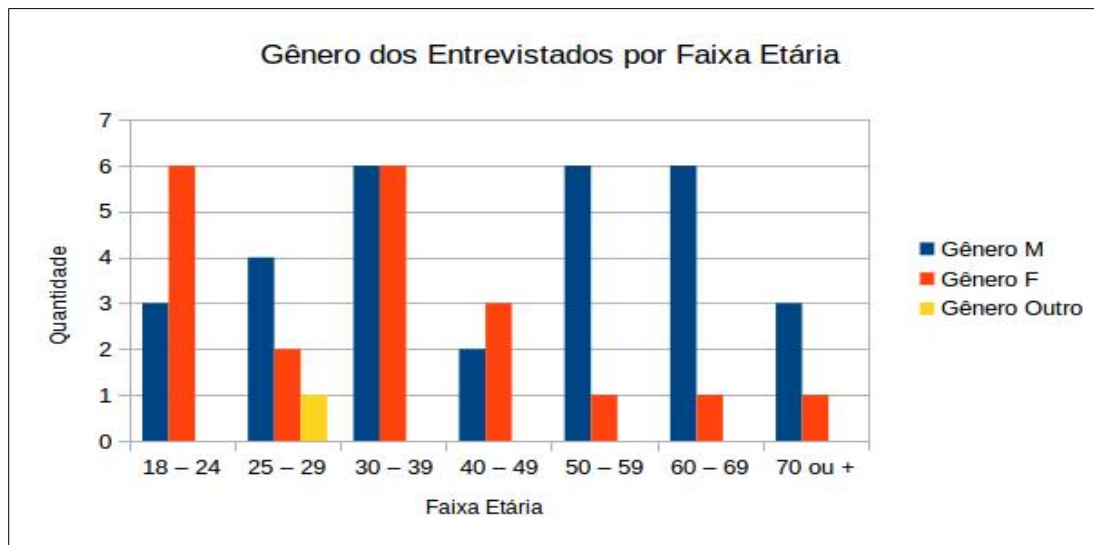


Figura 13 – Gênero dos moradores de Copatana por Faixa Etária.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

Na Figura 13 pode-se observar que foram realizadas entrevistas com pessoas da faixa etária de 18 anos de idade até mais de 70 anos de idade. E, que em todas as faixas etárias houve entrevistas com pessoas tanto do gênero masculino, quanto do feminino. Apenas uma pessoa pertencente à faixa etária de 25-29 anos de idade não se declarou ser do gênero masculino e nem do feminino, como isso, classificou-se como "outro".

De forma geral, a maioria dos entrevistados foram homens com 30 anos ou mais de idade, 30 de um total de 50 pessoas entrevistadas.

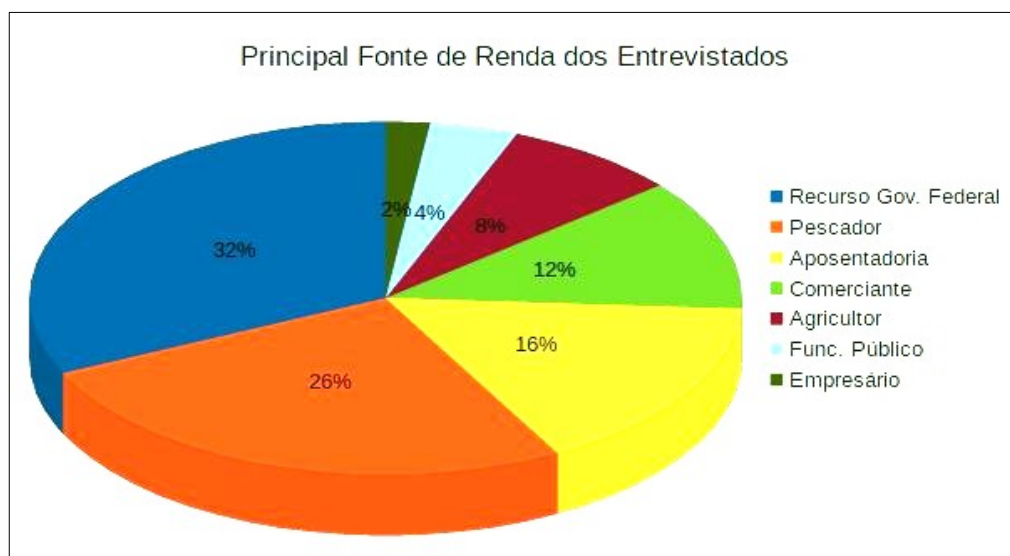


Figura 14 – Principal fonte de renda dos entrevistados na Vila.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

Outro resultado interessante é sobre a principal fonte de renda dos entrevistados. Neste quesito 32% das pessoas responderam que a sua principal fonte de renda é de recurso do Governo Federal, como se pode observar na Figura 14. Este recurso que as pessoas entrevistadas disseram receber e ser a sua principal fonte de renda na verdade é o Programa Bolsa Família do governo federal.

Ademais, 26% dos entrevistados responderam que a pesca é a sua principal fonte de renda. Este percentual relevante vem à corroborar a afirmativa de que existem muitas pessoas moradoras da Vila vivendo principalmente da pesca ou tendo esta como a sua principal atividade econômica. Tal resultado contribuiu também para as análises que fez-se nos capítulos posteriores sobre a importância da pesca em Copatana.

Em terceiro lugar, temos a aposentadoria com 16% como a principal fonte de renda da família dos entrevistados. E, em menores expressões temos comerciantes, agricultores, funcionários públicos e empresários. Destes últimos, o que chama mais atenção é agricultor, pois este percentual baixo (apenas 8%) em relação aos primeiros vem à comprovar que a Vila de

Copatana não é agrícola e depende muito de outras localidades para o abastecimento de produtos in natura.

O mais interessante é que nenhum dos entrevistados afirmou ter o Seguro Defeso do Governo Federal como fonte de renda. Sendo que, a Vila de Copatana possui mais de 400 pescadores associados em Associações, Sindicato ou Colônia de Pescadores em Jutáí. Talvez os pescadores não tenham levado este fato em consideração, pois, muitos pescadores continuam à pescar para comercializar mesmo em período de Seguro Defeso. Este benefício é pago em 4 (quatro) parcelas de 01 (um) salário mínimo no período de 4 (quatro) meses. Sendo que, em apenas uma pescaria bem sucedida que dura aproximadamente 15 dias, eles podem faturar aproximadamente o que lhe é pago pelo Seguro Defeso.

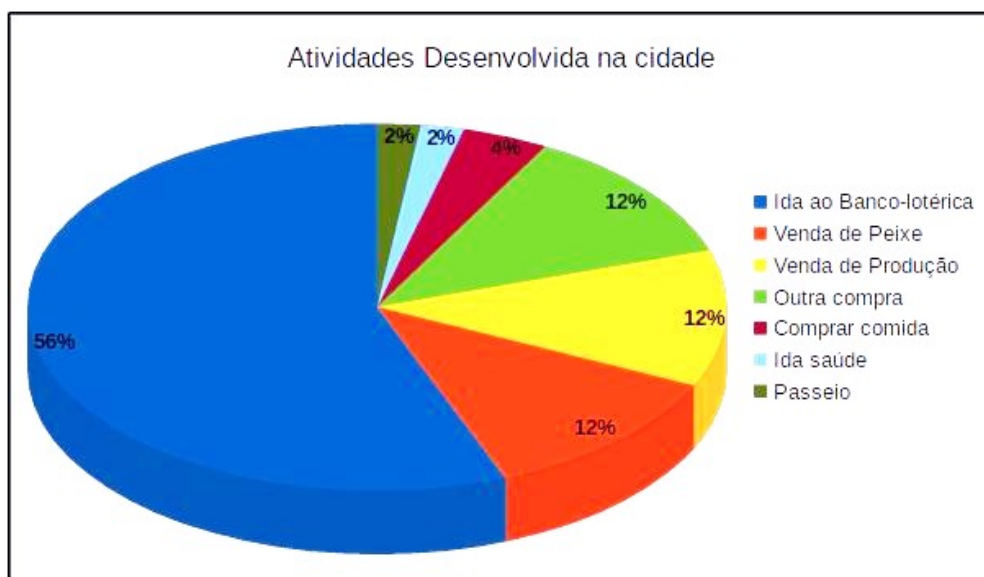


Figura 15 – Principais atividades desenvolvidas na cidade de Jutáí pelos moradores da Vila.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

Outro item do Questionário de Mobilidade é sobre as principais atividades desenvolvidas na cidade de Jutáí pelos moradores de Copatana. Os resultados deste explicam os resultados do item anterior ou vice-versa. Pois, 56% dos entrevistados afirmaram que vão à cidade principalmente para utilizar-se de serviços bancários ou lotéricas (Figura 15). E, nos resultados sobre a fonte de renda, aproximadamente 50% dos entrevistados recebem recurso do Governo

Federal (como o Programa Bolsa Família) ou aposentadoria como principal fonte de renda. Ou seja, pelo menos uma vez ao mês estas pessoas precisam ir à cidade para receber o seu benefício.

Posteriormente, temos a venda de peixe, venda de produção e compra com 12% cada como principais atividades desenvolvidas na cidade pelos entrevistados da Vila. Além de outras atividades, em menor expressão, como compra de comida, ida saúde e passeio.

Ademais, com as observações que se fez na cidade de Jutáí e na Vila de Copatana foi possível perceber nas idas e vindas da Vila que a maioria das pessoas que viajam de Copatana à Jutáí são mulheres. Principalmente, senhoras mães de família que vão à cidade sacar o seu benefício da Bolsa Família ou aposentadoria. Aproveitam a viagem para fazer compras, como rancho e comida. Outra observação que se obteve foi que diariamente (principalmente na época de fartura de peixe) existem pescadores de Copatana realizando viagens à cidade de Jutáí para fazer venda de pescado. Muitas vezes, ao chegar à cidade de Jutáí para a realização de trabalho de campo na Vila de Copatana reconheceu-se muitos pescadores da Vila vendendo peixe na beira de Jutáí.

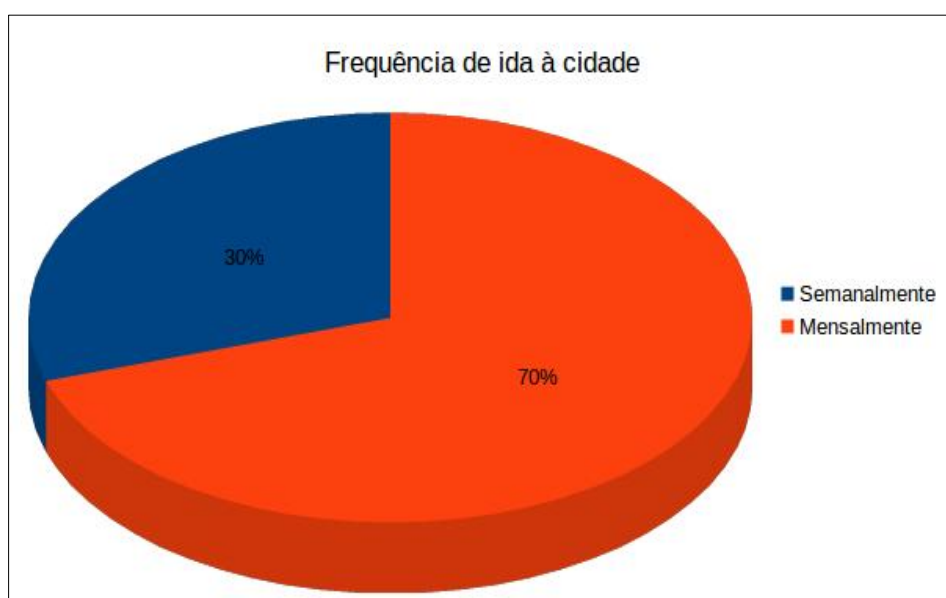


Figura 16 – Frequência de ida à cidade.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

Sobre a frequência de vezes que os moradores da Vila costumam ir à cidade Jutai, 70% dos entrevistados afirmaram ir apenas mensalmente à sede municipal resolver os seus problemas. Relacionando com o que já foi dito anteriormente, aonde vimos que 56% dos entrevistados vão à cidade para utilizar, principalmente, os serviços bancários e lotéricas. Mais ainda, que estes mesmos são beneficiários da bolsa família ou de aposentadoria. Dessa forma, a grande maioria desses 70% de pessoas que vão à Jutai apenas 1 (uma) vez ao mês são beneficiários de programas do governo federal e aposentados. Por isso, vão à cidade mensalmente para receber o seu benefício.

Por outro lado, 30% dos entrevistados afirmaram ir à cidade de Jutai pelo menos uma vez por semana. Por sua vez, estes são, principalmente, pescadores, produtores rurais, ou seja, vão para Jutai vender peixe ou produção agrícola. Nestes últimos, cabem também aqueles que vão comprar gêneros alimentícios ou comerciantes que vão comprar mercadorias para abastecer o seu comércio local.



Figura 17 – Tempo de permanência dos moradores da Vila na cidade de Jutai.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

À cerca do tempo de permanência na cidade, podemos observar no gráfico acima que a grande maioria das pessoas (68% dos entrevistados) passam apenas algumas horas em Jutaí. Com isso, podemos afirmar que os moradores da Vila vão a Jutaí resolver apenas questões pontuais, isto é, problemas de rápida resolução.

Após vários trabalhos de campo na Vila de Copatana e na cidade de Jutaí foi possível acompanhar de perto essa dinâmica das pessoas entre a Vila e a Cidade de Jutaí. Observou-se que as pessoas costumam sair de manhã cedo de Copatana (entre 6 e 7 horas da manhã) para a cidade de Jutaí e depois das 11h00min da manhã já estão começando a voltar para Copatana. Enfim, a vivência que tivemos na Vila nos possibilitou conhecer a rotina desta dinâmica e corroborar com os resultados do Questionário de Mobilidade como autênticos.

As viagens que realizamos à Vila de Copatana foram sempre árduas e difíceis, pois eram sempre em canoas sem coberturas. Estávamos sempre expostos aos raios solares ou à chuva por aproximadamente duas horas. Isto decorre da falta de existência de transporte regular, tal qual existe na Vila de Caiambé no município de Tefé.

Em Caiambé existem lanchas equipadas e preparadas para o transporte de passageiros, com horários de saída e de chegada. Além disso, as viagens são mais rápidas do que seria em canoas com motor rabeta na popa: "Em 2017 predominam duas formas de transporte mais utilizadas pelos moradores, pelas lanchas rápidas e barcos de linhas que saem de Tefé e passam pela Vila de Caiambé na ida e na volta." (FERNANDES, S. M. A, 2017, p. 140). Na Vila de Copatana (principalmente quando se é um visitante sem transporte próprio) não tem hora certa de saída ou de chegada. Está-se sempre à mercê do "dono da Viagem" (o proprietário da catraia). Além disso, está-se sempre exposto às intempéries do tempo/clima (Figura 18). Quando não chegamos na Vila molhados da chuva chegamos "torrados" do sol ardente do verão amazônico. Mas, nunca desanimamos e encaramos tais dificuldades como uma etapa necessária para a melhor compreensão da dinâmica da Vila de Copatana.



Figura 18 – Catraias dos moradores de Copatana que fazem o trajeto entre a Vila e a cidade.

Autor: Janderson M. Bezerra, Fevereiro de 2016.

A Figura 19 corrobora com outras afirmações que fez-se anteriormente sobre as principais atividades realizadas na cidade, isto é, as pessoas vão à cidade, principalmente, para receber o benefício do bolsa família ou de aposentadoria. Isto se explica pelo fato de 58% dos entrevistados afirmarem ir à cidade mais frequentemente em dias de pagamento.

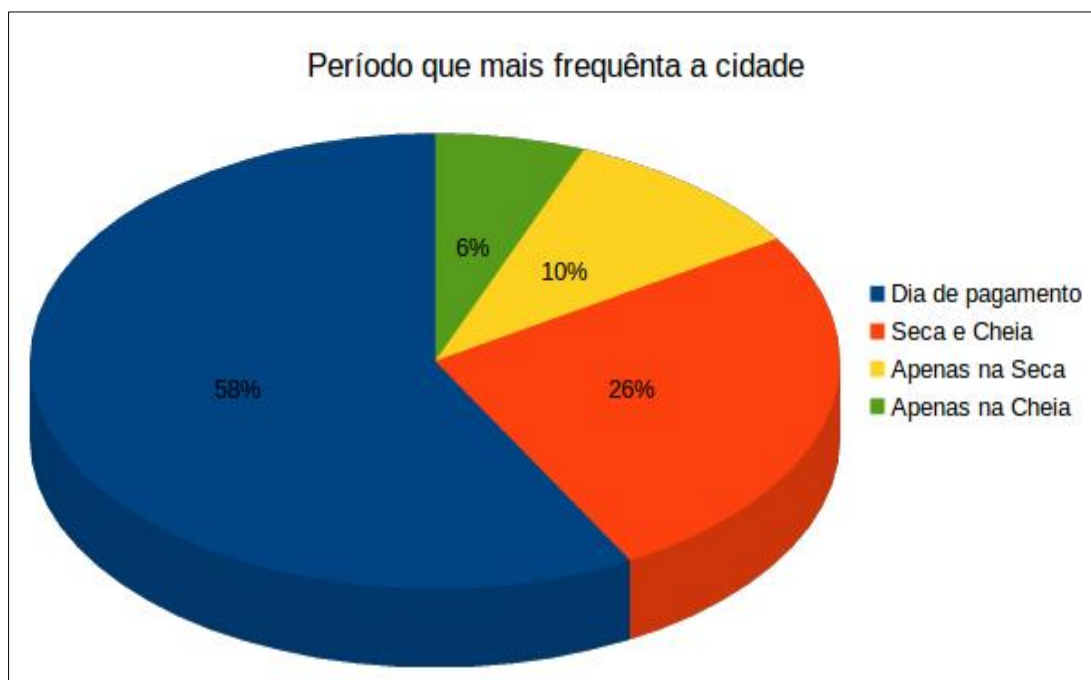


Figura 19 – Período que os moradores da Vila mais frequentam a cidade.

Fonte: Questionário de Mobilidade na Vila de Copatana, Dezembro de 2016.

Ademais, 26% das pessoas que moram em Copatana vão à Jutai em qualquer época, ou seja, tanto na cheia quanto na seca. Estes provavelmente são pescadores, produtores agrícolas ou comerciantes que precisam ir constantemente à cidade vender a sua produção ou comprar mercadorias.

Enfim, sobre os deslocamentos das pessoas que moram na Vila para a cidade de Jutai, conclui-se que, a maioria são mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família do Governo Federal. Vão à cidade apenas uma vez ao mês para sacar o seu benefício nas casas lotéricas de Jutai. Permanecem apenas algumas horas na cidade, pois é tempo suficiente para receber o seu dinheiro e realizar algumas compras essenciais, como rancho³ e comida. Outros fatores sobre o deslocamento entre a cidade e a Vila estão relacionados, principalmente, com a pesca ou o pescado de Copatana para Jutai.

3 Produtos alimentícios essenciais para uma pessoa ou família consumir durante um determinado período: dias, semana ou mês.

1.3.6 A variação do preço da cesta básica na Vila durante os regimes de enchente e vazante do Rio Jutai.

Após os primeiros trabalhos de campo realizados na Vila percebeu-se a necessidade de realizar coletas de preços de produtos que compõem a cesta básica. Apesar de os comerciantes de Copatana comprarem suas mercadorias diretamente no barco que sai de Manaus para Jutai, o preço dos produtos alimentícios não são os mesmos que os encontrados na cidade de Jutai.

Foi possível vivenciar este fato e perceber que os mesmos produtos comprados na Vila possuem preços mais elevados do que na cidade de Jutai. Apenas o peixe não sofre alteração. A diferença de preços entre a cidade e a Vila pode ser entendido pelo gasto que os comerciantes de Copatana têm para levar as suas mercadorias do porto da cidade para a Vila. Ou seja, eles precisam pagar carregadores e gastam com a gasolina (ao invés do frete), pois a maioria possui motor rabeta. Sobre esta questão do transporte da mercadoria e o custo da cesta básica no interior do estado do Amazonas, Moraes e Schor (2010, p. 109) afirmam que,

(...) O valor da cesta básica estaria associado, principalmente, aos custos decorrentes do fluxo de transporte das mercadorias (frete) e também de intermediários. Como a cesta básica é composta primordialmente por produtos industrializados e manufaturados produzidos fora da região, pressupõe-se que a distância, tipo de transporte e sazonalidade influenciam no preço final da cesta sendo que, as cidades com menos expressão na rede tem preço mais alto.

Neste sentido estamos argumentando sobre a diferença de preços que existe entre a Cidade e a Vila.

A metodologia para a coleta de preços na Vila de Copatana foi fundamentada na obra "Cesta básica na ponta do lápis: práticas de pesquisa em Geografia" de Moraes, Tavares-Pinto e Schor (2016). Dessa forma, a primeira coleta foi realizada no mês de maio de 2016, na cota máxima dos rios Solimões e Jutai naquela região. Por outro lado, a segunda coleta de preços foi realizada no mês de outubro de 2016, na cota mínima dos rios Solimões e Jutai.

Moraes, Tavares-Pinto e Schor trabalharam em sua obra o conceito de Cesta Básica Regionalizada – CBR, neste caso no estado do Amazonas. Apresentam uma tabela com 21 itens/produtos que compõem a CBR, nestes temos: produtos industriais, beneficiados e *in natura*. A recomendação dos autores é que recolhemos preços dos produtos da CBR em pelo menos 5 (cinco) estabelecimentos comerciais (os maiores ou mais frequentados) distribuídos entre as áreas

centrais e áreas periféricas da cidade, no caso a Vila de Copatana. Após recolher os preços em diferentes mercadinhos da Vila obtivemos uma média de preço para cada produto da CBR.

Foram realizadas pesquisas de preços de produtos industriais, beneficiados e *in natura* em épocas distintas do regime hidrológico do rio Jutaí. Isto para que fosse possível perceber qual seria o impacto nos preços dos produtos pesquisados e, conseqüentemente, no valor final da Cesta Básica Regionalizada em Copatana durante os diferentes períodos do ano.

Pois no período da enchente existe naturalmente maior escassez de peixe na região amazônica, pelo fato da maioria dos indivíduos da espécie migrar para os igapós das várzeas e com isso dificultando à sua captura pelos pescadores. Sobre as várzeas amazônicas o ProVárzea (2007, p. 28) esclarece que:

(...) trata-se das áreas alagadas pelas águas brancas, ou seja, águas que descem das milhares de cabeceiras do sistema Solimões/ Amazonas e inundam as beiras dos rios durante alguns meses do ano, depositando novas terras ricas em nutrientes trazidas, juntas com as águas das chuvas, das montanhas dos Andes, renovando a fertilidade dos solos e atraindo os grandes cardumes de peixes que garantem o sustento dos ribeirinhos e pescadores que operam nas águas amazônicas (...).

Além disso, os produtos industrializados que normalmente são provenientes da capital do estado costumam ser transportados em grandes embarcações. E, durante a enchente é mais fácil trafegar pelos rios da região, pois os mesmos estão mais largos e mais profundos. Dessa forma, chegam mais rápido ao seu destino diminuindo assim os preços do frete.

Por outro lado, durante a vazante existe maior oferta de pescado, pois os mesmos migram para os lagos (dessa vez mais baixos) e rios. Além disso, com a descida das águas aparecem as várzeas férteis onde os ribeirinhos podem plantar frutas e verduras. Sobre as várzeas férteis o ProVárzea (2007, p. 28) afirma que:

(...) possuem um potencial produtivo muito grande e variado, o que originou uma economia rural dos varzeiros qualificada por Furtado (1993) de “polivalente”, se remetermos à sua diversidade em saber aproveitar todos os recursos disponíveis nas diferentes sazonalidades (...).

Contudo, os produtos industrializados encontram mais dificuldades em chegar às cidades mais distantes da capital, fazendo com que aumente o preço do frete e, conseqüentemente dos produtos alimentícios.

Dados os fatos, veremos qual fator irá ter mais influência para o custo médio da CBR na Vila de Copatana: a ausência das várzeas férteis e do pescado na enchente ou o custo elevado do frete de mercadorias na vazante.

Produtos	Quantidade	Média de Preço (R\$) na Enchente	Média de Preço (R\$) na Vazante
Açúcar (cristal)	1Kg	3,50	3,70
Arroz	1Kg	3,60	3,80
Café em Pó	250g	5,87	5,60
Colorau	100Kg	1,90	2
Farinha de Mandioca	1Kg	5,00	5,00
Feijão (jalo)	1Kg	9,33	14
Frango Congelado	1Kg	8,50	8,75
Leite em Pó	400g	8,75	8,75
Macarrão (espaguete)	500g	3,00	3,05
Margarina	250g	2,90	2,10
Óleo de Soja	900ml	5,60	6
Ovos de Galinha	1 Dúzia	6,10	5,76
Pão Francês	1 Unidade	0,25	0,20
Pimenta do Reino	100g	2,70	3
Sal	1Kg	1,90	1,75
Vinagre (tinto)	500ml	3,10	3
Banana*	1Kg	—	—
Carne*	1Kg	—	—
Limão*	1Kg	—	—
Peixe	1Kg	3,25	1,30
Tomate*	1Kg	—	—

*estes produtos não foram encontrados de forma comercializável na Vila.

*Cálculo final do custo da CBR na Vila de Copatana: período da Enchente	R\$ 449,82
*Cálculo final do custo da CBR na Vila de Copatana: período da Vazante	R\$ 415,08

*Sem considerar os produtos: banana, carne, limão e tomate. Os mesmos não foram encontrados de forma comercializável na Vila.

Tabela 3 – Variação de preço dos produtos na Vila nos períodos de Enchente e de Vazante.

Fonte: Trabalho de campo realizado na Vila nos meses de Maio e Outubro de 2016.

Ao observar a Tabela 3 percebe-se que a diferença de preço do custo da Cesta Básica Regionalizada em Copatana entre os períodos de enchente e vazante do rio Jutai e Solimões é de R\$ 34,74. Sendo que, o custo final da CBR é mais elevado durante a enchente do que durante a vazante. Tal fato é explicado pelo seguinte,

Todas as cidades apresentaram custo da Cesta Básica Regionalizada (CBR) (adaptada da nacional para melhor caracterizar os hábitos locais) menor na vazante (Gráfico 1). Com isso, tem-se fartura na seca pela possibilidade de cultivo nas várzeas – de tomate, por exemplo – e, principalmente, pela abundância de peixes. Na cheia existe uma relativa escassez, pois a pesca torna-se difícil e, na impossibilidade das culturas de várzea, aumenta a importação de produtos de Manaus, ou até mesmo outras regiões do país, para garantir o abastecimento local, o que onera os custos com alimentação na cidade devido ao transporte, possível apenas por via fluvial. A variação apresentada acentua-se ainda mais se considerarmos somente os produtos in-natura, pois estes são produzidos localmente no período da vazante quando as várzeas férteis do rio Solimões ficam disponíveis para plantação. (COSTA e SCHOR, 2013, p. 55)

Um dos principais produtos responsáveis por essa diferença no preço final da CBR durante estes dois períodos foi o peixe (apesar de o feijão ter sofrido um relevante aumento, falaremos deste mais adiante). Pois, na época da enchente o quilograma do peixe foi comercializado em média por R\$ 3,25, ou seja, mais caro que no período da vazante que foi de R\$ 1,30 (Tabela 3). Estes dados permitem afirmar que a sazonalidade característica do regime hidrológico exerce influência no preço do pescado por causa da escassez (enchente) e fartura (vazante) e, conseqüentemente no preço final da cesta básica.

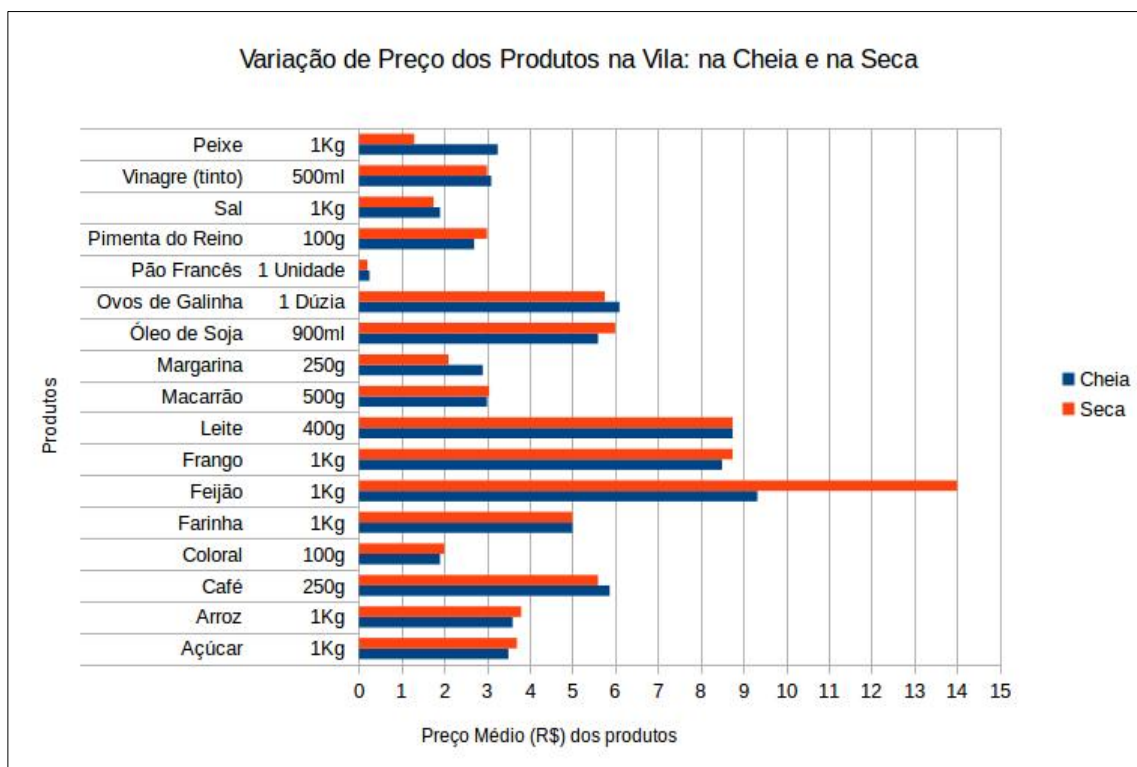


Figura 20 – Variação de preço dos produtos na Vila em diferentes períodos do ano.

Fonte: Trabalhos de campo realizados nos meses de Maio (cota máxima do rio Solimões e Jutai) e Outubro (cota mínima do rio Solimões e Jutai) de 2016.

Na Figura 20 podem-se vislumbrar melhor as disparidades ou equivalências dos preços dos produtos da Cesta Básica Regionalizada em Copatana. Principalmente, o preço do feijão que de Maio para Outubro de 2016 teve um aumento considerável. A Figura 21 descreve a variação do preço do feijão em Manaus, na capital do estado, durante os doze meses do ano de 2016.

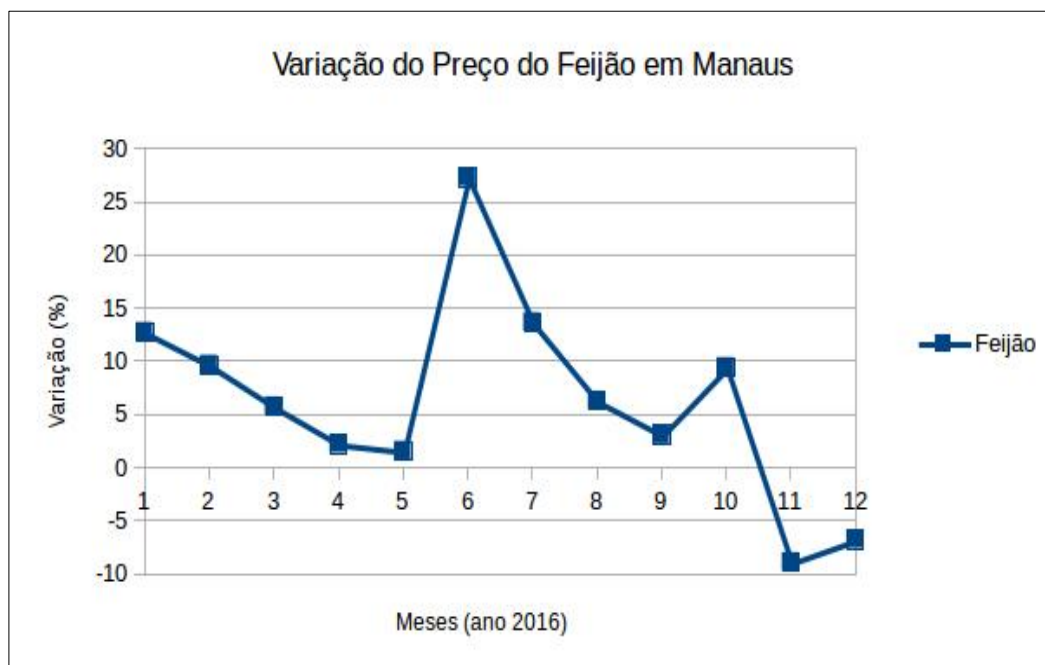


Figura 21 – Variação do preço do feijão na cidade de Manaus em 2016.

Fonte: DIEESE, 2016. Organizadores: Moisés Augusto e Janderson Bezerra, 2017.

Pode-se observar na Figura 21 que o feijão sofreu forte variação de preço em Manaus durante todo o ano de 2016. Comparando com a coleta de preços realizada na Vila durante os meses de Maio e Outubro do mesmo ano, percebeu-se o relevante aumento do preço do feijão na segunda coleta.

Observa-se também na Figura 21 que em Manaus o salto de preço entre os dois períodos ocorreu no mês 6, ou seja, em Junho. Onde a variação foi de aproximadamente 30%. Apesar de ter decaído entre os meses 7 e 9, mas exatamente no mês 10 o feijão volta a ter uma relevante variação positiva de aproximadamente 10%. Acredita-se que foram estas variações que afetou o preço do feijão em Copatana quando foi realizado a segunda coleta de preços. Este resultado se dá pelo fato do feijão não ser produzido localmente e sim proveniente da cidade de Manaus. O feijão que é produzido localmente é o feijão de corda ou de praia, que não entrou no cálculo da Cesta Básica, mas que tem importância na região. A safra destes dois produtos ocorre no período das várzeas, na época da vazante dos rios.

Esta variação que elevou o preço do feijão não ocorreu apenas em Manaus ou na Vila de Copatana. Foi um fenômeno econômico que ocorreu em todas as regiões do Brasil. Ou seja, segundo os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, em todas as capitais brasileiras neste mesmo período do ano de 2016 houve aumentos do preço do feijão.

Na Figura 22 ilustra-se a variação do preço do feijão ao longo do ano de 2016 em pelo menos uma capital de cada região do país. Onde veremos que as maiores altas foram exatamente entre os meses de Junho e Julho no caso de Porto Alegre.

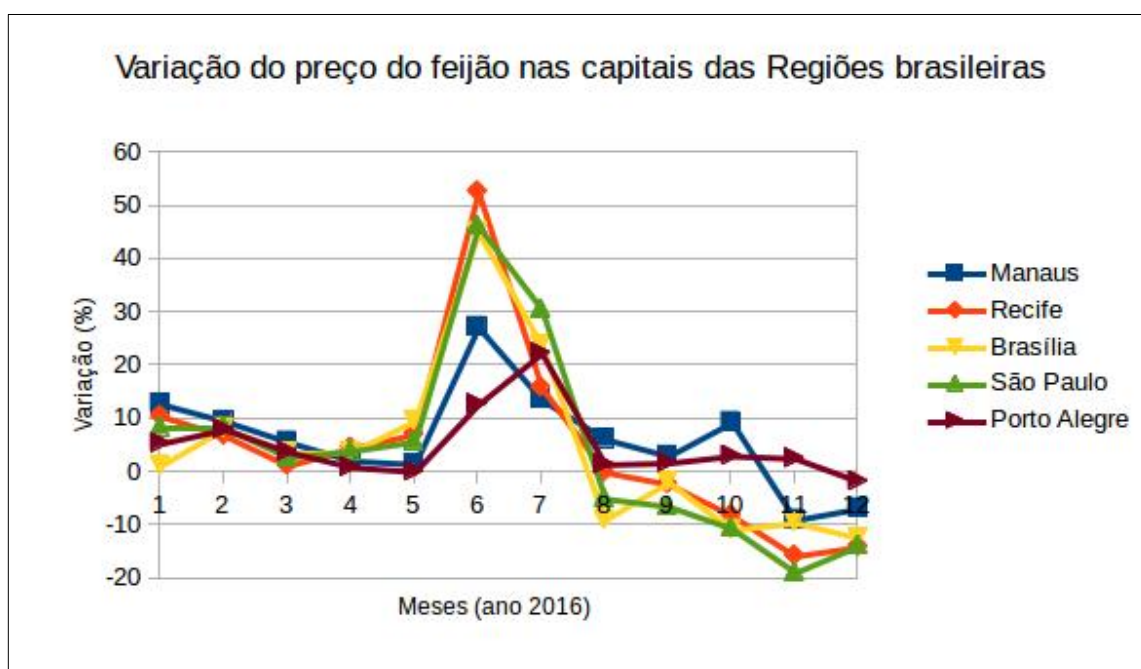


Figura 22 – Variação do preço do feijão na cidade de Manaus em 2016.

Fonte: DIEESE, 2016. Organizadores: Moisés Augusto e Janderson Bezerra, 2017.

Pode-se observar na Figura 22 que dentre as capitais representadas a que teve maior alta no período mencionado foi Recife, capital de Pernambuco na região Nordeste do Brasil, com aproximadamente 55% de variação positiva. Seguidas por Brasília, região Centro-Oeste e, São Paulo na região Sudeste, ambas com aproximadamente 50% de alta. Posteriormente, temos Manaus com aproximadamente 30% de alta, como mencionado. E, por último temos Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul na Região Sul do país. Esta por sua vez, sofreu a maior

variação positiva do feijão apenas no mês de Julho de 2016, ou seja, 1 (um) mês posterior à maioria das capitais. Esta variação positiva foi de pouco mais de 20%.

Sobre o que motivou estas variações anormais do feijão durante o período de referência, o DIEESE afirma que,

O clima influenciou na qualidade do grão e, com isso, o preço no varejo subiu desde o início do ano. A cultura do feijão também perdeu espaço para a soja e houve diminuição da área plantada. Em junho, os aumentos foram maiores e o Brasil passou a importar feijão na tentativa de suprir a demanda. (DIEESE, p. 03, Julho de 2016)

A variação do preço do feijão em todas as regiões do Brasil e o seu evidente impacto na Vila demonstra que mesmo estando distante do resto do país e muitas vezes ser considerada "isolada", Copatana em termos de alimentação tem fortes relações com a agroindústria brasileira e apresenta características equivalentes as outras áreas urbanas.

A Vila de Copatana possui essa forte influência externa sobre os produtos alimentícios porque a maioria dos comerciantes da mesma encomenda suas mercadorias diretamente da cidade de Manaus. Copatana é uma Vila de grande porte se comparada às outras comunidades do rio Jutaí. Em muitos casos chega a abastecer as localidades menores. Muitas vezes flagrou-se pescadores de outras comunidades mais próximas fazendo compras de rancho para despesas de pesca no flutuante do Sr. Guidó (grande comprador de pescado em Copatana).

Em outras ocasiões, como em festas comunitárias, quando a bebida da festa acaba os vendedores e até consumidores da festa vão até a Vila de Copatana comprar bebidas para reabastecer a comunidade novamente. Enfim. A Vila de Copatana possui certa influência na microrregião do baixo rio Jutaí.

1.4 A Influência do Garimpo do Rio Boia na Cidade de Jutaí e na Vila de Copatana.

Outro fato interessante que caracterizou a Vila de Copatana no ano em 2016 foi o garimpo de ouro que existe no rio Jutaí. Acredita-se que a região onde ocorre a atividade de garimpo (no rio Boia) localiza-se no Médio rio Jutaí, pois fica acima da RESEX do rio Jutaí, esta por sua vez, localiza-se no Baixo rio Jutaí.

O primeiro registro mais contundente sobre a exploração de ouro no rio Jutaí data do ano de 2002 em um noticiário do Rio de Janeiro, onde um dos trechos afirma que,

Indigenistas federais interditaram, neste domingo (26/8), um garimpo ilegal de ouro no Rio Jutaí, numa área isolada do Alto Solimões, no Amazonas. Quatro homens trabalhavam de madrugada na draga de 22 metros de comprimento, a 18 kg da confluência com o Rio Boia, quando foram abordados pela expedição que, desde o início de Junho, desenvolve ação contra madeireiros e garimpeiros. (ESTADÃO, 26 de Agosto de 2002.)

Atualmente, o garimpo de ouro concentra-se, principalmente, no Médio Rio Boia, tributário de primeira ordem do Rio Jutaí. Apesar de poucas pessoas da Vila ter ido trabalhar neste garimpo, o mesmo possui uma relevante influência em Copatana. Segundo relatos, neste garimpo é possível ganhar muito dinheiro em pouco tempo, isto é, em apenas 20 (vinte) dias no garimpo o trabalhador pode ganhar no mínimo R\$ 5.000,00 mil. Existem muitas formas de ganhar dinheiro no garimpo, que vai desde o trabalho de extração do metal precioso do fundo do rio por meio das "dragas" (espécie de furadeira gigante) até a venda de bebidas alcoólicas e a prostituição de mulheres com os garimpeiros.

No trabalho de campo realizado em Fevereiro de 2016 na Vila de Copatana obteve-se a companhia e auxílio do economista e Mestre em Ciências do Ambiente Moisés Augusto Tavares Pinto, na qual, ele realizou entrevistas informais com algumas pessoas que já trabalharam no garimpo em Jutaí. Obtivemos algumas informações interessantes que mostram o impacto do garimpo na localidade. As entrevistas ficaram registradas em seu relatório de campo. Com isso, resgato um trecho do seu relato sobre particularidades do garimpo interessantes:

Os empregos mais cobiçados, entretanto, são os ligados diretamente a extração e a de cozinheira (mulheres). Os trabalhadores deste ramo sempre levam suas próprias caixas de cerveja adquiridas em Jutaí, seja para consumo próprio no caso dos garimpeiros, seja como um investimento, no caso das cozinheiras. Quando o estoque dos garimpeiros acaba, o que ocorre com frequência, surge a oportunidade para as cozinheiras a cerveja ao preço até sete vezes maior. (TAVARES-PINTO, p. 11, 2016)

Neste pequeno trecho já podemos perceber que o preço dos produtos pode ser muito elevado no garimpo. Este fato também acaba sendo uma interessante característica do garimpo. Sendo este, um fato que impressiona as pessoas que não conhecem a realidade do garimpo. O economista Moisés Augusto aproveitou a oportunidade para elaborar uma tabela com preços de produtos, salários e serviços (no caso a prostituição).

PRODUTO/SERVIÇO	PREÇO (em grama de ouro) *	PREÇO (aproximado em R\$)
------------------------	-----------------------------------	----------------------------------

Uma caixa de cerveja	1,5	R\$ 171,00
Litro de Diesel	0,2	R\$ 22,80
Prostituição**	5 a 50	R\$ 570,00 a R\$ 5.700,00
Operador de maquina	60	R\$ 6.840,00
Assistente	100	R\$ 11.400,00
Gerente	200	R\$ 22.800,00
Salário de cozinheira de draga grande	60	R\$ 6.840,00
Salário de cozinheira de draga pequena	40	R\$ 4.560,00
Pacote de cigarros	1 a 2	R\$ 114,00 a R\$ 228,00
Prato de isca de calabresa frita	0,3	R\$ 34,20
Refrigerante PET 2 litros	0,3 a 0,5	R\$ 34,20 a R\$ 57,00
Laptop usado (2 anos)	15	R\$ 1.710,00

*Cotação do ouro em Jutai 1g=R\$ 114,00

**Valor oscila

dependendo da demanda e principalmente da aparência física de ambos os envolvidos.

Tabela 4 – Preço dos produtos e serviços do garimpo na Vila de Copatana, 2016.

Fonte: Relatório de campo de Moisés Augusto, Fevereiro de 2016.

Pode-se observar na Tabela 4 que os valores dos produtos e serviços no garimpo são muito mais elevados do que o normal, ou do que na cidade ou mesmo no interior (no caso as comunidades da zona rural). Observa-se também ao final da tabela que o preço do ouro em Jutai estava cotado em R\$ 114,00 enquanto que, na mesma época no mercado brasileiro este estava sendo cotado em R\$ 172,58.

A Vila Copatana é um importante ponto de parada dos garimpeiros na volta da labuta, pois muitos não esperam chegar à cidade de Jutai para esbanjar o seu dinheiro com bebidas, drogas e mulheres. Mas também muitos chegam à Vila com fome e apenas com o ouro para vender ou trocar por comida. Diante disso, o Sr. Guidó (principal comprador de pescado da Vila), após

perder muitas vendas por não ter como mensurar o ouro dos garimpeiros que chegavam em seu flutuante sedentos por comida e bebida, comprou uma balança de precisão para pesar o ouro dos garimpeiros. Neste sentido, resgato outro trecho do relato de Tavares-Pinto (2016) sobre esta motivação do Sr. Guidó para começar a comprar ouro dos garimpeiros, onde afirma que:

O senhor Guido foi “forçado” a aceitar ouro como pagamento, pois já havia perdido muitas vendas (e também por não possui anteriormente uma balança de precisão). Os garimpeiros no Jutai não utilizam dinheiro como moeda, fazendo absolutamente todas as suas compras com ouro, inclusive de pequenos itens de higiene, alimentação ou bebidas. O flutuante do Guidó é como um refugio dos garimpeiros, que descem o jutai disfarçados em pequenas catraias ou canoas, devido ao medo de assaltos de piratas. Com receio de parar nas comunidades mais acima, param rapidamente apenas em Copatana, exaustos e famintos.

O Sr. Guidó paga R\$ 80,00 a grama do ouro na Vila Copatana, sendo que, na cidade de Jutai a grama do ouro é comprada por até R\$ 114,00. Pode-se observar na Figura 23 uma simulação de pesagem de ouro com grãos de farinha de mandioca.



Figura 23 – Simulação Pesagem de ouro no flutuante do Sr. Guidó.

Autor: Janderson Bezerra, Fevereiro de 2016.

Moisés Augusto obteve relatos também de Dona Léia (importante comerciante na cidade de Jutai) que trabalhou muitos anos em garimpos no Pará e em outras cidades do Amazonas. Dona Léia compra ouro em Jutai e revende em Letícia, paga a R\$ 111,00 a grama do ouro.

Vende o ouro em Letícia sempre que atinge acima de um quilo e dependendo também da boa cotação da commodity no mercado colombiano. Em Tabatinga ela é conhecida como “A rainha do Jutaí”, apelido que não lhe agrada e a faz temer por sua segurança na fronteira. (TAVARES-PINTO, 2016)

Moisés Augusto ainda conseguiu obter uma fotografia (à pedido dela) de algumas gramas de ouro que dona Léia havia acabado de comprar. Ela aproveitou também para esbanjar as joias em sua mão direita, feitas com o ouro comprado por ela (Figura 24).



Figura 24 – O ouro da "rainha do Jutaí".

Fonte: Relatório de campo de Moisés Augusto, Fevereiro de 2016.

Apesar da ilegalidade da atividade do garimpo na região do Médio Rio Jutaí, os garimpeiros possuem uma cooperativa. É a Cooperativa de Garimpeiros e Mineração – GoldCoop. A referida cooperativa está envolvida em projetos sociais na cidade de Jutaí (Figura 25).



Figura 25 – Projetos "Cidadão Digital" e "DO RE MI", ambos patrocinados pela GoldCoop.

Autor: Janderson M. Bezerra, Julho de 2016.

O garimpo no Rio Boia por vezes altera a rotina da Vila. Enfim, a exploração do ouro não é a principal atividade econômica em Copatana, mas existe outro recurso natural existente no Médio Rio Jutá que possui inteira relação e influência na dinâmica da Vila. A região do Médio e Baixo Rio Jutá possui alto potencial de pesca. É sobre esta questão que trataremos no próximo capítulo.

2. AS ESTRUTURAS DO COMÉRCIO DE PESCADO NA VILA DE COPATANA.

Este capítulo começa a tratar do que realmente pretende-se mostrar sobre a Vila de Copatana, ou seja, o seu potencial de pesca. Fato este desconhecido por nós até os primeiros trabalhos de campo realizados na Vila. As pesquisas (principalmente os campos) nos levaram à caminhos totalmente diferentes do projeto inicial. E, tal capítulo discorre sobre os principais resultados alcançados.

2.1 – O Monitoramento Participativo com os Pescadores "PROFISSIONAIS" de Copatana.

Antes de realizarmos os primeiros trabalhos de campo na Vila de Copatana tinha-se uma ideia, ou melhor, um projeto, de que a Vila de Copatana é uma grande produtora de insumos agrícolas. E, como grande produtora na agricultura seria capaz de abastecer a cidade de Jutai ou pelo menos as comunidades de sua área de influência. Porém, ao chegar em Copatana descobriu-se que sua produção agrícola é insuficiente para abastecer a própria Vila. Ou seja, a Vila de Copatana não produz nenhum produto que seja relevante para o comércio local. Por outro lado, começou-se a observar que chegava muito pescado na beira de Copatana, principalmente no flutuante do Sr. Guidó (grande comprador de pescado na Vila). Com isso, a ideia inicial de que era uma Vila agrícola foi substituída pela possibilidade de ser uma Vila de pescadores com características urbanas.

A implantação de um monitoramento foi uma das opções que pensou-se e realizou-se como uma das formas de colher dados primários, neste caso, de pesca. O monitoramento foi inspirado nos trabalhos de Van-Vliet *et al.* (2015) e Tavares-Pinto (2015), ambos realizaram suas pesquisas sobre as redes de caça de animais selvagens na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia. No caso de Van-Vliet *et al.* (2015) a metodologia da pesquisa baseou-se em uma dupla abordagem: a análise da cadeia do comércio de caça e a descrição qualitativa dos fluxos não-

comerciais de animais selvagens da zona rural para áreas urbanas. Logo de início tiveram que, primeiramente, ganhar a confiança das pessoas envolvidas nessa rede, pois

Dado o fato de que o comércio da carne de caça ocorre em canais ocultos, passamos de três a quatro meses em 2012 observando exclusivamente os mercados, discutir o assunto com os consumidores, identificação e abordagem dos comerciantes através de discussões informais, compartilhando refeições, e viajar para áreas de origens potenciais. Este investimento de tempo foi crucial para ganhar a confiança dos diferentes atores e reunir informações qualitativas sobre os pontos de venda, a tipologia das partes interessadas na cadeia (dos caçadores aos consumidores urbanos), as principais rotas de comércio, e os meios de transporte, de modo a definir a área de influência global e as relações entre as partes interessadas. (VAN-VLIET et al. 2015, p. 04)

Nesse sentido, realizou-se dois campos exploratórios⁴ para ganhar a confiança das pessoas que moram na Vila. Antes da decisão de realizar o monitoramento participativo (neste caso, da pesca) em Copatana, estava-se ciente desde o início sobre a importância de, primeiramente, apresentar-se a comunidade e aos poucos deixar as pessoas perceberem a boa intenção da pesquisa. Assim, no segundo trabalho de campo (campo exploratório II) percebeu-se o relevante potencial de pesca que a Vila possui, principalmente, o tambaqui – *Colossoma macropomum* em determinada época do ano. Posteriormente, descobriu-se uma rede comercial de peixes ornamentais, como filhotes de sulambas/aruanãs – *Osteoglossum bicirrhosum* e acará-disco – *Symphysodon aequifasciatus*. E, existem épocas de fartura de Matrinxã – *Brycon cephalus* e sardinhas – *Triportheus elongatus*, além dos peixes “lisos” ou bagres que também possui uma rede comercial internacional mais complexa do que aparenta ser. Pois o tabu alimentar sobre os bagres na região amazônica contrapõe com a demanda internacional pela espécie, principalmente de colombianos (MORAES; SCHOR e ALVES-GOMES, 2010).

Moraes (2012) descreveu o funcionamento dessa complexa rede dos bagres no Alto Solimões em sua dissertação de mestrado, tendo o município de Jutai como um dos fornecedores dessa espécie. São vários agentes que participam da "rede" comercial dos bagres. Desde o pescador, passando pelos atravessadores e pequenos frigoríficos locais, recreios de linha que vão para Tabatinga, chega às bodegas (grandes frigoríficos) em Tabatinga e Letícia para enfim chegar ao consumidor final na Colômbia. Moraes; Schor e Alves-Gomes afirmam que,

4 Refere-se ao 1o e 2o trabalho de campo ilustrados na Tabela 1 na introdução do trabalho.

Com a exportação, a cadeia produtiva de bagres (...) torna-se complexa devido à participação de vários agentes que intermedeiam esse processo e dos fluxos contarem com diferentes níveis de complexidade que se dão de acordo com a distância em relação ao mercado consumidor. (2010a, p. 98)

Dessa forma, foi de suma importância a implantação do monitoramento participativo com alguns pescadores da Vila para entender como funciona as estruturas de comércio de pescado na Vila de Copatana. Com o monitoramento tomou-se o conhecimento das principais espécies pescadas e comercializadas em todas as épocas do ano (cota máxima e mínima, enchente e vazante dos rios) e também sobre o destino final das mesmas. Além disso, tomou-se conhecimento também do preço médio das espécies (registradas no caderno de monitoramento) em cada época e quais os principais compradores, desde a Vila até o consumidor final.

Como parte necessária dos procedimentos metodológicos para que fosse possível alcançarmos tal meta, realizou-se, à priori, uma reunião com os pescadores da Vila no dia 17 de Fevereiro de 2016 em Copatana. Na reunião lançou-se a proposta de um monitoramento participativo apenas com alguns pescadores "profissionais", pois não tínhamos materiais para todos. Sobre estes, o Código de Pesca Brasileiro no artigo 02, inciso XXII define como - "Pescador profissional: a pessoa física, brasileira ou estrangeira residente no país que, licenciada pelo órgão público competente, exerce a pesca com fins comerciais, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica." Mas o pescador profissional que estávamos procurando é mais bem caracterizado por Rapozo (2015) quando afirma que o pescador monovalente (resultante da atividade da pesca profissional),

(...) se ocupa prioritariamente enquanto elemento único ou principal de atividade remunerada, reservando pouco tempo para outras atividades de subsistência. Contrário a isso, na categoria social da pequena pesca comercial, destaca-se a figura do pescador polivalente, pescador não especialista, que, devido a diversos fatores, como hidrologia, costuma exercer uma multiplicidade de atividades de subsistência. (p. 96)

Ou seja, aqueles que pescam e comercializam com maior frequência o pescado em qualquer época do ano. Entende-se o pescador profissional como aquele que tem na pesca sua atividade econômica principal e é reconhecido pela comunidade como tal. A partir desta definição perguntou-se aos moradores da Vila quais seriam os pescadores profissionais e estes nos indicaram 10 nomes de indivíduos com essas características em Copatana.

Convidamos estes indivíduos identificados como pescadores profissionais para uma reunião, porém, no dia da reunião poucos pescadores compareceram e a grande maioria que compareceu foi apenas para sanar algumas dúvidas sobre a proposta. Isto é, muitos acreditavam que tinha alguma coisa relacionada com o Seguro Defeso dos pescadores. Com isso, de imediato apenas 01 (um) pescador aceitou participar. Posteriormente, fomos atrás dos outros pescadores e conversamos individualmente para explicar melhor a proposta e aos poucos os outros foram aderindo. Com isso, conseguimos a adesão de 8 (oito) pescadores que concordaram em atuar como monitores.

O monitoramento funcionou da seguinte forma: distribuimos um kit para o pescador que aceitou participar. O kit era composto de 1 (uma) balança eletrônica portátil, 2 (duas) pilhas "AAA", 1 (uma) bolsa plástica para pesar o peixe, 1 (uma) caneta e 1 (um) caderno para o preenchimento dos dados da pesagem, como podemos observar o modelo da tabela 5. Enfim, para que os pescadores se motivassem a participar do monitoramento garantimos que ao final da pesquisa iríamos doar a balança eletrônica portátil para eles. Assim, depois que entregamos o material para os pescadores passamos à realizar o "recolhimento" (registros fotográficos do caderno de monitoramento e anotações no caderno de campo) mensal dos dados obtidos. Foi uma forma também de acompanhá-los de perto e em curto período de tempo, ou seja, foi uma estratégia para passar cada vez mais confiança ao pescador e aos comunitários de forma geral.

AMOSTRA	DATA	ESPÉCIE	MASSA (KG)	VENDA (R\$)	OBSERVAÇÃO
1					
2					
3					
4					

Tabela 5 – Modelo de monitoramento da comercialização do pescado a ser preenchido pelo pescador.

Autor: Moisés Augusto e Janderson Bezerra, Fevereiro de 2016.

2.1.1 – De Março à Dezembro de 2016: os dez meses de monitoramento.

Como vimos acima, entregamos o material do monitoramento para os pescadores em meados do mês de Fevereiro de 2016. Com isso, decidiu-se levar em consideração apenas dados a partir do mês de março, pois os pescadores/monitores já poderiam anotar a sua pesca desde o início do mês.

Apresentaremos em tabelas os dados de todo o monitoramento, desde o mês de Março até o mês de Dezembro, com breves análises sobre as principais espécies pescadas e/ou comercializadas. Temos dados mais completos entre os meses de Março à Outubro de 2016, pois, entre os meses de Novembro e Março é o período do Seguro Defeso. No qual os pescadores não podem pescar para comercializar, sendo que, a maioria das espécies fica em período reprodutivo. Contudo, ainda conseguimos dados dos meses de Novembro e Dezembro de 2016, menos expressivos que dos outros meses.

Março de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (Kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Jaraqui – <i>Semaprochilodus insignis</i>	328	119	209	211
Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	1206	250	956	4323
Pacu- <i>Mylossoma spp.</i>	284	222	62	95
Sardinha – <i>Triportheus elongatus</i>	68	25	43	75
Tucunaré – <i>Cichla spp.</i>	2	2	-	-
Total	1888	598	950	4704

Tabela 6 – Dados de monitoramento de pesca: Março de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Abril de 2016.

Pode-se observar na Tabela 6 que no mês de Março a espécie matrinxã foi a mais capturada em massa total de kg, consumida e comercializada entre os 8 (oito) pescadores/monitores de Copatana. Além disso, foi a que gerou mais renda também. Sendo que, apenas 5 (cinco) espécies de peixes foram registradas pelos pescadores/monitores.

Abril de 2016 (somente as espécies mais pescadas)				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)

Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	30	-	30	60
Jaraqui – <i>Semaprochilodua insignis</i>	32	17	15	45
Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	561	1,5	559,5	1160,50
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	132	59	73	210
Sardinha – <i>Triporthesus elongatus</i>	41	4	37	153
Tucunaré – <i>Cichla spp.</i>	29,50	-	29,50	131
Total	825,5	81,5	744	1759,50

Tabela 7 – Dados de monitoramento de pesca: Abril de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Maio de 2016.

No mês de Abril a matrinxã foi a espécie mais capturada, comercializada e a que gerou mais renda também. Por outro lado, o pacu foi o peixe mais consumido, de acordo com os registros dos pescadores/monitores da Vila. Nesse mês os pescadores/monitores registraram a captura de 14 espécies de peixes.

Maio de 2016 (somente as espécies mais pescadas)				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	77	17	60	160
Bocão – <i>Hemisorubim platyrhynchus</i>	100	-	100	100
Dourada – <i>Brachyplatystoma flavicans</i>	60	-	60	570
Jaraqui – <i>Semaprochilodua insignis</i>	146	16	130	330

Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	556	24	532	1095
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	193	85	108	285
Piranha – <i>Pygocentrus spp.</i>	80	29	51	102
Pirapitinga – <i>Piaractus brachypomus</i>	56	36	20	60
Sardinha – <i>Triporthus elongatus</i>	88	-	88	289
Sardinhão – <i>Pellona spp.</i>	50	-	50	100
Surubim – <i>Pseudoplatystoma curuscans</i>	69	-	69	325
Tambaqui – <i>Colossoma macropomum</i>	35	5	30	270
Tucunaré – <i>Cichla spp</i>	99	13	86	422
Total	1609	225	1384	4108

Tabela 8 – Dados de monitoramento de pesca: Maio de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Julho de 2016.

No mês de Maio a matrinxã continuou sendo a espécie mais capturada, comercializada e a que gerou mais renda aos pescadores/monitores também. Enquanto que, o pacu continuou sendo a espécie mais consumida. Houve também um aumento do número de espécies registradas pelos pescadores/monitores, sendo 17 nesse mês.

Junho de 2016 (somente as espécies mais pescadas)				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	228	26	202	605
Bocão – <i>Hemisorubim platyrhynchus</i>	100	-	100	100

Dourada – <i>Brachyplatystoma flavicans</i>	50	-	50	455
Jaraqui – <i>Semaprochilodus insignis</i>	202	80	122	219
Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	467	47	420	2650
Melado – <i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	100	-	100	300
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	306	187	110	210
Pirarara – <i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	65	-	65	180
Sardinha – <i>Triporthus elongatus</i>	300	-	300	900
Sardinhão – <i>Pellona spp.</i>	50	-	50	100
Traira – <i>Hoplias malabaricus</i>	100	-	100	200
Tucunaré – <i>Cichla spp.</i>	82	2	80	220
Total	2050	342	1708	6193

Tabela 9 – Dados de monitoramento de pesca: Junho de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Julho de 2016.

No mês de Junho a matrinxã foi a espécie mais registrada em massa de Kg, comercializada e a de maior renda também. Por outro lado, o pacu foi a espécie mais consumida. Nesse mês os pescadores/monitores registraram 21 espécies de peixes, além de ser o mês que capturaram mais kg de pescado, maior Kg de pescado comercializado e também de maior renda total para os pescadores/monitores da Vila de Copatana.

Julho de 2016 (somente as espécies mais pescadas)				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)

Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	32	22	10	20,00
Dourada – <i>Brachyplatystoma flavicans</i>	15	-	15	125,00
Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	700	71	629	3.211,00
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	463	57	406	351,50
Pirarara – <i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	6	-	6	72
Sardinha – <i>Triportheus elongatus</i>	781	6	775	2.151,00
Total	1997	156	1.841	5.930,50

Tabela 10 – Dados de monitoramento de pesca: Julho de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Agosto de 2016.

Com os resultados do monitoramento, pode-se observar na Tabela 10 que as espécies que mais se destacam no mês de julho foram a matrinxã, pacu e sardinha. Nos meses anteriores percebemos que apenas a matrinxã se destacava como o peixe mais pescado e mais vendido, de acordo com as anotações dos pescadores/monitores de Copatana.

No mês de referência da Tabela 10 pode-se observar que as espécies matrinxã, pacu e sardinha foram as mais pescadas, consumidas, vendidas e de maior renda. Apesar de a matrinxã continuar entre as três principais espécies capturadas e comercializadas na Vila, pela primeira vez em cinco meses de registros completos do monitoramento esta espécie não é a mais capturada (em massa de kg).

Ou seja, foi ultrapassada pela sardinha, que no mês de julho foi a mais capturada e a mais comercializada. Apesar disso, a matrinxã continuou sendo a espécie que gerou maior renda (R\$) total. Enfim, no mês de Julho foram registradas 19 espécies de peixes capturadas.

Agosto de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)

Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	138	4	134	549
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	2.654	45	2.609	3.759
Sardinha – <i>Triportheus elongatus</i>	4.303	33	4.270	14.003
Total*	7.095	82	7.013	18.311

*Valores totais apenas das três espécies mais pescadas e comercializadas pelos pescadores/monitores.

Total**	7.388	175	7.213	18.807
----------------	--------------	------------	--------------	---------------

**Valores totais de todas as espécies registradas pelos pescadores/monitores no mês de referência.

Tabela 11 – Dados de monitoramento de pesca: Agosto de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Outubro de 2016.

A Tabela 11 possui dados específicos de apenas 3 (três) das 16 (dezesesseis) espécies de peixes registradas pelos pescadores/monitores da Vila Copatana. Pois, representam mais de 90% do total das espécies pescadas durante o período em questão. Mas apenas as espécies Pacu e Sardinha possuem números expressivos, como podemos observar.

Por outro lado, a espécie matrinxã foi inserida na tabela do mês de Agosto de 2016 pelo fato de ter sido a espécie mais pescada pelos monitores/pescadores durante os quatro primeiros meses de dados de monitoramento, ou seja, de Março até Junho de 2016. No mês de Julho, a matrinxã foi a segunda espécie mais pescada, sendo que, a sardinha foi a primeira. Ademais, no mês de Agosto (Tabela 11) podemos observar que a sardinha foi a espécie mais pescada, seguida pelo pacu e com menos expressão a matrinxã.

Se compararmos a produção do mês de Agosto com a do mês anterior perceberemos que as espécies pacu e sardinha obtiveram um aumento de mais de 50% em quilograma de pescado. Por outro lado, a matrinxã teve uma redução de mais de 70%. Esses números opostos são explicados, primeiramente, pela época em que determinada espécie de pescado está mais acessível para ser pescada. Além disso, entre os meses de Julho e Agosto de cada ano tem o Festival da Sardinha na cidade de Jutai. A espécie sardinha é utilizada para a promoção do festival. Sobre este entraremos em detalhes mais adiante.

Setembro de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (Kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Jaraqui – <i>Semaprochilodua insignis</i>	146	34	112	112
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	2.078	64	2.014	2.014
Sardinha – <i>Tripurtheus elongatus</i>	468	6	462	840
Tucunaré – <i>Cichla spp.</i>	397	4	393	706
Total*	3.089	108	2.981	3.672

*Valores totais apenas das quatro espécies mais pescadas e comercializadas pelos pescadores/monitores.

Total**	3.275	163	3.112	3.981
----------------	--------------	------------	--------------	--------------

**Valores totais de todas as espécies registradas pelos pescadores/monitores no mês de referência.

Tabela 12 – Dados de monitoramento de pesca: Setembro de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Outubro de 2016.

Na Tabela 12, referente ao mês de setembro, observam-se apenas quatro espécies de peixes. Mas estas representam a grande maioria (em kg) das onze espécies registradas pelos pescadores/monitores da Vila.

O interessante a se observar na tabela do mês de setembro é a ausência da espécie matrinxã entre as mais pescadas, pois esta sempre esteve entre as três mais pescadas pelos pescadores/monitores. Na verdade, a matrinxã não foi registrada por nenhum dos 8 pescadores/monitores de Copatana durante o mês de setembro.

Outra fato interessante a se observar nos dados do mês de setembro é que o pacu passou a ser a espécie mais pescada e comercializada pelos pescadores envolvidos na pesquisa. Além disso, a sardinha que havia sido a mais pescada no mês de Agosto obteve uma queda considerável de produção para o mês seguinte. Por fim, temos o tucunaré que pela primeira vez durante os sete meses de dados do monitoramento aparece entre as três espécies mais pescadas pelos

pescadores/monitores e, o jaraqui que completa a tabela com as espécies mais pescadas do mês de Setembro.

Outubro de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	92	9	83	114
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	2.682	57	2.625	4.625
Pirapitinga – <i>Piaractus brachypomus</i>	225	15	210	820
Pirarucu – <i>Arapaima gigas</i>	150	-	150	610
Sardinha – <i>Triportheus elongatus</i>	245	-	245	265
Total*	3.394	81	3.313	6.434

*Valores totais apenas das cinco espécies mais pescadas e comercializadas pelos pescadores/monitores.

Total**	3.758	174	3.584	7.117
----------------	--------------	------------	--------------	--------------

**Valores totais de todas as espécies registradas pelos pescadores/monitores no mês de referência.

Tabela 13 – Dados de monitoramento de pesca: Outubro de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Dezembro de 2016.

A tabela de dados referentes ao mês de Outubro apresenta apenas 5 espécies, sendo que foi registrada a pesca de 21 espécies de peixes no mesmo mês. Mas, como podemos observar nos "totais" apresentados abaixo da tabela, a quantidade (em kg) apenas dessas 5 espécies representam a maior parte do total geral das espécies pescadas pelos pescadores/monitores durante o período do mês de Outubro/2016.

Dentre estas cinco espécies da Tabela 13, destaca-se primeiramente, a Aruanã. Pois, houve um relevante aumento na captura desta espécie a partir do mês de Outubro em decorrência de estas já estarem se reproduzindo. Ou seja, a partir de final de Outubro e começo de Novembro

começa a época que a maioria dos pescadores da Vila (provavelmente mais de 90%) passam a se dedicar quase que exclusiva à pesca e captura de alevinos de Aruanã para venderem aos "sulambeiros" que vão de Tabatinga para Copatana comprar os tais filhotes. Dessa forma, aumenta a pesca de Aruanã adultas apenas para a captura de seus filhotes.

Enquanto que, o pacu ainda no mês de Outubro continua sendo a espécie mais registrada pelos pescadores/monitores. Enfim, outra espécie que destacamos na tabela de Outubro é o pirarucu (*Arapaima gigas*), pois pela primeira vez neste monitoramento os pescadores/monitores registraram que haviam pescado pirarucu. Na verdade, estes 150 kg de pirarucu que estão na tabela foram anotados apenas por dois pescadores/monitores que participaram da despesca de um lago manejado de uma comunidade no rio Copatana. Estes pescadores disseram que haviam mais de 40 pescadores participando dessa pesca e que a venda rendeu pouco mais de R\$ 21.000,00 vendido a R\$ 4,00 o kg do peixe. Com isso, calcula-se que eles realizaram a despesca de pouco mais de 5.000 kg de pirarucu de manejo. Mas no final não rendeu muito lucro para os pescadores, pois após pagarem todas as despesas da pesca sobrou apenas R\$ 300,00 para cada pescador.

Com isso, têm-se agora 8 meses completos de dados do monitoramento (de Março a Outubro de 2016). É importante ressaltar este fato nesse momento, pois a partir de Novembro começa o período do Defeso, pois, algumas espécies de escama começam a migrar para se reproduzir. Tais espécies são: tambaqui (*Colossoma macropomum*), curimatã (*Prochilodus nigricans*), jaraqui (*Semaprochilodus insignis*), pacu (*Mylossoma spp.*) e matrinxã (*Brycon cephalus*) que fazem migração entre os meses de novembro e março. Sobre o Defeso Ruffino (2005, p. 58) esclarece que:

(...) são períodos de proibição da pesca de determinadas espécies que estão se reproduzindo. Durante certas épocas do ano, algumas espécies de peixes abandonam os seus ambientes para se deslocar ao longo do canal do rio em busca de locais mais apropriados para se reproduzirem. Este fenômeno é citado pelos pesquisadores e conhecido pelos pescadores como piracema, que vem da língua indígena tupi (pira = peixe; cema = cardume). Ou seja, os indivíduos de uma mesma espécie juntam-se em cardumes para realizar uma migração.

Com isso, os pescadores param de pescar para comercializar e pescam apenas para o consumo próprio, pois os que são associados e estão regularizados e com a sua carteira de pescador passam a receber o Seguro Defeso. Isto é, uma quantia equivalente a 4 salários mínimos, pois é o tempo que as espécies estarão se reproduzindo (de Novembro a Março).

*Novembro de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	40	-	40	40,00
Dourada – <i>Brachyplatystoma flavicans</i>	70	-	70	320,00
Pacamã – <i>Zungaro zungaro</i>	30	-	30	60,00
Pacu – <i>Mylossoma spp.</i>	60	-	60	60,00
Pirarucu – <i>Arapaima gigas</i>	60	-	60	180,00
Sardinha – <i>Tripurtheus elongatus</i>	50	-	50	200,00
Surubim – <i>Pseudoplatystoma curuscans</i>	30	-	30	150,00
Tambaqui – <i>Colossoma macropomum</i>	10	-	10	100,00
Total	350	-	350	1.110,00
*Dezembro de 2016				
Espécie	Massa Total por espécie (kg)	Consumo Próprio (kg)	Venda (kg)	Valor Total da Venda (R\$)
Aruanã – <i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	30	-	30	30,00
Dourada – <i>Brachyplatystoma flavicans</i>	50	-	50	450,00
Matrinxã – <i>Brycon cephalus</i>	10	10	-	-
Melado – <i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	10	-	10	20,00

Pirarara – <i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	60	-	60	180,00
Sardinha – <i>Triportheus elongatus</i>	20	20	-	-
Surubim – <i>Pseudoplatystoma curuscans</i>	40	-	40	200,00
Tucunaré – <i>Cichla spp.</i>	30	-	30	30,00
Total	250	30	220	910,00

*Produção apenas de 1 (um) pescador/monitor.

Tabela 14 – Dados de monitoramento de pesca: Novembro e Dezembro de 2016.

Fonte dos dados: Trabalho de campo realizado em Dezembro de 2016.

Antes de começar a analisar os dados acima é importante ressaltar que estes são resultados das anotações de apenas 1 (um) pescador/monitor dos 8 (oito) que acompanhamos durante os dez meses de monitoramento. O problema não foi a falta de anotação do restante dos pescadores, na verdade eles não tinham "nada" para anotar, ou seja, após o mês de Outubro a grande maioria parou de pescar para comercializar, muito por conta do período do Defeso, como mencionado. Mas a época do Defeso não foi o único fator que fez com que eles parassem de pescar para vender. Pelos relatos que ouvi de muitos pescadores, a maioria deles estava mais preocupada em pescar alevinos de Aruanã (conhecida localmente como sulamba), pois, segundo eles, é mais lucrativo nesta época. Tem-se uma mudança de atividade neste período.

Desta forma, a produção de pescado da Vila caiu significativamente a partir do mês de Novembro. Deveria ser por causa do Seguro Defeso, mas pelo que os próprios pescadores afirmaram: é muito por causa da pesca dos filhotes de sulamba. Pois, o Seguro Defeso proíbe apenas a pesca de algumas espécies de escama que estão na época da desova. Ou seja, não influencia sobre a pesca do peixe liso.

Seguindo este raciocínio, o rio Jutáí possui uma diversidade dos principais bagres que são comercializados no Alto Solimões. Tanto que, das 12 espécies pescadas entre os meses de Novembro/Dezembro da tabela acima, 5 são de peixe liso. Sendo que, no mês de Novembro a

maior massa total de kg por espécie foi do Dourado (70 kg). E, no mês de Dezembro a Pirarara foi a espécie mais pescada em kg total (60 kg) seguida pela Dourada (50 kg).

Enfim, o que mais chama a atenção é os 60 kg de pirarucu pescados no mês de Novembro, pois raras vezes os pescadores anotaram a pesca desta espécie (por ser proibida durante o ano todo) mesmo quando era de manejo. Ou seja, a ausência de uma espécie de peixe entre as anotações dos pescadores não significa que este não seja pescado e comercializado, muitas vezes é até mais do que as espécies mais anotadas. Por exemplo, no mês de Outubro/2016 foi anotada a pesca e venda de 150 kg de pirarucu, na verdade era apenas a parte de dois pescadores, pois foi realizada a despesca de um lago de manejo onde participaram mais de 40 pescadores. Eles venderam um total de aproximadamente 5.000 mil kg de pirarucu, ou seja, mais do que a maior anotação de uma espécie em um mês de monitoramento. Dessa forma, existem muitas espécies que são as mais pescadas em determinada época do ano e que podem nem entrar nas estatísticas do monitoramento por essas e outras situações.

2.1.2 – Principais espécies pescadas e comercializadas.

Neste tópico iremos discorrer sobre as espécies mais pescadas e comercializadas durante o período do monitoramento com os pescadores profissionais de Copatana. Foi registrada uma grande diversidade de espécies de peixes, ao todo foram 30 (trinta) espécies entre peixes de escama e peixes lisos. A grande maioria foi de peixes de escamas, sendo 23 no total, enquanto registrou-se apenas a pesca de 07 tipos de bagres.

Apesar da grande diversidade de espécies pescadas e comercializadas, apenas algumas se destacaram entre as mais pescadas e comercializadas, tanto de escama quanto bagres.

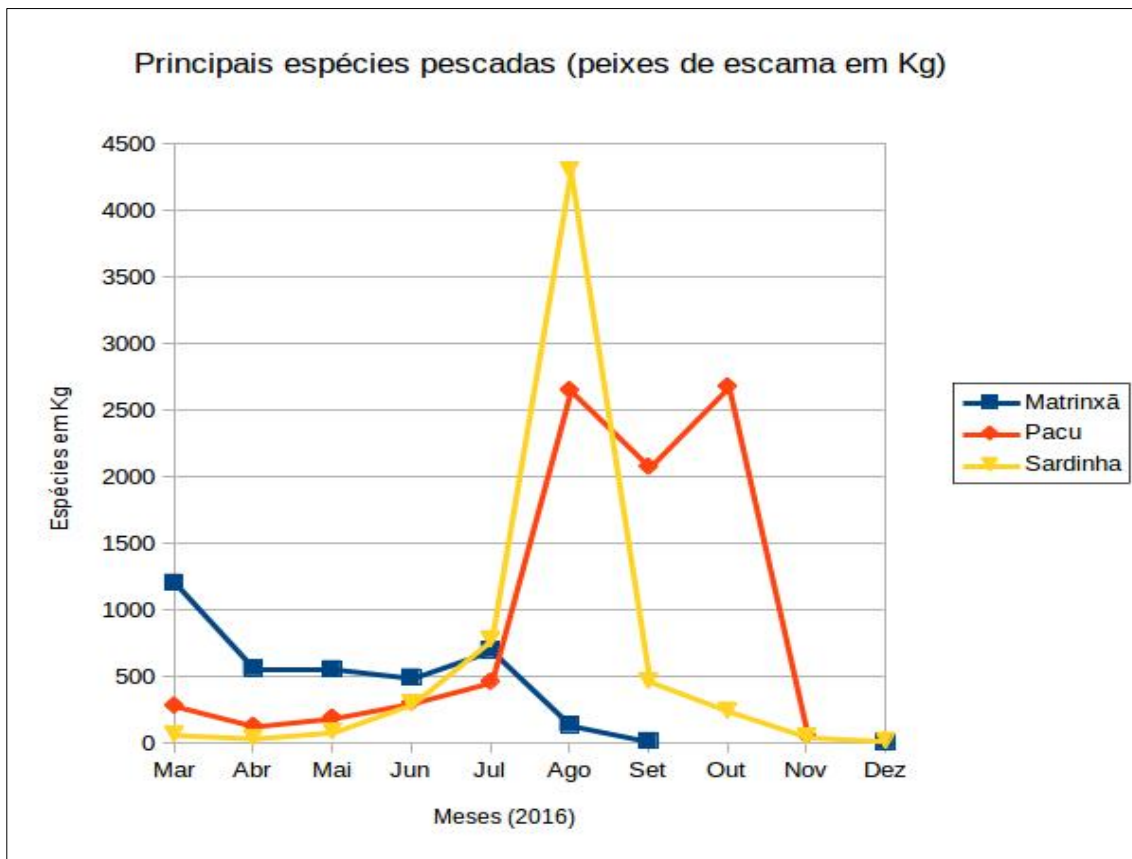


Figura 26 – Principais espécies de peixes de escama pescado em Copatana.

Fonte dos dados: Monitoramento participativo com os pescadores da Vila em 2016.

Na Figura 26 podem-se observar as principais espécies de peixes de escamas (em kg) pescado pelos pescadores/monitores. Temos as espécies Matrinxã, Pacu e Sardinha como as mais pescadas no período de Março à Dezembro de 2016. Observa-se que nos primeiros 05 meses de monitoramento, ou seja, de Março à Julho, a Matrinxã permanece como a espécie mais pescada variando entre 500 kg e aproximadamente 1.500 kg de peixe pescado. Mas, a partir de Agosto a espécie caiu vertiginosamente de produção.

Por outro lado, as espécies Sardinha e Pacu deram um salto considerável na produção. O Pacu subiu de aproximadamente 500 kg em Julho para pouco mais de 2.500 kg em Agosto. Esta espécie variou entre 2.000 mil kg e 2500 kg de peixe pescado entre os meses de Agosto à Outubro até cair vertiginosamente de produção em Novembro e em Dezembro não foi mais registrada a sua pesca.

Enquanto a Sardinha subiu de aproximadamente 1.000 mil kg de espécie pescada em Julho para aproximadamente 4.500 kg no mês de Agosto. O que mais impressiona é que da mesma forma que subiu de produção ela também caiu vertiginosamente no mês seguinte e foi gradualmente diminuindo sua produção até próximo de zero no mês de Dezembro.

O município de Jutai é conhecido como a terra da sardinha, tanto que existe o Festival da Sardinha entre os meses de Julho e Agosto de cada ano. Mas, nos resultados do monitoramento na Vila o pico da produção dura apenas 1 (um) mês ou no máximo 2 (dois) meses.

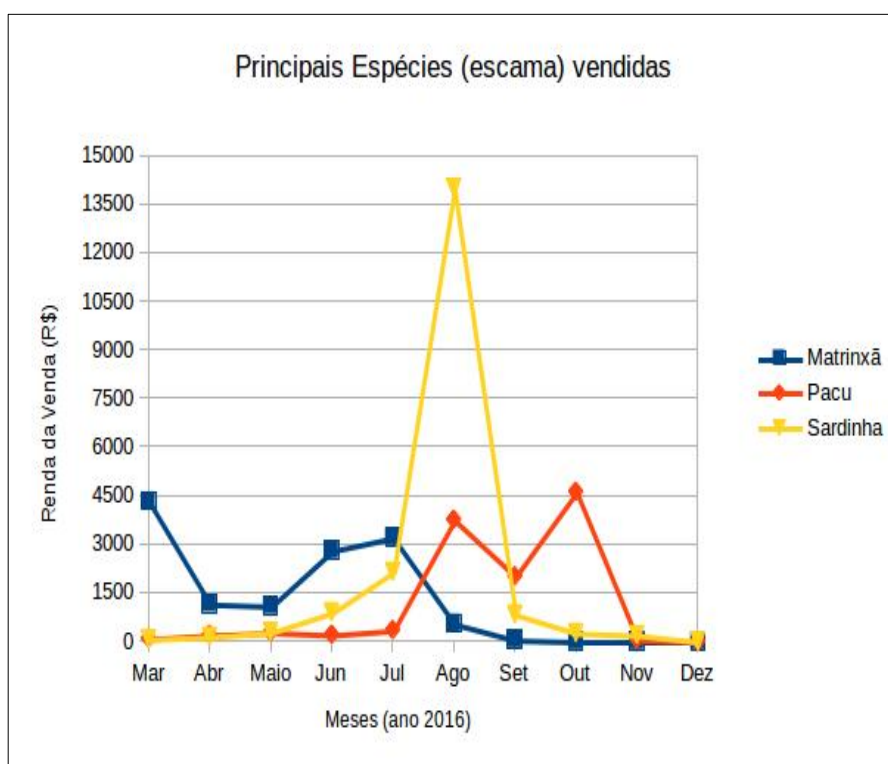


Figura 27 – Principais espécies de peixes de escama vendidas em Copatana.

Fonte dos dados: Monitoramento participativo com os pescadores da Vila em 2016.

Na Figura 27 podem-se observar as três espécies de peixes de escama que foram as mais vendidas pelos pescadores monitores da Vila de Copatana em 2016. No mês de Março os valores totais resultantes da venda da matrinxã chegaram à aproximadamente R\$ 4.500,00. Sendo que, esta estava sendo comprada pelo Sr. Guidó (principal comprador de peixe da Vila) por aproximadamente R\$ 4,50 o kg do pescado.

Nos meses de Abril e Maio a matrinxã caiu de rendimento, mas ainda continuou sendo a espécie que arrecadou maior renda neste período com valores próximos à R\$ 1.000,00 em cada mês. A espécie estava sendo vendida por aproximadamente R\$ 2,00 o kg de pescado pelos pescadores/monitores. Ou seja, esta espécie sofreu também uma desvalorização em relação ao primeiro mês de monitoramento.

No período de Junho e Julho a renda total resultante da venda da matrinxã voltou a aumentar ficando em torno de R\$ 3.000,00. Nesse período a espécie voltou a ser mais valorizada, pois passou a ser paga por R\$ 5,00 ou R\$ 6,00 o kg do pescado.

Ademais, no mês de Agosto de 2016 o faturamento da matrinxã despenca para pouco mais de R\$ 500,00. Por outro lado, o faturamento da venda de sardinhas salta surpreendentemente de menos de R\$ 1.000,00 em Julho para aproximadamente R\$ 15.000,00 em Agosto. Neste período, a maioria dos pescadores estava se dedicando quase exclusivamente à pesca da sardinha. Pois, o preço médio por kg de sardinha também aumentou no mesmo período, ou seja, passou de R\$ 2,70/kg para aproximadamente R\$ 3,20/kg de pescado.

O faturamento do pacu também aumentou significativamente entre o período de Julho a Agosto. Apesar do kg do pacu ter sido pago mais barato em Agosto do que em Julho, isto é, de R\$ 0,80/kg para R\$ 0,60/kg de pescado. Subiu de aproximadamente R\$ 500,00 para quase R\$ 4.000,000 o seu faturamento. O fato justifica-se pela grande oferta da espécie (assim como da sardinha também) nos rios e lagos da região de Copatana.

No mês de Setembro de 2016 todas as três espécies em questão sofrem quedas significativas no seu faturamento. Isto se justifica, principalmente, pela baixa oferta de pescado dos rios e lagos próximos da Vila. Enfim, deste período até o mês de dezembro de 2016 apenas a espécie do pacu teve uma alta significativa no seu faturamento. No mês de Outubro o faturamento total da venda do pacu entre os pescadores/monitores alcançou aproximadamente R\$ 5.000,00 e, sendo que, este estava sendo comprado pelo Sr. Guidó por R\$ 1,00 o kg do pescado, ou seja, preço mais acessível do que os meses anteriores.

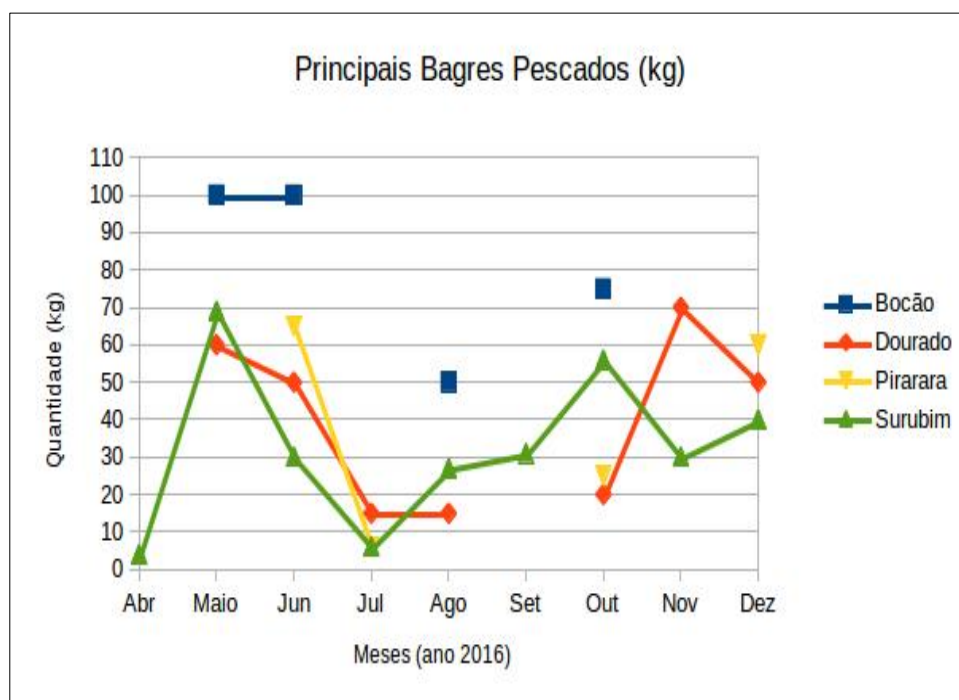


Figura 28 – Principais espécies de bagres pescadas na Vila de Copatana.

Fonte dos dados: Monitoramento participativo com os pescadores da Vila em 2016.

Na Figura 28 têm-se as principais espécies de bagres que foram pescadas pelos pescadores/monitores de Copatana ao longo do monitoramento. Percebe-se que a quantidade de "peixe liso" pescado (kg) é muito inferior aos peixes de escamas vistos anteriormente. Ou seja, não é especialidade e/ou prioridade dos pescadores da Vila a captura das espécies de bagres. Ou melhor, o rio Jutai não oferece tanta fartura de peixes lisos quanto oferece o rio Solimões ou Juruá (onde eles vão depositar seus ovos), por exemplo.

Por outro lado, o kg das espécies de bagres possui proporcionalmente mais valor do que os peixes de escama em média. Por exemplo, o melhor preço que os donos de frigorífico podem pagar no cento da sardinha (principal forma de medida para a venda nos frigoríficos) é R\$ 80,00. Ou seja, convertendo em Kg equivaleria à R\$ 4,00 o kg do pescado. Enquanto que, a Dourada pode ser pago nos frigoríficos por até R\$ 9,00 o kg, estes são conhecidos como peixes de "primeira". Enfim, enquanto 50 kg de Dourada rendem um faturamento de R\$ 450,00, os pescadores precisariam pescar aproximadamente 6 centos de sardinha ou pouco mais de 100 kg do pescado para obter o mesmo faturamento. Dado este, que na alta temporada, como vimos

anteriormente, não é muito difícil de conseguir, pois em apenas 1 mês (Agosto de 2016) os oito monitores registraram a pesca de aproximadamente 4.500 kg de sardinha. Ou seja, eles pescaram o equivalente a 22.500,00 centos de sardinhas.

2.1.3 – Os pescadores/monitores: quem são esses homens?

A Vila de Copatana possui pouco mais de 400 pescadores cadastrados em órgãos de pesca de Jutaí. A quantidade real de pescadores existentes na Vila pode variar para mais ou para menos, pois muitos associados exercem a atividade apenas ocasionalmente, ou seja, em épocas de fartura como na vazante ou algumas vezes para o consumo da família. Por outro lado, existem muitos pescadores assíduos que não são associados em nenhum tipo de órgão de pesca, exemplo disto são dois monitores/pescadores.

Sobre os monitores/pescadores que participaram do monitoramento participativo em Copatana o critério foi, prioritariamente, ser um pescador profissional, como foi dito anteriormente. Ou seja, pescar durante a seca ou cheia para comercializar e não apenas para o consumo como fazem a maioria. Dito isso, a comunidade nos indicou dez nomes de pescadores que, segundo eles, eram pescadores profissionais. Destes dez, apenas oito se interessaram em participar do monitoramento.

Pela ordem de adesão à pesquisa, são os seguintes: Giliarde Correa Rodrigues, Ismael da Silva Pereira, Aldejane Bezerra, Ozenildo Gomes Bezerra, Raimundo Cunha, Francisco Raimundo Sousa da Silva, Lindomar Pissango Vidal e Jucelino Ferreira Leandro. Após quatro meses de monitoramento outros pescadores interessaram-se em participar também, mas não foi possível inserir mais pescadores no monitoramento.

A média de idade dos oito pescadores/monitores é de aproximadamente 37 anos, ou seja, são experientes na realização de sua atividade, pois a maioria aprendeu a pescar com os pais desde criança.

A maioria deles já possui família e filhos. Apesar de serem caracterizados como pescadores profissionais, grande parte deles não vivem prioritariamente da pesca. Muitos dos pescadores/monitores conciliam o trabalho na pesca com o trabalho na roça. Isto é, a sua principal fonte de renda continua sendo a pesca, mas produzem farinha para o consumo da

família. Normalmente eles pescam na parte manhã (acordam de madrugada) e vão para a roça durante a tarde. Sobre esta característica polivalente dos pescadores de Copatana fazemos analogia com os pescadores da comunidade N. S. G. na Costa do Pesqueiro em Manacapuru-AM, onde Rapozo (2015, p. 52) descreve que esta,

(...) possui a atividade pesqueira como atividade relevante, mas é necessário demonstrarmos que os moradores nos seus espaços de moradia trabalham em outras atividades, plantando roças, cultivando hortaliças, fibras, possuindo a criação de animais, voltadas diretamente para o consumo e em alguns momentos para a comercialização, o que garante a possibilidade de subsistência local a partir de atividades que não os caracterizam somente como pescadores, pois a importância de complementar a unidade de produção familiar por parte de atividades polivalentes é uma característica significativa do mundo rural amazônico, embora a agricultura e a criação de animais não estejam entre as principais fontes de renda da comunidade, elas ainda possuem relevante expressividade devido à função que ocupam.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o pescador polivalente⁵são indivíduos que estão presentes na Amazônia de forma geral, ou pelo menos na calha principal do rio Amazonas, pois, é evidente a presença destes desde o Alto Solimões ao Baixo rio Amazonas.

Entre os pescadores/monitores apenas o Francisco possui uma rotina um pouco diferente dos demais. Ou seja, mais conhecido como Sr. "Guidó", ele surpreendentemente aceitou participar do monitoramento (não propomos a ele). Pois, além de ser o maior comprador de pescado da Vila de Copatana, o Sr. Guidó também pesca para comercializar. Neste sentido tivemos a oportunidade de acompanhar um comerciante de peixes, dono de frigorífico e pescador o que nos permitiu outro olhar sobre a pesca em Copatana.

2.1.4 – O Sr. "Guidó": pescador, monitor e "patrão" dos pescadores de Copatana.

Nascido e criado na Vila de Copatana, Francisco Raimundo Sousa da Silva, popularmente conhecido como "Guidó", é o principal comprador de peixe de Copatana. Pois, independente da época (enchente ou vazante) está sempre comprando peixe, ao contrário da maioria dos outros compradores de pescado da Vila que compram mais frequentemente durante o verão (época farta de peixe).

5 O pescador polivalente é aquele que possui estratégias de uso múltiplo dos recursos naturais, envolvendo agricultura, pesca e extrativismo, numa relação comunitária de sobrevivência. (CANTO, 2007 *apud* AGUIAR; CAMARGO e CAMARGO, 2012, p. 99)



Figura 29 – Flutuante do Sr. Guidó.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2015.

Na Figura 29 pode-se observar o flutuante frigorífico do Sr. Guidó durante o período de cota mínima do rio Jutaí. Logo abaixo, apresentaremos dados de partes de compras de pescado pelo Sr. Guidó entre os períodos de Julho à Outubro de 2016.

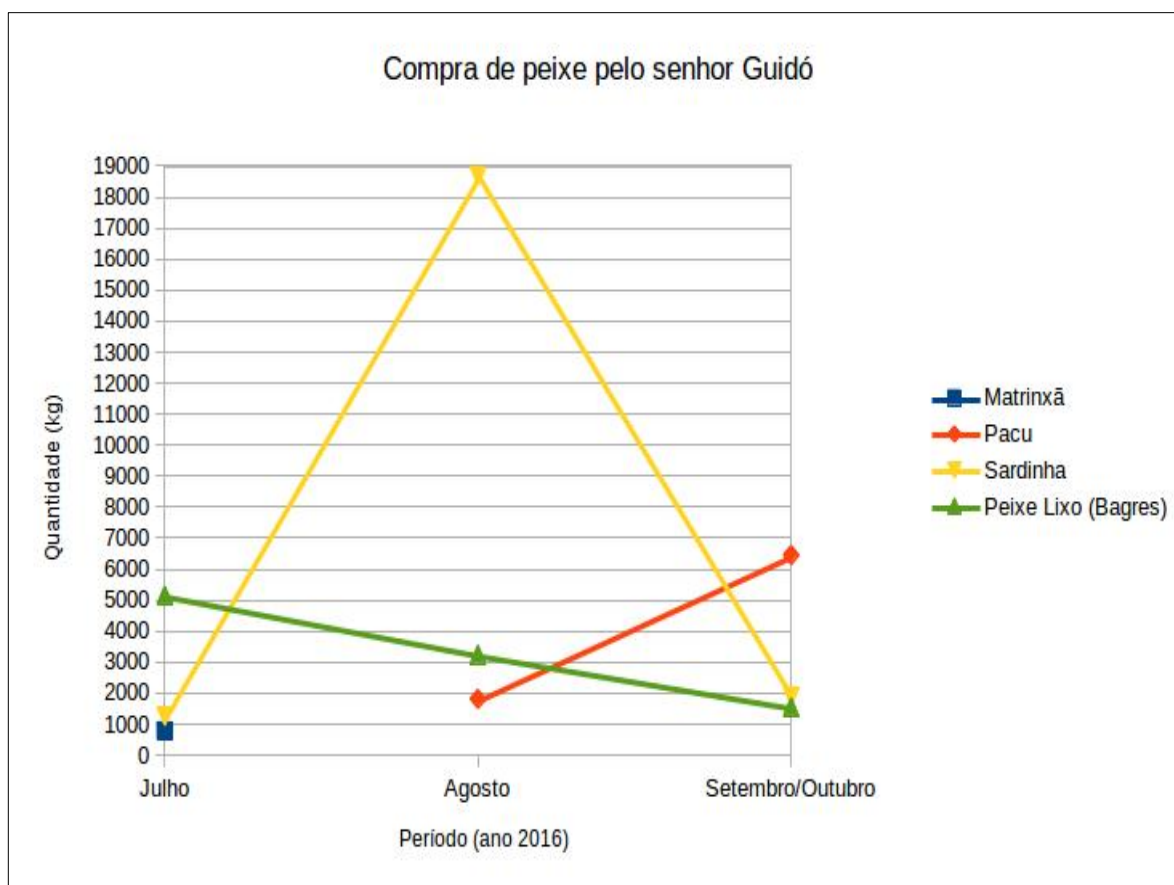


Figura 30– Dados da compra de pescado realizado pelo Sr. Guidó.

Fonte dos dados: Trabalhos de campo, ano 2016.

Na Figura 30 têm-se os dados de compra de pescado efetuados pelo Sr. Guidó. Importante ressaltar que estes dados não representam o total de compra de peixes realizado pelo Sr. Guidó nos períodos de referência. Pois, a fonte dos dados é decorrente de algumas anotações de compra de peixe (o Sr. Guidó não anota tudo o que ele compra) e também das compras que o próprio Sr. Guidó lembra que fez. Ou seja, são apenas dados aproximados do que o Sr. Guidó compra e revende para os frigoríficos de Jutai, principalmente.

Dessa forma, pode-se observar na Figura 30 que a quantidade (kg) de matrinxã comprada pelo Sr. Guidó no mês de Julho é muito próximo do que os próprios pescadores/monitores registraram neste mês de referência. Ademais, podemos observar também que o Sr. Guidó comprou muito sardinha no mês de Julho em comparação à matrinxã. Temos os peixes lisos ou bagres, que na Figura 29 está apenas o total. Mas, estes dados de peixe liso representam cinco

espécies: Dourada, Filhote, Flamengo (Figura 31), Melado e Piraíba. Juntou-se a compra de todas estas espécies de bagres e pode-se observar que a quantidade total em kg ultrapassou os 5.000 mil kg de pescado.



Figura 31 – Pesagem de bagres no flutuante do Sr. Guidó.

Autor: Janderson M. Bezerra, Julho de 2016.

No período do mês de Agosto percebe-se que a espécie pacu foi bastante comprada pelo Sr. Guidó, ou seja, aproximadamente 2.000 mil kg de peixe. Por outro lado, não obteve-se dados sobre a compra da espécie matrinxã, se esta foi comprada por ele acredita-se que tenha sido muito irrelevante.



Figura 32 – Sardinhas compradas pelo Sr. Guidó.

Autor: Janderson M. Bezerra, Agosto de 2016.

Ademais, observa-se que houve um aumento muito significativo da compra de sardinha, foram aproximadamente 19.000 mil kg comprados pelo Sr. Guidó (Figura 32). Contrariamente, houve uma diminuição na compra de peixe liso, sendo que, estes dados são decorrentes da compra de apenas 4 espécies de bagres: Bocão, Filhote, Pirarara e Surubim. Baixou de 5.000 mil kg para 3.000 mil kg de pescado comprado. Este fato justifica-se pela pouca oferta dessas espécies pelo rio Jutaí. Pois, no período de Junho e Julho estas espécies eram facilmente capturadas na frente da Vila.

No período de setembro/outubro observa-se que a espécie mais comprada pelo Sr. Guidó foi o pacu, ou seja, foi pouco de mais 6.000 mil kg de pescado (Figura 33). Por outro lado, temos os bagres que entre os períodos de Julho e Outubro a sua compra pelo Sr. Guidó foi gradativamente diminuindo. Tanto que, de pouco mais de 5.000 mil kg de espécies compradas em agosto caiu para aproximadamente 1.000 mil kg de pescado comprado em setembro/outubro.

A sardinha teve um declínio ainda maior em sua compra. Semelhante à produção dos pecadores/monitores no mesmo período analisado anteriormente. Enfim, esta caiu de aproximadamente 19.000 mil kg de pescado comprado para em torno de apenas 2.000 kg, isto no período 1 ou 2 meses.



Figura 33 – Freezer do Sr. Guidó cheio de pacu.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

Para o armazenamento de tanto pescado o Sr. Guidó possui uma câmara frigorífica em seu flutuante. Esta, por sua vez, é feita de madeira, metal e isopor. Realizou-se uma medição rústica da câmara com barbante para se ter as dimensões internas e por fim calcular-se a capacidade média de estocagem. Assim, acredita-se que esta possua capacidade de 25 mil litros de estocagem, com uma provável área de 20 mil litros utilizada.

Para o transporte do pescado até a cidade de Jutáí o Sr. Guidó possui um canoão de aproximadamente 12 metros de comprimento com freezers que podem transportar um total de 1 (uma) tonelada de pescado (Figura 34). Na época da sardinha (maior demanda de pescado) o Sr. Guidó chega a fazer viagens diárias (com a capacidade máxima do canoão) para a cidade transportando o pescado.

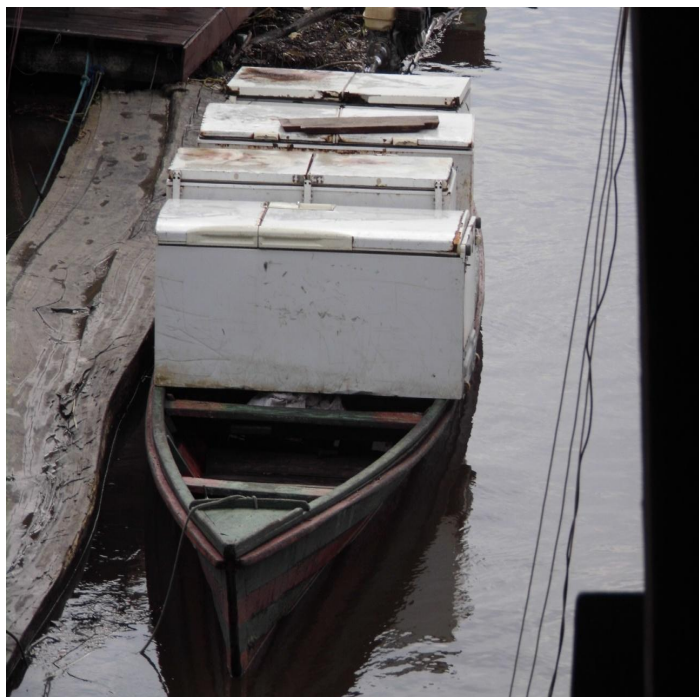


Figura 34 – Canoão do Sr. Guidó com os freezers.

Autor: Moisés Augusto, trabalho de campo realizado em Fevereiro de 2016.

O Sr. Guidó compra e revende uma diversidade de espécies de pescado, entre peixes lisos e peixes de escama. Com isso, ele também precisa ter uma diversidade de contatos articulados para revender tanto peixe. Cada espécie já possui os seus principais clientes e destinos (Figura 35). Os bagres, por exemplo, é vendido principalmente para o frigorífico do Lourinho na cidade de Jutai, este por sua vez, já possui um comprador em Tabatinga/Leticia (trataremos disto no capítulo seguinte).

Enquanto que, os peixes de escama como pacu, sardinha, matrinxã e tambaqui, são negociados com o frigorífico Coelho, na cidade de Jutai. Os peixes nobres de escama, como a matrinxã e o tambaqui tem como principal destino a cidade de Manaus. Mas, a sardinha de Jutai vem ganhando cada vez mais fama nos últimos anos, principalmente por causa do Festival Cultural da Sardinha. Com isso, já existe demanda desta espécie para a cidade de Manaus também.

Fluxograma da dinâmica do comércio de pescado da Vila de Copatana.

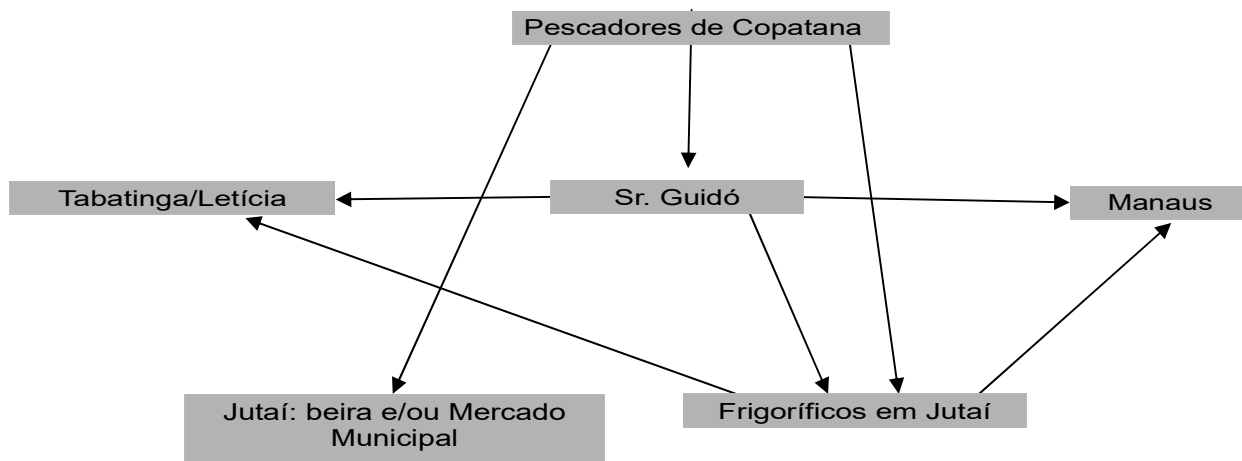


Figura 35 – Dinâmica do comércio de pescado (lisos e de escama) da Vila de Copatana/Jutai.

Fonte: Dados da pesquisa na Vila de Copatana e na cidade de Jutai, 2016.

Outro fato interessante também entre o Sr. Guidó e os seus clientes/sócios é que, assim como ele financia a pesca de muitos pescadores de Copatana com o auxílio em rancho, gelo, gasolina e até apetrechos de pesca, o Sr. Guidó também é financiado para realizar a compra de pescado na Vila (Figura 36). Ou seja, quando está na alta temporada de pesca o Sr. Guidó não possui recursos o suficiente para comprar a produção dos pescadores da região de Copatana. Com isso, ele recorre ao empréstimo em dinheiro com seus "patrões", dívida esta que será quitada quando ele for revender o pescado nos frigoríficos dos seus financiadores.

Fluxograma do financiamento da pesca e da compra do pescado da Vila de Copatana.

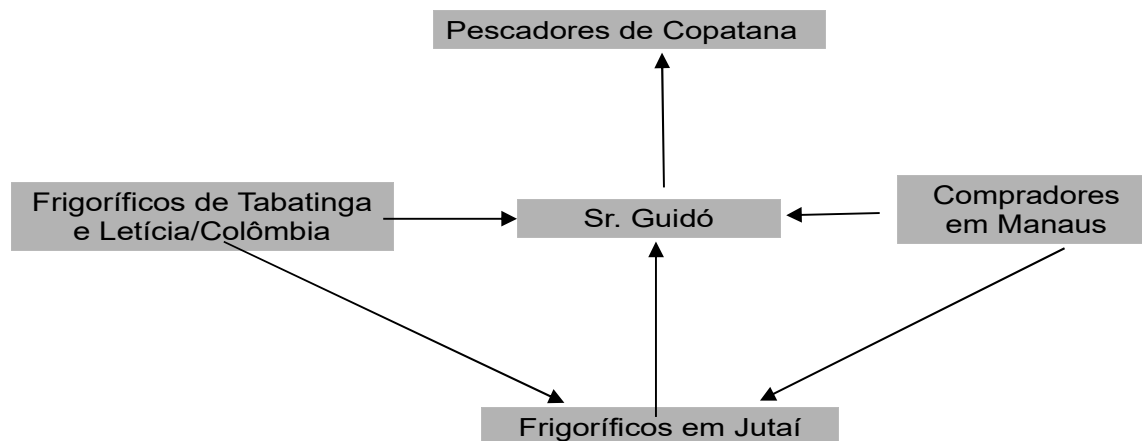


Figura 36 – Financiamento da pesca e da compra do pescado da Vila de Copatana.

Fonte: Dados da pesquisa na Vila de Copatana e na cidade de Jutai, 2016.

Observa-se na Figura 36 que o Sr. Guidó fornece o crédito ao pescador através do antigo sistema de aviamento⁶, ou seja, financia o pescador com os materiais e suprimentos de que ele precisa para realizar a sua atividade. Os pescadores de Copatana criam assim uma dívida com o Sr. Guidó que será paga com a venda do peixe para o próprio Sr. Guidó. Acaba sendo uma faca de "dois gumes", pois, se a pescaria não for bem sucedida eles talvez nem consigam quitar a dívida com as despesas da pesca. Por outro lado, se tiverem um pouco de sorte, pescam o suficiente para quitar a dívida com o patrão e arrecadar um lucro relevante. Nesse sentido, a pesca financiada acaba sendo uma "loteria", onde não se tem a certeza do êxito.

O risco do sucesso ou do fracasso da pesca financiada ainda é evidente. Fato este que, no relatório de campo de Maio de 2016 registrou-se a seguinte queixa de um senhor vivo morador da Vila de Copatana sobre alguns pescadores da Vila que estavam de saída para pescar bagres em locais distantes de Copatana no rio Jutai:

6 O aviamento consiste numa linha de crédito ao produtor (pescador, castanheiro, seringueiro etc.), mas intermediado por numerosos agentes. Isto é, na medida em que o dono do barracão deixa o seringueiro tirar fiado no barracão aquilo de que ele precisa para viver, ele está dando um crédito para o seringueiro (ou pescador etc.). (LOUREIRO, 2002,p. 50)

Esse tal senhor chegou perto de mim e disse: 'isso aí é perda de tempo, eles vão voltar e o dinheiro que vão ganhar vai dar mal pra pagar as despesas deles e o que vai sobrar é só aquele bocadinho de dinheiro'. E disse mais: 'por isso que meus filhos saíram dessa vida, porque não dá lucro... a pessoa sofre na pescaria, passa vários dias pescando pra ganhar uma micharia'. Esse senhor me disse essas e outras coisa que me fizeram refletir sobre a vida daqueles pescadores. (BEZERRA, 2016)

A Figura 36 ilustra também que o Sr. Guidó é financiado para realizar a compra de pescado dos pescadores da Vila de Copatana. Isto ocorre, principalmente, na alta temporada da pesca ou na época de certas espécies mais procuradas pelo mercado externo à Jutai, como: Manaus.

Os frigoríficos de Jutai podem financiar o Sr. Guidó tanto para a compra de bagres, quanto para a compra de espécies nobres de escama, como a matrinxã ou espécies de dinâmica comercial local que estão ganhando cada vez mais o mercado regional, como a "sardinha de Jutai".

O Sr. Guidó também possui relações diretas com compradores de espécies de bagres da cidade de Tabatinga e de Letícia na Colômbia. Outro mercado importante é o da demanda por matrinxã na cidade de Manaus, onde os interessados depositam o dinheiro da compra e o Sr. Guidó manda o peixe em barcos de linha que vão de Jutai diretamente para a cidade de Manaus.

Enfim, o Sr. Guidó é um nóculo da compra e venda de pescado (tanto os bagres, quanto os peixes de escama) na Vila de Copatana. Possui uma articulada rede de relações comerciais que fazem com que a dinâmica comercial do pescado em Copatana ganha uma complexidade maior do que aparenta ter.

2.2 – Os Órgãos de Pesca de Jutai e a Relação com os Pescadores da Vila de Copatana.

O município de Jutai é visivelmente um importante produtor de pescado, tanto espécies de escamas (matrinxã, pacu e sardinha), quanto bagres em geral. Não obstante, Jutai possui alguns órgãos diretamente relacionados à pesca.

Foram realizadas entrevistas na cidade de Jutai para o melhor conhecimento dos órgãos de pesca existentes no município. Detectaram-se três tipos de órgãos de pesca que funcionam em Jutai. O mais antigo funciona desde 1998 – Associação de Pescadores de Jutai. Segundo o seu presidente – Sr. David Coelho, que está na gestão desde o ano 2006, a sua Associação possui um

total de 2.500 sócios. Destes, o Sr David revelou que apenas 1.500 recebem o Seguro Defeso regularmente. E, do total de associados, pelo menos 400 pescadores são moradores da Vila de Copatana, cada um com produção média de 200 à 300 kg de peixe mensal.

O segundo órgão de pesca visitado foi o Sindicato dos Pescadores Artesanais de Jutai. Na ocasião o presidente (Sr. José Cândido) não estava na cidade, apenas a sua filha (Maria José) que também faz parte da diretoria. A Maria José relatou que o Sindicato funciona desde o ano de 2010 e possui atualmente 1.025 associados com 575 beneficiários do Seguro Defeso. Mas, revelou que apenas 3 sócios são pescadores da Vila de Copatana. O Sr. José Mendes Cândido permanece na presidência desde a fundação e o órgão possui parceria com o Sindicato dos Pescadores Artesanais do Amazonas, segundo a Maria José.

O terceiro e último órgão de pesca visitado foi a Colônia dos Pescadores de Jutai Z-60 (Figura 37). Atualmente, as Colônias de Pescadores estão presentes em todos os municípios ribeirinhos do estado do Amazonas e são os órgãos de pesca mais sérios onde o pescador pode confiar. Mas, na cidade de Jutai os pescadores têm muito receio da Colônia Z-60, além disso, a Associação e o Sindicato de pescadores de Jutai ajudam a difamar este órgão. O Sr. Gutierrez Elias, atual presidente da Colônia, esclareceu que o presidente anterior desapareceu da cidade de Jutai com o dinheiro dos associados e não voltou para prestar satisfação aos pescadores. Este fato foi recente, por isso todos têm receio em voltar para a Colônia como sócio, segundo o Sr. Gutierrez.



Figura 37 – Sede da Colônia de Pescadores de Jutai Z-60.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

O atual presidente está na gestão desde 2014 tentando reconstruir a Colônia, principalmente, mudar a sua fama. Em dois anos de reconstrução do órgão a Colônia já possui 256 associados, apenas 5 são de Copatana. O presidente relevou que os sócios ainda não recebem o Seguro Defeso, isso por que ainda não chegou as carteiras de pescador dos associados. Enfim, segundo o Sr. Gutierrez a sua Colônia possui apoio e parceria da Federação das Colônias e também do INSS.

2.3 A Diversidade Comercial de Pesca na Vila: do "PEIXE-LISO" ao Peixe Ornamental.

A Vila de Copatana oferece ao longo do ano uma grande diversidade comercial de pesca. De Março à Dezembro, período que obteve-se dados do Monitoramento, registrou-se a pesca e

comercialização de grande variedade de espécies piscosas. Tais como, os peixes "nobres" de escama: Matrinxã – *Bryncon cephalus*, Pirarucu – *Arapaima gigas* e Tambaqui – *Colossoma macropomum*. Sobre estas espécies de pescado, de acordo com Moraes (2012, p. 47) "O mercado dos peixes nobres de escama é considerado regional, pois, apesar de bastante apreciados pela população local, a motivação para a piscicultura e manejo destas espécies é para atender principalmente as demandas específicas de Manaus."

Com os resultados da pesquisa percebeu-se que o mercado de peixes nobres de escama ainda se mantém com a mesma lógica. Ou seja, o principal destino das espécies Matrinxã, Pirarucu e Tambaqui é a cidade de Manaus. Porém, especificamente na cidade de Jutai, nos últimos anos existe outra espécie que está se juntando às outras nobres de escama e ganhando cada vez mais mercado na capital do estado. Fala-se da "sardinha de Jutai", este termo está ano a ano cada vez mais conhecido na região, principalmente, pela divulgação e promoção do Festival Cultural da Sardinha de Jutai.

O Festival é a principal atração festiva e cultural da cidade de Jutai. Acontece normalmente nos últimos dias do mês de Julho, pois nessa época do ano existe uma fartura de sardinha nos rios Jutai e Solimões. E, a cada ano a Prefeitura Municipal de Jutai contrata uma atração musical a nível nacional para encerrar a festa. Com isso, pouco a pouco a sardinha de Jutai vai ganhando mercado na cidade de Manaus e sendo cada vez mais valorizada.

Por outro lado, temos outras espécies de escama, mas estas por sua vez, com uma lógica de mercado voltado para atender o consumidor local, principalmente. Moraes (2012) apontou para as espécies Jaraqui – *Semaprochilodus insignis*, Pacu – *Mylossoma spp.* e Curimatã – *Prochilodus nigricans*. Mas, com os resultados da pesquisa na Vila de Copatana, inclui-se como as principais espécies de consumo local em Jutai ou pelo menos na Vila, além do Jaraqui e do Pacu, também a Sardinha. Exclui-se a espécie Curimatã dentre as mais consumidas em Copatana e poderíamos até incluir a Aruanã – *Osteoglossum bicirrhosum*, pois esta esteve entre as cinco espécies mais pescadas e comercializadas em Copatana durante o período de monitoramento com os pescadores profissionais da Vila.

Outra rede comercial de pesca que tem origem na Vila de Copatana é a dos Bagres ou peixe liso como é popularmente mais conhecido na região. A principal espécie de bagre pescada e

vendida na Vila é a Dourada – *Brachyplatystoma flavicans*. O principal destino destas espécies é internacional, no caso para a Colômbia. Esta conjuntura atual do mercado de bagres se deu, principalmente, com a rejeição local pelo consumo de tais espécies por questões de tabu alimentar que culminou com a crescente demanda das mesmas pelo mercado colombiano. Desta forma, compactua-se com Moraes; Schor e Alves-Gomes (2010a, p. 98) ao afirmarem que "(...) A rejeição destes por significativa parte da população impulsiona a exportação e consolida os bagres enquanto valor de troca. Essa condição justifica o mercado internacional que os bagres têm no âmbito da sua pesca no rio Solimões."

Outra atividade pesqueira que nos chamou muito a atenção em Copatana é a existência de redes comerciais de espécies ornamentais na Vila. Existe a exploração de pelo menos três espécies ornamentais na região da Vila de Copatana. Mas, conseguimos apenas dados e informações de apenas duas espécies: os Alevinos de Aruanã - *Osteoglossum bicirrhosum* e o Acará-disco – *Symphysodon aequifasciatus*.

Os Alevinos de Aruanã ou "filhotes de sulambas", como são mais conhecidos em Copatana, são capturados, principalmente, entre os meses de Outubro e janeiro, período de reprodução da espécie. Soube-se que os compradores chegam de Tabatinga, a grande maioria não são brasileiros e são popularmente conhecidos na Vila como "*sulambeiros*".

Os sulambeiros vão para Copatana de "voadeiras"⁷ e ficam, a maioria, hospedados em flutuantes ou barcos na beira da Vila. Eles vão em vários grupos e, um grupo pode conter até 30 (trinta) pessoas, segundo relatos. A maioria dos pescadores participa dessa rede comercial, pois acaba sendo mais lucrativo para eles.

Existe uma espécie de revezamento entre os pescadores para vigiar os locais onde eles capturam as "sulambinhas", pois estes peixes ficam muito disputados entre os pescadores.

2.3.1 O período de captura dos Alevinos de Aruanã – *Osteoglossum bicirrhosum*.

A partir da segunda quinzena do mês de outubro os pescadores da Vila já começam a sair para a pesca na tentativa de capturar os filhotes de Aruanã, pois inicia-se o período reprodutivo da

7 Lanchas rápidas com motor de alta potência.

espécie nesta época. O período de captura dos alevinos de Aruanã dura em média de três à quatro meses, ou seja, de meados de Outubro à meados de Janeiro. Mas, são nos meses de Novembro/Dezembro que são realizadas as maiores capturas desta espécie de peixe ornamental.

Sobre a captura dos filhotes de sulamba, os pescadores afirmaram que preferem pescar o adulto da sulamba com a malhadeira, pois assim não precisam matá-la. Segundo eles, a carne da sulamba não é boa para o consumo quando estão no período reprodutivo.

Após capturar a sulamba adulta com a rede de pesca, eles abrem a boca do peixe e capturam os seus filhotes com o "pulsar" (Figura 38), instrumento próprio para este tipo de captura.



Figura 38 – "Pulsar" para a captura de Alevinos de Aruanã.

Autor: Janderson M. Bezerra, Fevereiro de 2016.

Após capturarem os filhotes, os pescadores colocam-nos em um saco plástico que eles chamam de "bolsa de sulamba" (Figura 39). Cada bolsa de sulamba comporta em média 150 filhotes.



Figura 39 – Alevinos de Aruanã na "bolsa de sulamba".

Autor: Janderson M. Bezerra, Dezembro de 2016.

Depois que os sulambeiros compram os alevinos de Aruanã, diretamente com os pescadores nos locais de pesca (lagos e rio), eles colocam os filhotes em "sacos de sulambas" menores para ficar mais discreto durante o transporte para a Colômbia. O transporte é feito em canoas, segundo alguns pescadores, até a cidade de Benjamim Constant onde existem outras pessoas esperando para pegar e levar de avião para Bogotá, Lima e outros países do mundo.

Em Copatana os sulambeiros compram um filhote de sulamba em média de R\$ 1,00 à R\$ 1,50. Enquanto que, na Colômbia e Peru eles vendem por até R\$ 10,00 um alevino.

Normalmente, os mais jovens (pescadores da Vila) são os que vigiam os lagos onde se encontram os filhotes de sulamba, enquanto os pescadores mais experientes vão apenas para capturá-los. Segundo relatos, os pescadores, primeiramente, matam os pais dos filhotes, pois estes ficam na boca deles. Assim, depois de matar os pais eles usam a rede para capturar os filhotes, sendo que, cada "ninhada" possui entre cem e duzentos filhotes de sulamba.

Os pescadores conseguem capturar mais de 5 (cinco) ninhadas de sulambas por noite, ou seja, em uma noite capturando estes filhotes os pescadores podem ganhar no mínimo R\$ 500,00

ou mais de R\$ 1.000,00. Esses filhotes vão para a fronteira Brasil-Colômbia, ou seja, as cidades de Tabatinga e Letícia. Posteriormente, podem ir para vários países do mundo. Descrever essa rede comercial foi de extrema importância para melhor compreensão da dinâmica econômica da Vila Copatana.

Sobre a exploração de espécies ornamentais ou de aquariofilia a Legislação Estadual do Amazonas de Pesca e Aquicultura na INSTRUÇÃO NORMATIVA INTERMINISTERIAL No 001, DE 3 JANEIRO DE 2012, afirma que

Art. 2o Para efeito desta Instrução Normativa Interministerial, considera-se:

I - Ornamentação: utilizar organismos vivos ou não, para fins decorativos, ilustrativos ou de lazer; e

II - Aquariofilia: manter ou comercializar, para fins de lazer ou de entretenimento, indivíduos vivos em aquários, tanques, lagos ou reservatórios de qualquer tipo.

O IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis não classifica a Aruanã como um peixe ornamental. Na lista atual (Abril de 2017) da última Portaria do IBAMA (já retificada) sobre a liberação da captura e comércio de peixes ornamentais em águas continentais existe 174 espécies permitidas, mas entre elas não está a Aruanã. O IBAMA especificamente proíbe a captura de filhotes de sulamba através da "Instrução Normativa do Ibama/AM No. 01/2001 proíbe a captura de alevinos de Aruanã, já que estabelece o tamanho mínimo de 44 cm para a captura da espécie. " (IBAMA, 2010). Essas informações foram relevantes para termos o conhecimentos que estávamos diante de uma atividade ilegal e por esse motivo tivemos que ter muita cautela.

Sobre esta atividade ilegal no Alto Solimões Nogueira (2008) já havia relatado, afirmando que:

O peixe ornamental extraído do Brasil ilegalmente, hoje faz uma trajetória espetacular, formando uma verdadeira rede comercial, até chegar ao consumidor final. Os colombianos compram os peixes ornamentais de pescadores brasileiros que vendem cada peixe (alevinos no caso da Aruanã) de R\$ 0,20 a R\$ 1,00 dependendo do tamanho, que são levados para a cidade Fronteiriça de Letícia – Colômbia, de onde são comprados por empresas especializadas com sede em Bogotá, de U\$ 4,00 a 5,00 e são exportados de Bogotá para o resto do mundo entre U\$ 12,00 a 15,00. Dependendo de cada continente, o preço varia, chegando a ser negociado ao consumidor final, nos Estados Unidos de U\$ 35 a 50; na Ásia de U\$ 70 a 100 e na Europa de 80 a 120 Euros. (p. 50)

Tais informações nos revelam os grandes valores que os Alevinos de Aruanã podem alcançar fora do país em comparação ao preço pago ao pescador em Copatana. Outra questão importante que podemos perceber na citação acima é sobre a ilegalidade deste comércio. Tal fato é comprovado pelo Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Rio Jutai, onde em certo trecho afirma que,

Ocorre, também, pesca ilegal de alevinos de aruanã. Os —sulambeiros, em sua maioria grupos colombianos, vendem o filhote da sulamba no exterior, como peixe ornamental. A matriz é morta no momento da pesca e apenas os filhotes são levados. Há relatos que várias comunidades, tanto do entorno como de dentro da RESEX, praticam a pesca de alevinos. Denúncias relativas a este comércio ilegal na área são conhecidas oficialmente pelo órgão gestor desde o ano de 2006, e é crescente o número de pessoas envolvidas na atividade. A possibilidade de se manejar o filhote da sulamba seria uma alternativa. (ICMBIO, 2011 p. 71)

Diante disto, percebe-se que o comércio de Alevinos de Aruanã, mesmo sendo ilegal, é algo maior e mais forte do as autoridades ambientais. A ponto de os próprios órgãos ambientais chegarem a mencionar a possibilidade de manejo da espécie.

2.3.2 Espécies ornamentais em Copatana: o caso do Acará-disco – *Symphysodon aequifasciatus*.

Diferente do comércio de filhotes de sulambas que movimentava praticamente todos os pescadores da Vila, o comércio de acará-disco movimentava uma quantidade menor de pescadores de Copatana. Pois, um dos compradores de pescado da Vila é o responsável pela venda do acará-disco para os compradores de Tabatinga. Este tal comprador de pescado da Vila possui uma espécie de viveiro do lado do seu flutuante na beira de Copatana onde ele coloca o acará-disco que é pescado em redes específicas para a captura desta espécie (Figura 40).



Figura 40 – Acará-disco do "viveiro" do Kaká.

Autor: Janderson M. Bezerra, Abril de 2016.

O acará-disco fica neste viveiro até ser recapturado e levado para ser vendido para compradores em Tabatinga. Segundo informações, um acará-disco pode custar de R\$ 3,00 à R\$ 5,00. Onde, posteriormente, vai alcançar valores muito superiores fora do país.

Estes são capturados, principalmente, em igapós ou na beira do rio onde existem "galhadas".

Apesar da longa discussão anterior sobre o comércio ilegal dos Alevinos de Aruanã, o acará-disco é uma espécie legalmente reconhecida como ornamental. Porém, não podemos garantir que esta atividade é realizada sob as normas que regem a captura e comércio das espécies ornamentais. Pois, existem comunidades dentro da RESEX do Rio Jutai que exploram ou exploravam a pesca e comercialização do Acará-disco como ornamental. Sobre isto podemos observar no trecho abaixo:

Dentre outras espécies citadas estão o acará-disco (*Symphysodon* sp.), relatada por quase todas as comunidades, e uma pequena arraia, explorada na parte superior do rio Jutai próximo às comunidades Carirú, Pururé e São Raimundo do Piranha. O acará-disco, espécie ornamental, representou, em alguns anos, fonte alternativa de renda para a comunidade Marauá. Em 2011, como parte do Projeto Corredores Ecológicos, foi

realizada uma oficina de capacitação em manejo e pesca do acará-disco. (ICMBIO, 2011 p. 38)

Enfim, a pesca e comercialização do Acará-disco como espécie ornamental é reconhecidamente uma fonte de renda para muitas comunidades no Rio Jutai. Porém, na Vila de Copatana esta atividade acaba sendo explorada por poucos pescadores e gerando mais lucros apenas para uma pessoa.

2.3.3 Como é feito o transporte do pescado.

A forma como o pescado é transportado possui relevante importância para a sua conservação, mantendo a qualidade da carne e, conseqüentemente, a manutenção do preço.

Quando não se tem uma boa forma de conservação do pescado começa-se uma corrida contra o tempo para repassar essa mercadoria aos compradores de pescado. Os agentes mais vulneráveis neste processo são os pescadores. Por não ter condições de conservar e manter a qualidade da carne de grande quantidade de pescado os pescadores acabam forçados a vender a sua produção pelo preço que os grandes compradores (frigoríficos) pagam. Nesse sentido, os pescadores sempre acabam sendo os maiores prejudicados, pois os atravessadores (compradores de pescado) pagam o preço que eles acham o correto e não o que os pescadores acreditam que seria o justo pelo seu trabalho.

Na maioria das vezes os pescadores possuem precárias condições de transporte para o seu pescado. O melhor que conseguem é transportar em caixas (de isopor) ou freezers com gelo industrial que possui pouca durabilidade. Com isso, acaba havendo uma luta contra o tempo para voltar da pesca com o pescado ainda em boas condições para a venda.

O transporte está sujeito à condição do peixe como produto in natura, ou seja, são exigidos mecanismos de conservação das propriedades físicas do peixe sob pena de ele estragar e não poder mais ser vendido ou não mais alcançar bons preços. Esses mecanismos estão ligados ao resfriamento e/ou congelamento do pescado como forma de mantê-lo com qualidade (...) (MORAES; SCHOR E ALVES-GOMES, 2010b, p. 163)

Sobre o resfriamento e/ou congelamento citados por Moraes; Schor e Alves-Gomes (2010b) na região da pesquisa apenas os frigoríficos (Figura 41) possuem condições para manter a temperatura certa do pescado para que este não estrague.

Na Figura 41 pode-se observar uma câmara de armazenamento de pescado, está vazia pois na ocasião o proprietário do frigorífico já havia vendido todo o seu pescado. Antes de o pescado ir para esta sala ele passa primeiro pelo túnel de congelamento (Figura 42).

Por outro lado, os pescadores não possuem estes recursos para armazenar o seu pescado com mais qualidade e poder vender por um preço melhor do que os frigoríficos ou atravessadores pagam.



Figura 41 – Câmara de armazenamento do Frigorífico do "Lorinho" em Jutaí.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

Outro recurso ainda usado pelos pescadores para armazenar e conservar o pescado é a salga, onde o peixe tratado de forma que possa receber maior quantidade de sal e depois posto no sol para secar. Com esta técnica a carne do pescado pode durar meses até ser consumido. Porém, este recurso é utilizado atualmente apenas para o consumo próprio ou demandas de espécies, como o pirarucu – *Arapaima gigas* e o tambaqui – *Colossoma macropomum*.



Figura 42 – Túnel de congelamento do Frigorífico do "Lorinho" em Jutaí.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

O transporte do pescado está inteiramente ligado à sua forma de comercialização, onde por sua vez, na microrregião do Alto Solimões/Amazonas a rede comercial do pescado (principalmente os bagres) é uma das características de sua rede urbana. Vamos nos debruçar sobre estas questões no próximo capítulo que encerra este trabalho.

3. AS REDES COMERCIAIS DE PESCA NA VILA DE COPATANA E A REDE URBANA NO ALTO SOLIMÕES/AMAZONAS.

Neste Capítulo que encerra o trabalho realizamos uma intensa discussão sobre as redes comerciais da pesca na Vila de Copatana e a sua relação direta com a rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. Nesse contexto pode-se compreender o papel da Vila na rede. Discute-se sobre os fluxos e fixos que compõem as redes, sejam elas urbanas ou do comércio de pescado.

3.1 De Onde Vem e para Onde Vai Tanto Peixe? Os Locais de Pesca e os Principais Destinos de cada Espécie.

3.1.1 Os principais locais de pesca dos pescadores da Vila de Copatana.

A microrregião do Alto Solimões possui um grande potencial de pesca, não somente com os bagres, como constatou Moraes (2012). Mas, a região como um todo é fonte de imensa diversidade comercial de pesca, seja ela legal ou fora da legalidade, como por exemplo, o caso dos peixes ornamentais, a pesca dos quelônios e, entre outras espécies em período de Defeso.

Seguindo esta linha de raciocínio, Jutai é um importante produtor e fornecedor de pescado na microrregião do Alto Solimões. Dentro de Jutai temos a Vila de Copatana como uma importante fornecedora (por meio de seus pescadores e compradores de peixe) de pescado para os frigoríficos da sede municipal.

Os pescadores da Vila de Copatana pescam as mais variadas espécies de peixes que o rio Jutai e seus afluentes e lagos oferecem durante as diferentes épocas do ano. Mas, o principal questionamento é simplesmente este: onde os pescadores de uma vila com característica mais urbana que rural encontram tanto peixe? Pois, a Vila de Copatana localiza-se entre terras indígenas e áreas de conservação ambiental (Figura 43).

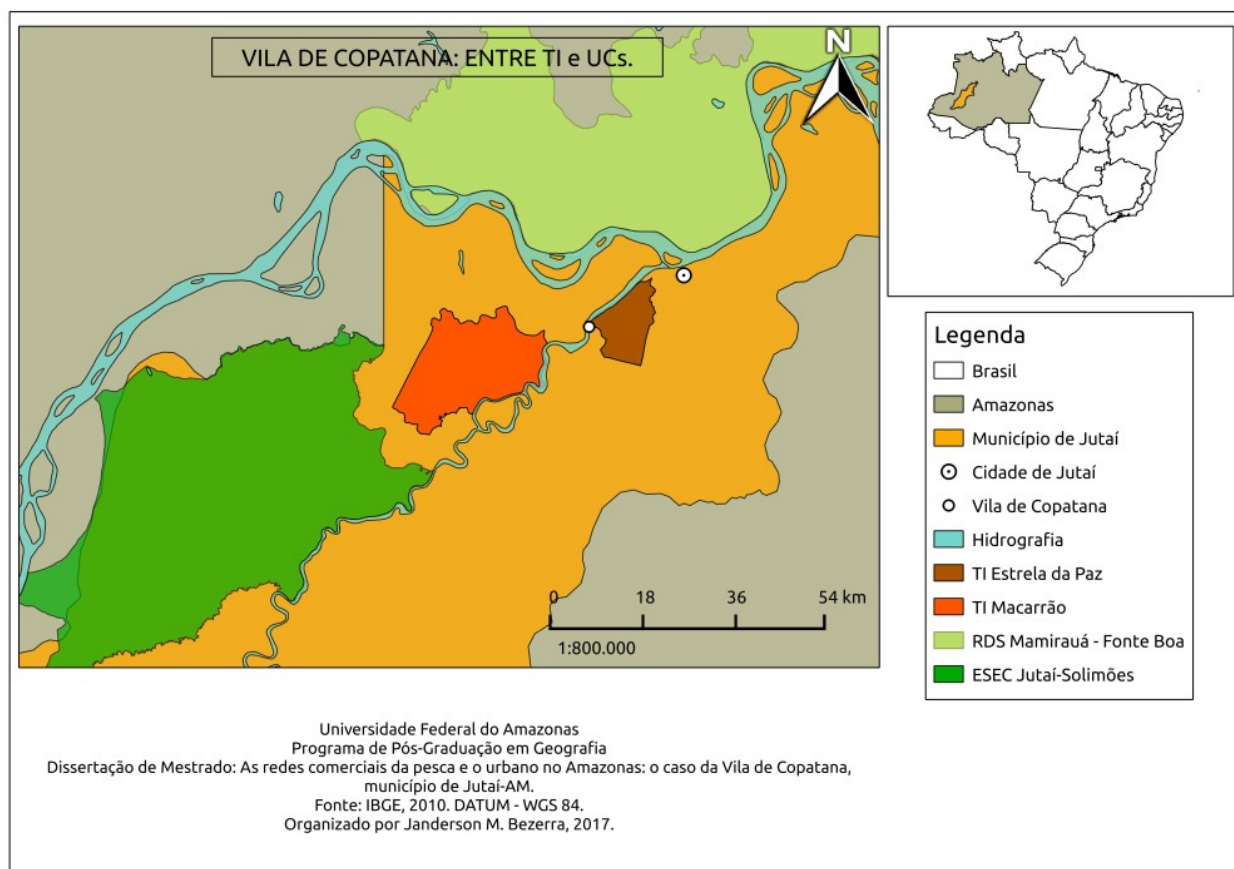


Figura 43 – Vila de Copatana: entre Terras Indígenas e Unidades de Conservação.

Fonte: IBGE 2010, Elaborado por Janderson M. Bezerra, 2017.

Pode-se observar na Figura 43 que a Vila de Copatana situa-se ao lado da Terra Indígena Estrela da Paz. A Sudeste da Vila tem a TI Macarrão, ao Norte temos a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá do Setor de Fonte Boa. E, também a Sudeste encontra-se a Estação Ecológica Jutaí-Solimões. Ainda na região do Baixo rio Jutaí existe a Reserva Extrativista do Rio Jutaí – RESEX do rio Jutaí. No Médio rio Jutaí localiza-se a Terra Indígena do rio Biá e no Alto Jutaí encontra-se a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim – RDS Cujubim. Ou seja, o município de Jutaí está cercado por Unidades de Conservação e Terras Indígenas, conforme descreve ICMBIO (2011, p. 22)

O Rio Jutaí forma um corredor de áreas protegidas contíguas. A RESEX do Rio Jutaí com 275.532,88 hectares e a ESEC de Jutaí-Solimões com 284.285 hectares localizadas no Baixo Rio Jutaí, a TI do Rio Biá, com 1.180.000 hectares, no Médio Jutaí, e, no Alto Jutaí, a RDS Cujubim, criada em 2003, com área de 2.421.925 hectares, sendo a maior Unidade de Conservação existente no Amazonas. (CNUC)

Estas áreas são todas integrantes da porção oeste do Corredor Ecológico Central da Amazônia (CCA), o qual compõe a Reserva da Biosfera da Amazônia Central (RBAC), no interior do Estado do Amazonas (...)

Para incrementar mais ainda o questionamento acima, soube-se com os próprios pescadores da Vila que a mesma não possui grandes lagos de onde aqueles poderiam pescar o suficiente para comercializar também. Os pescadores de Copatana apenas fazem parte de manejos de pesca em lagos que se localizam no rio Copatana. Estes lagos são despescados apenas uma vez ao ano. Existem lagos com pirarucu e/ou tambaqui. Contudo, a despesca destes lagos não acaba sendo muito rentável para os pescadores, pois são muitos pescadores para pouco lucro ao final da venda.

Ademais, nas proximidades da Vila a abundância de pescado não acontece durante todos os períodos do ano. Mas, em determinadas épocas e por pouco tempo como vimos anteriormente com os resultados do monitoramento participativo com os pescadores de Copatana. Como por exemplo, os bagres que são mais abundantes entre os meses de Junho e Julho, ou seja, no início da vazante do rio Jutai.

Na verdade, os pescadores da Vila de Copatana não revelaram exatamente os seus principais locais de pesca. Eles temiam acarretar em consequências prejudiciais. Pois, calcula-se que aproximadamente 90% da produção pesqueira dos pescadores de Copatana que é comercializada são provenientes de locais de pesca localizados no Médio e Alto rio Jutai. Ou seja, as principais fontes de pescado da Vila Copatana encontram-se dentro da Reserva Extrativista do Rio Jutai – RESEX do rio Jutai.

A invasão de pescadores de fora da RESEX para explorar áreas no interior da Unidade são recorrentes. As comunidades destacam a entrada de moradores da *Vila Copatana* (Grifão nosso), Porto Antunes e da cidade de Jutai ao longo de toda a calha do Riozinho e do Jutai (principalmente no Paraná do Acural). As espécies de peixe mais visadas são matrinxã, tucunaré, sulamba (ou Aruanã) e pirarucu. Quelônios e seus ovos também são muito visados e comercializados ilegalmente, principalmente no início do período de seca, quando é o momento da desova nos tabuleiros. (ICMBIO, 2011, p. 69)

Pode-se observar que o trecho acima do Plano de Manejo da RESEX do Rio Jutai confirma o que os pescadores de Copatana não queriam afirmar. O que acaba sendo uma fonte de renda para os pescadores da Vila se transforma em um grande problema para as comunidades pertencentes à RESEX. Pois, as espécies mais lucrativas comercializadas pelo pescadores de

Copatana, como a Matrinxã e os alevinos de Aruanã são pescados na RESEX, como pode-se observar no trecho abaixo:

As ameaças à manutenção dos estoques pesqueiros na área são reconhecidas pelas comunidades da RESEX que apontaram algumas das principais espécies de peixes utilizadas pelas comunidades como ameaçadas. Ao longo do Rio Riozinho identificaram as espécies tambaqui, Matrinxã, Aruanã, tucunaré, e ao longo do Rio Jutai identificaram, além destas listadas para o Riozinho, mais as espécies pirapitinga, pirarucu e os peixes lisos - dourada, piraíba, filhote, jaú, surubim e caparari. (ICMBIO, 2011, p. 68)

A intenção não é denunciar os pescadores da Vila de Copatana e nem defender a prática da pesca ilegal em área de Reserva Extrativista. Mas o fato é que Copatana através de seus pescadores é um dos grandes fornecedores de pescado para os frigoríficos da cidade de Jutai. E, a principal proveniência deste pescado não é das proximidades da Vila. Por mais que, existem muitas áreas legais onde os pescadores da Vila pescam, mas a principal produção comercializável possui procedência em áreas de proteção ambiental.

3.2 – Perfil dos Frigoríficos Compradores de Pescado de Copatana.

De acordo com Cruz (2007) os frigoríficos começaram a surgir no interior do Amazonas entre o final da década de 1970 e início de 1980. Atualmente, para que os frigoríficos estejam legalizados e funcionando regularmente eles precisam ter o SIF – Serviço de Inspeção Federal, uma exigência do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA ou SIE, Serviço de Inspeção Estadual.

A realidade no interior do estado é completamente diferente do que é estabelecido em lei. O município de Jutai possui muitos frigoríficos flutuantes, mas de acordo com o MAPA nenhum possui o SIF.

Não realizou-se entrevistas em todos os frigoríficos de Jutai, pois não era foco da pesquisa. Mas apenas naqueles para onde são destinadas a produção de pescado da Vila. No trabalho de Moraes (2012) foi detectado a existência de sete frigoríficos na cidade de Jutai, ou seja, o segundo município com maior quantidade de frigoríficos do Alto Solimões, ficando atrás apenas de Tabatinga com 11.



Figura 44 – Frigorífico do Sr. Lorinho.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

Na Figura 44 pode-se observar o frigorífico flutuante do Sr. José Sérgio Albuquerque, mais conhecido como "Lorinho" em Jutaí. O seu estabelecimento localiza-se na foz do rio Jutaí com o Solimões um pouco abaixo da cidade de Jutaí. O frigorífico do Sr. Lorinho possui CNPJ, mas não possui o Serviço de Inspeção Federal.

O Sr. José Sérgio afirmou que o seu frigorífico possui duas câmaras de armazenamento com capacidade total de 60 toneladas de estocagem de pescado. Além de possuir também dois túneis de congelamento com capacidade total de 50 toneladas. O frigorífico não possui fábrica de gelo.

O Sr. Lorinho revelou que negocia o seu pescado com os colombianos, principalmente. Mais especificamente com o Sr. Harold Wilson, colombiano que possui bodegas (frigoríficos colombiano) em Tabatinga e Letícia.

O Sr. Lorinho trabalha apenas com espécies de bagres, este fato explica a relação comercial com os colombianos. Abaixo temos uma tabela de preço estabelecida pelo proprietário.

Tipos de Bagres	Preço (R\$) por kg de pescado
Dourada	9
Surubim (*primeira)	6
Piraíba	6
Jaú (*segunda)	4
Pirarara (*terceira)	2
Piramutaba	1
Barba Chata	1
Bocão	0,50

*Classificação do pescado por peso.

Tabela 15 – Tabela de preços do Frigorífico do Sr. Lorinho.

Fonte: Entrevistas nos frigoríficos de Jutai, Outubro de 2016.

Das espécies listadas Tabela 15 a que gera mais lucro para o frigorífico do Sr. Lorinho é o Surubim, segundo ele. A média de compra total de pescado por mês varia entre 16 a 17 toneladas, de acordo com o senhor José Sérgio Albuquerque.

Na entrevista com o Sr. Lorinho perguntou-se quais os principais destinos do pescado (no caso Letícia na Colômbia) e os motivos destes. Então ele respondeu que: "os colombianos não tem preferência por espécie de pescado (...), mais a falta de iniciativa do governo para vender para outras regiões do país." Ou seja, de acordo com a sua afirmação a melhor alternativa é vender o pescado do tipo bagre para os colombianos em Tabatinga ou Letícia na Colômbia.



Figura 45 – Frigorífico, Fábrica de Gelo e Pontão Coelho.

Autor: Janderson M. Bezerra, Outubro de 2016.

Entrevistou-se também o proprietário e/ou gerente do Frigorífico J. R. Mendes Fermim, mais conhecido como Frigorífico Coelho, pois o seu gerente anterior era o Sr. Paulo Coelho ou "Paulão", como é mais conhecido. Atualmente quem administra os estabelecimentos da família Coelho, principalmente o frigorífico e a fábrica de gelo, é a Sra. Regina Fermim, esposa de Paulo Coelho.

A Sra. Regina afirmou que o frigorífico possui CNPJ e SIE – Serviço de Inspeção Estadual acrescentou que o frigorífico não necessita ter o SIF, pois segunda ela, eles não negociam o pescado para fora do estado do Amazonas. De acordo com esta lógica, o SIF serviria apenas para facilitar a negociação do pescado para outras regiões do país.

O frigorífico Coelho possui parceria com a Secretaria Municipal de Produção Rural e também com a Colônia de Pescadores Z-60 de Jutai, segundo a Sra. Regina.

As instalações do frigorífico foram feitas em flutuantes, pois, facilita o desembarque do pescado, de acordo com a entrevistada. Sendo que, os pescados chegam apenas por vias fluviais.

Enquanto ao abastecimento de água, este é proveniente de poço artesiano, a energia elétrica é ligada diretamente da Subestação de Jutai e possuem telefonia fixa através da empresa OI.

Sobre o descarte das vísceras do pescado, ela afirmou que é feita ração para os animais de criação no sítio da família Coelho.

O Frigorífico J. R. Fermim possui 06 (seis) câmaras de armazenamento e 02 (duas) de congelamento. Sendo que, a capacidade é de 18 toneladas para congelamento e 390 toneladas de armazenamento.

Eles possuem também uma fábrica de gelo com capacidade de produção de 24 toneladas por dia. Além de possuírem 10 (dez) barcos – 02 (dois) rebocadores e 08 (oito) para a compra de pescado. O frigorífico não realiza nenhum tipo de beneficiamento de pescado.

A proprietária afirmou que o frigorífico possui parceria com a empresa Frigonorte da Amazônia com sede em Manaus. Sobre a relação com o pescador, ela afirmou que é apenas de compra, ou seja, negocia diretamente com o pescador e paga à vista.

A negociação com outros frigoríficos é feita por meio de telefone e o dinheiro da compra de pescado é depositado diretamente na conta da empresa. Os seus principais vendedores de pescado são os pescadores e as comunidades.

O pescado é negociado com vários frigoríficos, tanto de Manaus quanto de Tabatinga, dependendo da espécie. Ou seja, as espécies de escama são negociados com a Frigopesca, Frigonorte e Feiras da cidade de Manaus. Por outro lado, as espécies de bagres são negociadas com a Medisse Frios e Pescado em Tabatinga.

O Frigorífico e Fábrica de Gelo Coelho possui 12 funcionários, sendo apenas 01 da família. Dentre as funções existem pesadores, arrumadores, tratadores e secretária. O pagamento é realizado mensalmente. Os funcionários não possuem carteira assinada, segundo a Sra. Regina é apenas serviço prestado. Sobre a contabilidade do frigorífico eles possuem um contador próprio.

A Sra. Regina afirmou que o frigorífico realiza a compra de espécies de peixes de escama e peixes liso. Os peixes são pescados em rios e lagos e os principais destinos são as cidades de

Manaus e Letícia na Colômbia. A proprietária afirmou que não possui tabela fixa de preços de compra de pescado, pois segundo ela, os preços variam de acordo com o período do ano que influência na oferta/demanda. Sobre a espécie mais lucrativa, a Sra. Regina que tanto faz, ou seja, é equilibrado.

O frigorífico compra uma média de 130 toneladas de pescado por mês ou 800 toneladas por ano. No verão a oferta de pescado é maior.

Sobre os motivos dos destinos do pescado (Manaus e Colômbia), a Sra. Regina afirmou que é por uma questão de mercado, ou seja, dependendo da espécie estes destinos possuem mercado para a comercialização rápida e fácil do pescado.

Enfim, além do frigorífico o proprietário também possui mercadinho, posto de combustível, auto-posto, olaria e serraria. Mas a atividade que iniciou primeiro foi o frigorífico, segundo a Sra. Regina foi pelo potencial de pesca de Jutáí. O frigorífico e o posto de combustível são os que geram mais lucros, segundo a proprietária.

3.3 O Comércio de Pescado em Copatana e a relação com a Rede Urbana da Região.

Falar sobre a rede comercial do pescado e a rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas acaba sendo delicado. Pois, são temas que se completam e se complicam quando se trata do Alto Solimões. Como já diziam Moraes; Schor e Alves-Gomes (2010a, p. 94) "Tal qual o pescador que lança a rede em um rio ou lago em busca do seu sustento, este estudo lança a rede num tema tão complexo quanto o rio de onde se extrai o peixe. Busca integrar as análises de rede urbana com a biogeografia."

Existe forte relação entre o comércio de pescado e a rede urbana na microrregião do Alto Solimões/Amazonas. Contudo, se não houver um mínimo de cuidado o autor acaba falando apenas em rede comercial da pesca e deixa de lado a discussão sobre as redes urbanas. Estas, por sua vez, "são o conjunto de núcleos urbanos funcionalmente articulados entre si e que se estabelecem por meio da divisão territorial do trabalho que conta com pontos fixos no território e o mínimo de articulação entre estes pontos." (Corrêa, 2006 *apud* MORAES; SCHOR E ALVES-GOMES, 2010a, p. 102)

O comércio de pescado nas regiões da Calha principal do rio Solimões/Amazonas é uma forte característica em suas redes urbanas. É inevitável falar da dinâmica da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas onde encontra-se Jutaí e a Vila de Copatana sem mencionar o comércio de pescado.

No Amazonas, embora haja predominância da pesca como atividade rural/extrativista, o processo de comercialização do pescado envolve diretamente as cidades onde os pescadores das comunidades ribeirinhas obtêm insumos básicos para pesca (gelo, gasolina e rancho) e mesmo vendem sua produção para atravessadores nas feiras e mercados ou para frigoríficos, geralmente localizados nas cidades (...) (MORAES; SCHOR E ALVES-GOMES, 2010a, p. 94-95)

A atividade da pesca e o seu posterior comércio dependem em grande parte dos suportes que a cidade pode conceder. Neste caso, a Vila de Copatana que é um núcleo urbano na aparência e no modo de vida dos moradores.

A rede comercial da pesca com origem em Copatana foi descrita no capítulo anterior. Aonde vimos que, os peixes nobres de escama – Matrinxã, Pirarucu e Tambaqui – tem como principal destino a cidade de Manaus. Acrescentou-se que a espécie sardinha está tendo uma lógica mais voltada para Manaus também, principalmente, pelo Festival da Sardinha de Jutaí que está transformando a espécie em uma marca.

Enquanto aos bagres, estes continuam com lógica externa, quase exclusivamente para o mercado colombiano onde a demanda é maior e mais próxima da região.

Ainda na Vila existe outra rede comercial de espécies piscosas descoberta com a pesquisa. Ou seja, a rede clandestina do comércio de ornamentais, principalmente, os Alevinos de Aruanã. Esta, por sua vez, possui destinos diversos como: Estados Unidos, Europa e Japão.

Das três redes comerciais de pesca descritas é interessante observar que nem sempre tais redes possuem passagem ou parada obrigatória na cidade de Jutaí. Ou seja, a cidade de Jutaí não é um intermediário por excelência dos produtos vindos da Vila de Copatana. Tal aspecto demonstra a autonomia de articulações que a Vila possui independente de sua sede municipal.

O natural seria que o comércio de pescado da Vila de Copatana passasse sempre por um intermediário em Jutaí. No caso dos peixes nobres de escama e dos bagres seriam os frigoríficos instalados na cidade de Jutaí. Porém, o Sr. Guidó possui articulações com os frigoríficos

colombianos para onde vai a maioria dos bagres. E, também possui demanda de Manaus para espécies como matrinxã e pirarucu.

Ademais, as espécies de peixes ornamentais, principalmente, o comércio ilegal dos filhotes de sulamba possui uma articulação direta entre a Vila de Copatana e a cidade de Tabatinga na fronteira com a Colômbia. Pois, as pessoas envolvidas (pescadores locais e compradores colombianos) nesta rede clandestina possuem plena consciência dos níveis de legalidade ao qual estão sujeitos. Desta forma, tentam minimizar ao máximo o tempo entre o momento da compra dos alevinos e a entrada destes em território colombiano. Quando não conseguem ser rápidos (em "voadeiras" com motor de alta potência) pelo menos tentam ser discretos e transportam a "mercadoria" muitas vezes com motor rabeta para não gerar suspeitas da Polícia Federal ou da Marinha Mercante em Tabatinga. Em alguns casos o próprio pescador destas espécies transporta-os da Vila de Copatana até a cidade de Tabatinga.

Obteve-se um relato informal de um pescador da Vila que revelou que uma vez os sulambeiros o "convidaram" para acompanhá-los numa viagem até Tabatinga. O pescador afirmou que fez a viagem com os colombianos. A viagem foi tensa e sob bastante estresse, pois, a todo o momento ele temia ser pego pela polícia e ficar detido numa cidade que ele não conhecia ou em outro país. Enfim, o pescador afirmou que esta foi uma experiência que ele não pretende repetir.

Sobre a rede urbana, os primeiros estudos sobre esta na microrregião do Alto Solimões foram realizados pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas nas Cidades da Amazônia Brasileira – NEPECAB, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. De início, os pesquisadores do NEPECAB criaram uma proposta de tipologia de rede urbana para as regiões da Calha Principal do Rio Solimões/Amazonas. Criaram uma nova classificação para as cidades na Amazônia para tentar se esquivar de "conceitos e critérios consolidados tais como cidade polo (grifo dos autores) ou outras formas de hierarquia urbana (...)" (SCHOR E OLIVEIRA, 2011, p. 16)

Nesse sentido, Schor e Oliveira (2011) classificaram as cidades da Calha principal do rio Solimões/Amazonas em: Cidades Médias de Responsabilidade Territorial, como Tefé e Tabatinga; Cidades Médias com Dinâmica Econômica Externa, como Parintins e Coari; Cidades Médias com Função de Intermediárias, como Manacapuru e Itacoatiara; e restante foram

consideradas Cidades Pequenas, com tipologias específicas. A cidade de Jutai, por exemplo, foi classificada dentro da tipologia de Cidades Especiais, segundo o argumento de que,

Pela ausência de infraestrutura que possibilite exercerem plenamente as funções urbanas e por suas localizações geográficas, que tornam mais complicadas a relação delas com a calha central do rio, tornam-se dependentes das cidades médias e pequenas de responsabilidade territorial. (SCHOR E OLIVEIRA, 2011, p. 20)

A cidade de Jutai está localizada entre Cidades Médias e Pequenas de Responsabilidade Territorial de acordo a classificação de Schor e Oliveira (2011). O leste localiza-se as cidades de Fonte Boa (pequena) e Tefé (média); e, a oeste localizam-se as cidades de Santo Antônio do Içá (pequena) e Tabatinga (média). Ou seja, a cidade de Jutai encontra-se numa confluência de cidades importantes para as articulações urbanas e comerciais entre as microrregiões do Médio e Alto Solimões/Amazonas. Urbanas pela centralidade que as cidades de Tefé (Médio Solimões) e Tabatinga (Alto Solimões) exercem em suas respectivas regiões de influência. De acordo com Schor e Oliveira (2011, p. 19), as cidades de Tefé e Tabatinga:

Exercem uma função na rede que vai além das suas características em si, pois detêm uma responsabilidade territorial que as torna nódulos importantes internamente na rede. Exercem diversas funções urbanas e contêm arranjos institucionais que são importantes não só para o município, mas para as cidades e municípios ao seu redor. A importância territorial dessas cidades tem origem no desenvolvimento histórico-geográfico que constituiu a rede urbana nessa região. O desenvolvimento econômico destas cidades tende a agregar valor na região. Ainda nesta tipologia deve-se incluir a variável “de fronteira”, pois a dinâmica das cidades localizadas na fronteira as difere das demais tanto em termos de perfil urbano quanto à rede da qual participam, principalmente por conta do papel exercido pelas forças armadas e populações indígenas quanto com relação às redes que se estabelecem internacionalmente.

Sobre a questão comercial, fala-se sobre o comércio de pescado, principalmente da rede comercial dos bagres que conectam cidades do Médio Solimões com o Alto Solimões com o mesmo propósito, que é levar a produção do pescado ao seu destino final na Colômbia. Nesse sentido, Moraes; Schor e Alves-Gomes (2010a, p. 107) afirmam que,

A rede urbana da estrutura de mercado dos bagres nas cidades da calha do Rio Solimões entre Tabatinga e Tefé apresenta uma complexidade que envolve todas as condições de sua existência. O fluxo obedece a uma lógica de proximidade com o destino do peixe. Tefé concentra a produção de mais quatro cidades e daí parte, juntamente com todas as outras cidades, para Tabatinga que somará com os fluxos de Benjamim Constant até Letícia.

As pesquisas de Moraes (2012) já haviam evidenciado que a produção pesqueira das principais espécies de bagres do município de Jutai vai diretamente para a cidade de Tabatinga.

Lógica esta, que após quatro anos se manteve a mesma. Ou seja, em 2016 realizou-se as entrevistas nos frigoríficos em Jutá e os seus proprietários afirmaram que os peixes lisos são negociados com compradores colombianos em Tabatinga.

As redes urbanas, assim como outros tipos de redes prescindem de dois elementos básicos: os fixos e fluxos. Sobre estes, Santos (2006, p. 38) afirma que:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (...)

Na rede urbana os fixos são as instituições, organizações, prédios etc. Ou seja, são estruturas fixas na paisagem que podem assumir várias funções ou significados dependendo da ótica que se pretende analisar. Por outro lado, os fluxos são as relações que ocorrem entre os fixos como as comunicações e transportes, ou seja, é o que dá sentido aos fixos. Complementa-se este argumento com as afirmações de Moraes (2012, p. 121) ao afirmar que "O perfil dos fixos e fluxos pode ser estabelecido em função de sua relação com a rede como um todo. Isoladamente, aspectos como sistema financeiro ou abastecimento de combustíveis na cidade poderiam assumir vários perfis (...)

Na rede comercial da pesca os fixos são os frigoríficos, portos ou atracadouros, mercadinhos flutuantes (para fazer o rancho da pesca), auto-posto de gasolina etc. Enquanto os fluxos são as relações comerciais, como as negociações através dos meios de comunicação e os transportes.

Atualmente o comércio de pescado que tem origem na Vila de Copatana utiliza-se dos fixos e fluxos da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. O primeiro fixo é o flutuante frigorífico do Sr. Guidó onde o pescador pode comprar o seu gelo, rancho e gasolina. Posteriormente, na volta da pesca ele vende o seu pescado para o Sr. Guidó. Este, por sua vez, vai dar continuidade à rede, seja negociando com os frigoríficos da cidade de Jutá ou diretamente com os compradores de Tabatinga e/ou Manaus dependendo da espécie do pescado.

Enfim, a rede comercial da pesca e o urbano no Amazonas estão totalmente interligados desde a Vila de Copatana, no município de Jutá, às cidades como Tabatinga e Manaus ou outras

idades fora do estado e do país. Nesta última, a Vila de Copatana pode está interligada a outras cidades além das fronteiras nacionais através do comércio internacional de peixes ornamentais com as relações entre os fornecedores e os receptores de Alevinos de Aruanã e peixes ornamentais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes comerciais da pesca e o urbano no Amazonas são temas discutidos com mais frequência ultimamente pela Geografia Econômica e Urbana, respectivamente. Ou seja, pesquisas sobre tais temas não são mais inéditas mesmo na microrregião do Alto Solimões. Talvez, o novo no nosso trabalho seja exatamente o objeto de pesquisa, isto é, a Vila de Copatana. Desconhece-se outros trabalhos realizados e/ou publicados sobre Copatana sobre este tema ou qualquer outra temática ou área de estudo.

Sobre a categoria de análise utilizada na pesquisa não definimos desde o início nenhuma das categorias de análises da Geografia. Preferimos estar abertos aos resultados da observação em campo e, a partir destes refletimos sobre como a teoria poderia nos auxiliar a entender a realidade na qual nos deparávamos. Admite-se que esta técnica é arriscada quando não se tem mais o controle da situação. Contudo, o risco compensa no sentido de que nada se perde e tudo se abstrai.

Ao final do trabalho acredita-se que os resultados foram mais bem descritos e explicados pela categoria geográfica de região. Pois, no fundo queríamos mais do que apenas descrever as redes comerciais de pesca que partem da Vila de Copatana e a relação desta com a rede urbana local. O que pretendíamos desde o início era compreender a dinâmica (econômica, social, política, territorial etc.) que regia uma Vila de um rio secundário ao principal na microrregião do Alto Solimões/Amazonas com população total acima de mil habitantes. Nesse contexto de região e Geografia Regional, Santos (2013, p. 13) afirma que "A Geografia Regional sempre se ocupou do estudo da organização de um dado espaço. Falo por etapas sucessivas, nas quais o *inventário* dos dados, que muitos preferem denominar *descrição*, precede a análise e as sínteses parciais e finais." Elaborou-se as descrições da Vila por meio dos relatórios de campo e fez-se as análises com a escrita da dissertação.

Antes dos primeiros trabalhos de campo não se tinha nem a certeza se era uma Vila rural ou urbana. Enfim, queríamos desvendar a Vila, mas para tal façanha foi preciso definir um foco, onde à priori, acreditava-se que seria sobre a produção agrícola, tão relevante ao ponto de abastecer a cidade de Jutai. Porém, nos primeiros trabalhos de campo deparou-se com uma Vila com características urbanas que não produzia nem o suficiente para sustentar a sua população.

Aos poucos se percebeu que o caminho era pelo comércio de pescado. Com isso, foi por meio da pesca e dos pescadores que desvendamos a Vila e a complexidade do urbano na Amazônia. O irônico é que antes disso pretendia-se desvendar a Vila.

Nesse sentido, traçaram-se objetivos, tais como: Traçar o perfil urbano da Vila – este foi feito no primeiro capítulo do trabalho; Entender como funciona as estruturas do comércio de pescado na Vila de Copatana – descrito ao longo do segundo capítulo; Analisar a importância da diversidade de pesca para a economia da microrregião do Alto Solimões partindo da Vila Copatana – este objetivo foi alcançado também no capítulo 2. O principal objetivo foi compreender por meio das redes comerciais de pesca o papel da Vila de Copatana na estruturação da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas – tal objetivo foi alcançado no terceiro capítulo ao relacionar o comércio de pescado da Vila de Copatana à rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas.

Diante de tudo, uma das reflexões que chama a atenção é a de que a Vila de Copatana é um importante nó para diversas redes comerciais de pesca, além de outras redes como a do garimpo e dos peixes ornamentais. Tais redes comerciais possuem fluxos e fixos que estão diretamente conectados (ou são partes) da rede urbana da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. Mesmo com infraestruturas precárias e arcaicas relações de trabalho a região de Copatana possui relevante produção de pescado tornando mais complexo a compreensão dessa rede.

Imagine-se então, se houver um pouco mais de infraestrutura, como por exemplo, uma fábrica de gelo na Vila de Copatana. A organização dos pescadores em Cooperativa talvez a questão das precárias relações e condições de trabalho fossem resolvidas. Enquanto aos peixes ornamentais, as autoridades legais já admitiram não ter controle do comércio ilegal dos alevinos de Aruanã, a alternativa pode ser a adoção de um manejo para esta espécie. Em resumo, seria uma melhoria dos fluxos e fixos para melhor fluidez destas mercadorias na rede comercial do pescado na microrregião do Alto Solimões/Amazonas e o reconhecimento destas como características oficiais da rede urbana em questão.

Com este estudo pode-se pensar não só no aprofundamento do conhecimento da região em questão, mas também das diversas formas de abordagens da teoria geográfica, em especial da

Geografia Econômica e Urbana no contexto da Amazônia, contribuindo assim para a compreensão de um vasto território no campo da Geografia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, D. M.; CAMARGO, S. A. F.; CAMARGO, T. R. L. *Acordos de Pesca na Amazônia Brasileira: Princípio da Dignidade da Pessoa Humana e conhecimento Tradicional no Manejo Pesqueiro*. In: Direito, Política e Manejo Pesqueiro na Bacia Amazônica/ Serguei Aily Franco de Camargo e Thaísa Rodrigues Lustosa de Camargo, organizadores. São Carlos: RiMa Editora, 2012. 132p.

AMAZONAS. *Legislação de Pesca e Aquicultura no Estado do Amazonas*. LEI No 11.959, DE 29 DE JUNHO DE 2009.

AMAZONAS. *Biblioteca Virtual do Amazonas*. 2012. Disponível em: www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/municipios. Acesso em Abril de 2016.

BEZERRA, Janderson Meireles. *Relatório de Campo Realizado na Vila de Copatana, município de Jutai-Am*. Maio de 2016.

COSTA, E. A. C.; SCHOR, Tatiana. *Redes urbanas, abastecimento e o café da manhã de idosas na cidade de Tefé, Amazonas: elementos para a análise da Geografia da Alimentação no Brasil*. Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Uberlândia, v. 9, p. 52-73, 2013.

CRUZ, Manoel de Jesus Masulo da. *Territorialização camponesa na várzea da Amazônia*. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIEESE. 2016. Disponível em: www.dieese.org.br. Acesso em Fevereiro de 2017.

ESTADÃO. FUNAI flagra garimpeiros no rio Jutai. 26 de Agosto 2002. Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em Junho de 2016.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahr, 2010.

FERNANDES, Sthephano Mhae Alves. *Vilas e estruturas urbanas na Amazônia: a Vila e a microrregião de Caiambé, Médio Solimões, Amazonas*. 2017. 175f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

GUARESCHI, Pedrinho A. *A cruz e o poder: A Irmandade da Santa Cruz no Alto Solimões*. Petrópolis: Vozes, 1985. 102p.

IBAMA, 2010. *Operação combate tráfico internacional de alevinos de aruanã na Amazônia*. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/index.php?view=article>. Acesso em Junho de 2016.

IBAMA, *Lista de espécies de peixes ornamentais permitidas*. Disponível em www.ibama.gov.br. Acesso em Abril de 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2010.

ICMBIO, 2011. *Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Rio Jutai*.

JUSBRASI-LEGISLAÇÃO. *Código de Pesca – Lei 11959/09*. Disponível <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/817808/codigo-de-pesca-lei-11959-09>. Acesso em Junho de 2016.

LOUREIRO, Violeta Refkalefisky. *Amazônia: história e análise de problemas (do período da borracha aos dias atuais)*. Belém: DistribeL, 2002. 128p.

LUZIA, Jucimar Ribeiro Santa. *Os donos do rio: o processo de exploração e emancipação do rio Jutai (1940-1965)*. 2011. 50p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro de Estudos Superiores de Tefé, Universidade do Estado do Amazonas, Tefé.

MENDES, F. M. M.; QUEIRÓS, F. A. T. *O coronelismo "bem engomado" da Amazônia*. A Palavrada □ Bragança - PA □ Número 2 □ p.79-92. Julho-dezembro/2012. ISSN-2358-0526.

MORAES, André de Oliveira. *Peixes, redes e cidades: aspectos socioambientais da pesca comercial de bagres no Médio e Alto Solimões – AM*. 2012. 140f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

MORAES, A. O.; SCHOR, Tatiana. *Mercado, Tabernas e Feiras: custo de vida nas cidades na Calha do Rio Solimões*. Revista Mercator. V. 9, n. 19, pp.101-115.2010.

MORAES, A. O. SCHOR, T. ALVES-GOMES, J. A. *O Mercado de Bagres e a Configuração da Rede Urbana no Alto e Médio Solimões, Amazonas, Brasil*. Caderno Prudentino de Geografia. V.1, n.32, p.93-110. 2010a.

MORAES, A. O. SCHOR, T. ALVES-GOMES, J. A. *Relações de Trabalho e Transporte na Pesca de Bagres no Rio Solimões – AM*. Novos Cadernos NAEA. Vol. 13, n.1, p.155-170. 2010b.

MORAES, A. O.; TAVARES-PINTO, M. A.; SCHOR, T. *Cesta Básica na ponta do lápis: práticas de pesquisa em Geografia*. Manaus: EDUA, 2016. 74p.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. *As redes geográficas na fronteira da Amazônia*. Revista ACTA Geográfica, ANO II, n°3, jan./jun. de 2008. P.41-57.

ORO, Ari Pedro. *Na Amazônia um messias de índios e brancos: traços para uma antropologia do messianismo*. Petrópolis: Vozes, 1989. 207p.

PROVÁRZEA. *Co-gestão na terra das águas: sistematização final do Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea*. Manaus: IBAMA/ProVárzea-GTZ, 2007. 290p.

RAPOZO, Pedro Henrique Coelho. *Territórios sociais da pesca no Rio Solimões: usos e formas apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso*. Manaus: EDUA, 2015. 214p.

RONCHAIL, J.; ESPINOZA, J. C.; DRAPEAU, G.; MICHOT, V.; FILIZOLA, N. *Hidroclimatologia em torno da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia*. In: Dinâmica urbana na Amazônia brasileira: geografias e cidades na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia – v.3/ Tatiana Schor, Organizadora. Manaus: EDUA, 2016. 265p.

ROSS, J. L. S. *Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação*. Revista do Departamento de Geografia da USP, São Paulo, n 4, 1985.

RUFFINO, Mauro Luis . *Gestão do uso dos recursos pesqueiros na Amazônia*. Manaus: IBAMA, 2005. 135p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. 4° ed. São Paulo: EDUSP, 2006. 260p.

SANTOS, Milton. *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*. Sandra Lencioni (tradução). - 5 ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2013. 136p.

SCHOR, Tatiana e OLIVEIRA, José Aldemir. *Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia Brasileira*. ACTA Geográfica, Boa Vista: UFRR, 2011, Edição Especial "Cidades na Amazônia Brasileira". p. 15-30.

TAVARES-PINTO, Moisés Augusto. *A Caça e a Pesca na beira de Tabatinga: Um Estudo do Mercado de Recursos Naturais na Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia-Peru*. 2015. 169f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

TAVARES-PINTO, Moisés Augusto. *Relatório de Campo Realizado na Vila de Copatana, município de Jutai-AM*. Fevereiro de 2016.

VAN VLIET, N., M. P. Quiceno, D. Cruz, L. J. Neves de Aquino, B. Yagüe, T. Schor, S. Hernandez, and R. Nasi. *Bushmeat networks link the forest to urban areas in the trifrontier region between Brazil, Colombia, and Peru*. Ecology and Society, 2015.

APÊNDICES

Cautela de empréstimo das balanças portáteis para os monitores/pescadores da Vila de Copatana.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira

USAM

CAUTELA DE EMPRÉSTIMO DE EQUIPAMENTO DO NEPECAB

COMPROMETO-ME pelo presente documento a zelar pelo material abaixo emprestado em meu nome, e devolver em perfeitas condições. A meus cuidados assumo pelos danos que, porventura, vierem a ser causados.

Item	QTD	DESCRIÇÃO DO EQUIPAMENTO	NOME	ASSINATURA	DI. RETIRADA	DI. DEVOLUÇÃO
01	1	Balança Nº 9	Galileide Corzoza	Rafaela	17/02/16	
02	1	Balança Nº 8	Vanessa Pischke	CS TILHO	18/02/16	
03	1	Balança Nº 8	OSÉNILDO GOMES BEZERRA	Osvaldo	18/02/16	
04	1	Balança Nº 5	Valdeane Borges	Valdeane	20/02/16	
05	1	Balança Nº 1	Raimundo Paulo	Raimundo	20/02/16	
06	1	Balança Nº 6	Francisquini Martins Silva	Guilherme	20/02/16	
07	1	Balança Nº 7	Monica da Silva	Silvia	19/03/16	
08	1	Balança Nº 7	Monica da Silva	Silvia	19/03/16	
09	1	Balança Nº 2	Thalysse Estiva	Leandro Aguiar	17/03/16	
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado: "Segurança alimentar e a rede urbana na Amazônia: um estudo diagnóstico das vilas na microrregião do Alto Solimões, Amazonas, Brasil" financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/FAPEAM e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq. Estes sob a coordenação e a responsabilidade da Profa. Dra. Tatiana Schor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Campus Manaus.

Este projeto busca entender a agricultura familiar e o extrativismo praticados no Amazonas e, por conseguinte, nesta microrregião do Alto Solimões. A pesquisa visa analisar as estruturas de comercialização dos produtos e a segurança alimentar no município. Diante disso, este projeto apresenta as seguintes questões: (I) Qual a importância das vilas neste abastecimento? (II) De que forma o comércio é organizado? (III) Qual a estrutura existente nestas localidades? Para isso serão traçados os perfis de produção e abastecimento a partir de um diagnóstico da produção rural e a identificação dos fluxos de mercadorias campo-cidade. Considera-se que a discussão sobre a segurança alimentar, a vulnerabilidade hidrológica e os impactos das estruturas comerciais na produção local é de extrema importância para se subsidiar políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura local e da rede urbana microrregional.

Buscamos junto as prefeituras municipais o apoio em termos de acesso aos dados secundários disponíveis e nos comprometemos a retornar ao município e realizar atividades que tenham como objetivo divulgar os resultados obtidos.

10 de maio de 2016.

Tatiana Schor
tschor@ufam.edu.br
Departamento de Geografia /
UFAM

Profa. Dra. Tatiana Schor
Departamento de Geografia – UFAM Manaus
Fones: (092) 99222-5518 – (092) 3305-4667

Prefeito

ESTADO DO AMAZONAS	
PREFEITURA MUNICIPAL DE JUTAI	
Secretaria Municipal de Planejamento e Assuntos Estratégicos	
PROTOCOLO Nº	18
DATA	25/05/2016
HORA	min
Nome	Tatiana Schor
Matrícula	

Termo de Anuência entregue ao Comitê de Ética da UFAM.



UFAM

No

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DAS CIDADES NA AMAZÔNIA – NEPECAB
QUESTIONÁRIO RELAÇÕES CIDADE-VILA



(2016_12_ _ _ _Copatana_ Jm)

Faixa Etária Do Entrevistado:(18-24)(25-29)(30-39) (40-49) (50-59) (60-69) (70+)

Genero: (F) (M) (Outro)

Local Do Domicílio Na Vila: (Centro)(Beira)(Bairro Proximo Ao Centro) (Bairro Distante)

Número Aproximado De Residentes: (menor Ou Igual 4) (de 5 A 10) (mais 10)

Principal Fonte De Renda Monetária: (recurso Gov Federal) (rec. Gov Estadual) (func Publico) (empresario) (comerciante) (assalariado) (extrativista) (pescador) (agricultor) Outro: _____)

Propriedade De Meios De Transporte:

(bicy) (moto) (carro) (camionete) (canoa) (rabeta) (lancha) (barco)

Meios De Transporte Do Domicilio Alem Dos Proprios:

(bicy) (moto) (carro) (camionete) (canoa) (rabeta) (lancha) (barco)

Frequência De Ida A Cidade (INDICAR Qual Cidade _____)

(diariamente)(semanalmente) (mensalmente)(semestralmente)(nunca)

Tempo De Permanencia Na Cidade:

(horas)(dia)(pernoita)(varios Dias)(Semana)(Mais De Uma Semana)

Tem Local Para Ficar Na Cidade

(não) (Casa Propria)(Casa De Parentes) (casa De Amigos)(Outro _____)

Atividade Desenvolvida Na Cidade:

(venda De Producao)(Venda Peixe)(Venda Caça)(Outra Venda)

(compra Comida)(Compra Remédio)(Compra Utensilios/ Roupas)(Outra Compra)

(ida Banco-Loterica)(Ida Saúde)(Ida Judiciário)

(passeio)(visita Parente)

Custo Aproximado Para Chegar A Cidade (até R\$25,00)(De R\$25-50)(Der\$50-100)(Mais De R\$100)

Transporte Para A Cidade (proprio)(carona Grátis)(Carona Paga Gasolina)(Recreio)(Lancha)

Companhia Para O Percurso (só)(com Familiares) (com Amigos)(Com Colegas De Trabalho)

Período Que Mais Frequenta A Cidade

(dia De Pagamento)(Festas)(Seca)(Cheia)(Safra _____)

No Último Ano Permaneceu Mais De Uma Semana Continuamente Na Cidade? Motivo.

(não) (sim _____)

Rubrica Entrevistado E Entrevistador

() ENTENDO Que Este Questionário Será Utilizado Para Fins De Pesquisa Acadêmica Coordenado Pela Profa. Tatiana Schor. Respondo Por Livre Espontanea Vontade E Sinto-Me Esclarecido Sem Prejuizo Algum.

Rubrica Entrevistado E Entrevistador

Roteiro para o formulário de pesquisa junto aos órgãos de pesca de Jutai

1. Tipo de órgão de pesca

Associação

Sindicato

Outro.

2. Qual o ano de instalação?

3. Possui quantos associados atualmente? Quantos de Copatana? Todos recebem o Seguro Defeso?

4. Em média qual a produção (em kg) mensal dos pescadores associados? Se possível, apenas os de Copatana?

5. Possui algum tipo de parceria com algum outro órgão público ou privado?

6. Nome do atual presidente ou principal responsável pelo órgão.

7. Quantos funcionários trabalham no local ou à serviço deste?

Roteiro para o Formulário de Pesquisa Junto aos Frigoríficos

Data. Frigorífico. Comunidade/Cidade. Município. Coordenadas. Responsável.

1. Aspectos Legais

Razão Social?

Nome Fantasia do Frigorífico?

Possui CNPJ?

Possui SIF(Serviço de Inspeção Federal)?

Possui inscrição na secretaria estadual e/ou municipal de produção rural?

Possui alguma relação/parceria/cadastro com as colônias/associações de pescadores?

2. Infraestrutura

As instalações são em flutuantes ou em terra firme ou nos dois ambientes? Qual o motivo da localização?

Como funciona o abastecimento de água, energia elétrica e telefonia fixa?

Como procede com o descarte dos resíduos (cabeças, vísceras, etc.)?

Possui quantas câmaras frigoríficas?

Qual a capacidade de estocagem das câmaras?

Possui fábrica de gelo? Qual a capacidade de produção?

Possui barco? Quantos? Com qual função cada?

Existe algum equipamento de beneficiamento?

Qual tipo de beneficiamento do pescado é realizado?

Recebeu algum financiamento para adquirir algum dos equipamentos? Quais? Que financiamentos?

3. Situação na rede de comercialização

Tem parceria com outra empresa (frigorífico ou frete)? Qual empresa? Que tipo?

Possui filial ou é filial de algum frigorífico?

Como efetua negociação com o pescador?

Como efetua negociação com outros frigoríficos?

De quem tem comprado pescado?

Para quem tem vendido pescado?

Atualmente tem negociado com quais frigoríficos/municípios?

4. Trabalho e Emprego

Quantos funcionários têm no frigorífico atualmente?

Quantos funcionários são da família? E quantos são externos?

Quais são as ocupações existentes?

Como funciona a remuneração dos funcionários?

Quantos possuem carteira assinada?

De que forma é feita a contabilidade do frigorífico?

Existe a contratação de algum profissional externo para algum tipo de trabalho? Qual?

5. Relação com os pescadores

Tem pescadores trabalhando para o frigorífico? Quantos? Há algum tipo de cadastro realizado?

Como se estabelece o contrato/acordo com o pescador?

Que itens foram/são financiados aos pescadores que trabalham com o frigorífico?

6. Pescado

Com quais tipos de pescado trabalha?

Quais as atuais origens e destinos de cada tipo?

Tabela de preço do pescado.

Qual tipo de peixe gera mais lucro?

Em média qual a quantidade (em toneladas) de pescado é comprada mensalmente?

7. Destino do pescado

Quais tem sido o(s) destino(s) do pescado? Quais os motivos de tais destinos?

Há algum contrato/acordo com algum frigorífico maior atualmente? De quem partiu a iniciativa?

8. Relação com outras atividades comerciais

O proprietário possui lojas ou qualquer outro estabelecimento comercial?

Qual atividade foi iniciada primeiro? Por quê?

Atualmente qual a atividade principal? A que gera mais lucro?

Roteiro para o Formulário de Pesquisa Junto aos Pescadores

Data. Pescador. Comunidade/município. Responsável.

1. Informações pessoais.

Nome. Idade. Tem família? Mulher, filhos (quantos)? Quanto tempo mora na Vila Copatana?

2. O pescador

Quanto tempo trabalha com a pesca?

É associado a alguma associação ou sindicato de pescadores? Recebe o Seguro Defeso?

Recebe outros benefícios do governo como Bolsa Família?

Exerce outra atividade profissional fora a pesca, como agricultura?

3. Organização para a pesca

Como eles se organizam para a atividade da pesca?

Possuem os seus próprios instrumentos de trabalho?

Eles mesmos arcam com as despesas da pescaria ou são financiados por terceiros?

4. Captura e comercialização do pescado

Quais as espécies mais capturadas?

Utilizam os mesmos instrumentos para a captura de espécies diversas?

Como conservam o seu pescado até o momento da venda?

Para quem vendem esse pescado? Qual o preço de cada espécie por kg?

5. Os peixes ornamentais

Quais espécies de peixes são comercializadas como ornamentais?

5.1 A captura

Como os peixes ornamentais são capturados?

Quais os apetrechos de pesca utilizados?

Qual o principal período do ano que ocorre a captura?

Como os peixes são conservados após serem capturados?

Quantos pescadores podem estar envolvidos numa captura?

5.2 O transporte e os destinos

Como essas espécies são transportadas? Como sobrevivem à viagem? Quem os transportam? Quais as estratégias para não serem pegos em flagrantes (no caso do comércio clandestino de ornamentais)?

Quais os principais destinos? Quais valores podem alcançar?

Formulário para pesquisa junto ao Posto de saúde e à escola da Vila

1. Saúde- Unidade Básica de Saúde.

Número de funcionários; Número de Médicos – nome / especialidade / horário de atendimento /local de nascimento (tem programa “Mais Médicos”? Quantos?); Buscar informações acerca das principais doenças e seu período.

2. Escolas

Número de funcionários(serviços gerais, conzinheiras, secretários, pedagogos, professores e gestor – nome do atual gestor) / séries / Municipais ou Estaduais/ Escolas Indígenas. Número total de estudantes matriculados. Há quantos anos a escola funciona?

Histórico da Vila Copatana

1. Quando a Vila Surgiu? Como surgiu? Sempre teve este nome? Origem do nome? Teve alguma influência religiosa? Qual?
2. A Vila Já teve outra localização (se sim, qual o motivo da mudança de sítio?) ou sempre foi no mesmo local que se encontra atualmente?
3. Quais os primeiros moradores? Quantos ainda estão vivos? Quais as famílias mais antigas? De onde vieram?
4. Os moradores se consideram habitantes de várzea ou de terra firme? O regime hidrológico influencia muito ou pouco no cotidiano das pessoas?
5. A Vila sempre viveu da pesca ou praticava outra atividade econômica? E por que passou a se dedicar à pesca, prioritariamente?
6. A Vila possui Associação de moradores? Desde quando? Ainda funciona? Quem é o presidente comunitário?
7. A Vila possui Luz Para Todos? Desde quando? Água encanada? Telefone? Internet?

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS DA CESTA BÁSICA

Produto	U. M.	P1	P2	P3	P4	P5
Açúcar	1kg					
Arroz	1kg					
Cafê em pó	250g					
Coloral	100g					
Farinha	1kg					
Feijão (jalo)	1kg					
Frango C.	1kg					
Leite em pó	400g					
Macarrão (espaguete)	500g					
Manteiga	500g					
Margarina	250g					
Óleo de Soja	900ml					
Ovos	dúzia					
Pim. Do Reino (em pó)	100g					
Sal	1kg					
Vinagre (tinto)	500ml					

Produto	U. M.	Preço
Pão Francês	Unidade	

REGISTRO FOTOGRÁFICOS



Elaboração dos croquis da Vila de Copatana pelos alunos da E.M. São Sebastião de Copatana.



Apresentação dos croquis da Vila na Quadra Poliesportiva de Copatana sendo prestigiada pelos próprios alunos, professores e comunitários.